

Contributo(s) do Educador Social para o desenvolvimento da Literacia Financeira de crianças: Estudo de Caso no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Diana Inês Morais Afonso

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Educação Social - Educação e Intervenção ao Longo da Vida

Orientada por
Elza da Conceição Mesquita

Bragança
Junho, 2024

Agradecimentos

*“Semear educação financeira na infância
é colher prosperidade na vida adulta.
Não é magia, é economia!”*

– Mário Centeno, ex-Ministro das Finanças de Portugal

Decididamente, este trabalho não é apenas uma conquista individual, pois, apesar de a força de vontade e da persistência me trazerem até aqui, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que, de uma forma, ou de outra, fizeram parte desta jornada. Seriam tantos os agradecimentos a deixar que as palavras se tornam poucas, mas sentidas.

Acima de tudo, começo por agradecer à minha orientadora, professora Elza Mesquita, pelo profissionalismo demonstrado, pela ajuda e dedicação incessantes, pelos constantes incentivos, preocupação e apoio, pela paciência e principalmente, pela disponibilidade manifestada ao longo deste ano. Estou-lhe grata.

Agradeço também à professora Ana Pereira, pelo enorme envolvimento no desenvolvimento dos recursos pedagógicos e pela paixão inspiradora que tem em ensinar os mais novos, sem si não seria possível.

A todas as crianças e professores implicadas, obrigada pela participação, colaboração e cooperação! Foi um prazer.

À Ana Filipa Pires Rodrigues, colega do 2.º ano do Curso de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, pelo seu envolvimento e dedicação na redação da narrativa “Família Money: uma aventura de educação financeira”. Obrigada pelo excelente texto.

À Daniela Filipa Raminhos Rocha pela disponibilidade e tempo despendidos, inicialmente, nos esboços das ilustrações para a narrativa.

Um especial agradecimento para a minha família, sobretudo à minha mãe e à minha avó, por me apoiarem incondicionalmente e acreditarem sempre em mim, por lutarem diariamente para que seja bem-sucedida e pelo orgulho que partilham em cada uma das minhas conquistas. Muito obrigada.

Gostaria de agradecer à minha grande amiga Cátia Vieira, pelos conselhos e por acreditar, sempre, nas minhas capacidades.

Agradeço também “aos amigos para sempre” que fiz nesta caminhada, em especial à minha colega e amiga Marta Machado, por ter partilhado tanto comigo e por ser, sem dúvida, um pilar.

A todos/as os/as professores/as que, direta e indiretamente, contribuíram para esta realização profissional, tão importante na minha vida.

E a todos os que se preocuparam, que estiveram sempre ao meu lado, e àqueles que não mencionei, mas que acreditaram sempre em mim... Obrigada, do fundo do coração!

Resumo

Atualmente verifica-se uma crescente preocupação associada ao nível de Literacia Financeira dos cidadãos e cidadãs e, apesar da existência de diversas iniciativas e projetos na área da Educação Financeira, ainda é necessário percorrer um longo caminho. A escolha deste tema segue essa mesma linha de pensamento, pois é fundamental que a formação financeira aconteça desde cedo, enquanto crianças, e ao longo de toda a vida, para formar pessoas capazes de tomar decisões financeiras mais informadas, conscientes e responsáveis. O presente trabalho de investigação, desenvolvido para a obtenção do grau de Mestre em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida (MES-EILV) intitula-se *Contributo(s) do Educador Social para o desenvolvimento da Literacia Financeira de crianças: Estudo de Caso no 1.º ciclo do Ensino Básico* e partiu da seguinte questão-problema: *Como pode o educador social desempenhar um papel promotor do desenvolvimento da Literacia Financeira com crianças?* Para lhe darmos resposta(s) definimos os seguintes objetivos: (i) *Perceber a importância da educação financeira em idades precoces e as implicações que a (i)literacia financeira pode ter nas aprendizagens das crianças;* (ii) *Desenvolver um jogo educativo que aborde questões relacionadas com a educação financeira;* (iii) *Analisar a eficácia do jogo como recurso pedagógico eficiente para a construção do conhecimento relacionado com a literacia financeira;* (iv) *Identificar o papel do educador social e analisar de que forma as suas funções podem ser adaptadas para a promoção da literacia financeira nas escolas;* e (v) *Inferir propostas de melhorias e possíveis recomendações para futuras intervenções.* Assim sendo, o estudo teve como participantes 5 professores e 5 turmas dos 3.º e 4.º anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico e situa-se no paradigma interpretativo, mais especificamente, na realização de um estudo de caso com recurso a várias técnicas e instrumentos de recolha de dados (entrevista, guião de entrevista, observação participante, notas de campo) e análise de conteúdo para o tratamento dos dados através da criação de categorias e subcategorias. Os resultados apresentam-se encorajadores pois, os professores consideram a Educação Financeira um tema importante a ser explorado com crianças e o recurso pedagógico desenvolvido mostrou que, de facto, o jogo é um método eficaz para o desenvolvimento de conhecimentos financeiros por parte das crianças, verificando-se que o educador social é um profissional crucial para a dinamização de intervenções no âmbito financeiro.

Palavras-chave: Literacia Financeira; Educação Financeira; Jogo Escape Room; Educação Social.

Abstract

Currently, there is a growing concern regarding the level of Financial Literacy among citizens, and despite the existence of various initiatives and projects in the field of Financial Education, there is still a long way to go. The choice of this topic follows this line of thought, as it is crucial for financial education to begin early, during childhood, and continue throughout life, in order to develop individuals capable of making more informed, conscious, and responsible financial decisions. This research work, developed to obtain a Master's degree in Social Education – Education and Intervention Throughout Life (MES-EILV), is entitled *The Contribution(s) of the Social Educator to the Development of Financial Literacy in Children: A Case Study in the 1st Cycle of Basic Education* and started with the following research question: How can the social educator play a promoting role in the development of Financial Literacy among children? To address this, we defined the following objectives: (i) Understand the importance of financial education at early ages and the implications that financial (il)literacy can have on children's learning; (ii) Develop an educational game that addresses issues related to financial education; (iii) Analyze the effectiveness of the game as an efficient pedagogical resource for building knowledge related to financial literacy; (iv) Identify the role of the social educator and analyze how their functions can be adapted to promote financial literacy in schools; and (v) Infer proposals for improvements and possible recommendations for future interventions. Therefore, the study involved 5 teachers and 5 classes from the 3rd and 4th years of the 1st Cycle of Basic Education and is situated within the interpretative paradigm, specifically, conducting a case study using various data collection techniques and instruments (interview, interview guide, participant observation, field notes) and content analysis for data processing through the creation of categories and subcategories. The results are encouraging as the teachers consider Financial Education an important topic to explore with children, and the developed pedagogical resource demonstrated that, indeed, the game is an effective method for the development of children's financial knowledge, confirming that the social educator is a crucial professional for driving financial interventions.

Keywords: Financial Literacy; Financial Education; Escape Room Game; Social Education.

Siglas, abreviaturas e acrónimos

MES-EILV – Mestrado em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida

REF – Referencial de Educação Financeira

LF – Literacia Financeira

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

BP – Banco de Portugal

EF – Educação Financeira

IL – Iliteracia Financeira

DGE – Direção Geral de Educação

ME – Ministério da Educação

PNFF – Plano Nacional de Formação Financeira

MEC – Ministério da Educação e Ciência

ERE – Escape Room Educativo

CATL – Centro de Atividade de Tempos Livres

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

2.º CEB – 2.º Ciclo do Ensino Básico

Índice Geral

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	v
Siglas, abreviaturas e acrónimos	vii
Índice geral	ix
Índice de Figuras e Tabelas	xi
Introdução	1
Capítulo I. Enquadramento teórico.....	5
Nota introdutória.....	5
1. Literacia Financeira <i>versus</i> Educação Financeira.....	5
1.1. Importância da exploração da Educação Financeira com crianças.....	8
1.2. Projetos/Iniciativas desenvolvidas no âmbito da Educação Financeira.....	14
1.3. O papel da Educação Social na promoção da Educação Financeira em contexto escolar.....	17
2. Importância do jogo na educação.....	19
2.1. O Escape Room Educativo: uma ferramenta inovadora para a aprendizagem.....	20
2.2. Histórias que ensinam: o poder das narrativas na Educação Financeira.....	23
Capítulo II. Opções metodológicas e contextualização do estudo.....	27
Nota introdutória	27
1. Abordagem metodológica.....	27
1.1. Questão-problema	30
1.2. Objetivos do estudo.....	30
1.3. A entrevista como técnica de recolha de dados.....	30
1.4. Recolha de dados: a observação participante como técnica	33
2. Técnicas de análise e tratamento de dados.....	40
Capítulo III. Apresentação, tratamento e análise dos dados	45
Nota introdutória.....	45
1. Caracterização sociodemográfica.....	45
1.1. Caracterização do docente e das suas funções.....	45
1.2. Caracterização das crianças.....	48
2. Análise da entrevista aos professores.....	48

2.1.Importância da exploração de conceitos sobre Educação Financeira com crianças..	49
2.2. Eficácia do jogo como Recurso Pedagógico.....	54
2.3. Percepções dos/as professores sobre o(s) contributo(s) do educador social em contexto escolar.....	58
3. Análise do jogo “Escape Room – Educação Financeira - A Família Money”	62
Considerações finais	69
Referências bibliográficas.....	79
Apêndices.....	85

Índice Figuras e Tabelas

Figura 1 – Temas, subtemas e objetivos: Diferentes níveis de educação e ensino	12
Figura 2 – História (e-book) “Família Money - Uma aventura de educação financeira”	34
Figura 3 – Escape Room - Informações na entrada.....	36
Figura 4 – Escape Room - Desafios da Missão 1	36
Figura 5 – Escape Room - Desafios da Missão 2	37
Figura 6 – Escape Room - Desafios da Missão 3	38
Figura 7 – Escape Room - Desafios da Missão 4	38
Figura 8 – Escape Room - Saída bem-sucedida	39
Figura 9 – Escape Room - Mensagens de incentivo	39
Figura 10 – Desenvolvimento de uma análise	41
Figura 11 – Kit didático sobre Educação Financeira	62
Tabela 1 – Categorização realizada a partir do pré-teste	42
Tabela 2 – Categorização para avaliação dos conhecimentos (pré e pós) jogo	43
Tabela 3 – Categorias e Subcategorias do Bloco 2 (Caracterização do docente e das suas funções)	46
Tabela 4 – Categorias e Subcategorias do Bloco 3 (Importância da exploração de conceitos sobre Educação Financeira com crianças)	49
Tabela 5 – Categorias e Subcategorias do Bloco 4 (Eficácia do jogo como recurso pedagógico)	54
Tabela 6 – Categorias e Subcategorias do Bloco 5 (Percepções dos/as professores sobre o(s) contributo(s) do educador social em contexto escolar)	59

Introdução

Este trabalho académico resulta de uma investigação desenvolvida no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida (MES-EILV) que intitulamos *Contributo(s) do Educador Social para o desenvolvimento da Literacia Financeira de crianças: Estudo de Caso no 1.º ciclo do Ensino Básico*. Com esta investigação pretendemos dar resposta à seguinte questão: *Como pode o educador social desempenhar um papel promotor do desenvolvimento da Literacia Financeira com crianças?* E, partindo dos desafios que a própria questão de investigação nos suscita, consideramos definir os seguintes objetivos:

- Perceber a importância da educação financeira em idades precoces e as implicações que a (i)literacia financeira pode ter nas aprendizagens das crianças;
- Desenvolver um jogo educativo que aborde questões relacionadas com a educação financeira;
- Analisar a eficácia do jogo como recurso pedagógico para a construção do conhecimento relacionado com a literacia financeira;
- Identificar o papel do educador social e analisar de que forma as suas funções podem ser adaptadas para a promoção da literacia financeira nas escolas;
- Inferir propostas de melhorias e possíveis recomendações.

A escolha do tema foi rápida e intuitiva para nós, pois, já tínhamos interesse relativamente ao tema da Literacia Financeira (LF) e na influência que ela exerce nas nossas decisões, especialmente quando o nível de conhecimentos é limitado ou inexistente. Além disso, a nossa orientadora trabalha indiretamente com crianças e acredita firmemente na importância de educar as gerações mais novas para que aprendam a lidar com o dinheiro e se tornem financeiramente responsáveis. Essa educação, segundo ela, tem o potencial de transformar a sociedade a longo prazo.

A Educação Financeira (EF) é um tema que se tem destacado nos últimos anos, tanto a nível nacional como internacional. Porém, em Portugal, esta preocupação ainda é relativamente recente, uma vez que só se começou a dar relevância à EF a partir da crise económica de 2011 (Peres, 2021).

Atualmente, a EF é considerada fundamental para acompanhar a evolução de uma sociedade (cada vez mais consumista) e para garantir uma melhor qualidade de vida, isto é, uma vida financeira saudável e equilibrada. Por isso, é crucial apostar nesta formação ao longo de toda a vida, especialmente a partir da infância, para capacitar as crianças e minimizar os danos que a falta de LF poderá causar no futuro. Neste sentido, a escola

apresenta-se como um contexto privilegiado no que concerne à educação e formação, uma vez que poderá consciencializar uma quantidade significativa de pessoas, além das crianças, também as famílias e toda a comunidade escolar, para a importância da EF. Assim sendo, através da EF será possível melhorar o nível de LF de todos os implicados e torná-los idóneos para enfrentar os desafios financeiros que possam surgir.

No nosso entender, a criança deve ter contacto e estabelecer uma relação saudável com o dinheiro desde cedo. Isso não apenas para a ajudar a reconhecer o seu valor e a administrar os recursos disponíveis de acordo com as necessidades, mas também para criar hábitos financeiramente saudáveis como ganhar, gerir e poupar. Além disso, essa educação permite que as crianças façam escolhas mais assertivas, informadas, conscientes e responsáveis.

No que diz respeito à estrutura, esta dissertação encontra-se organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, referente ao enquadramento teórico, apresenta a pesquisa bibliográfica/revisão da literatura realizada, no sentido de aprofundar o entendimento sobre o tema e conhecer o que já foi feito cientificamente. Para tal, começamos por explorar os conceitos de LF e EF e averiguar a importância da EF nas crianças, bem como os projetos e iniciativas já desenvolvidas neste âmbito. De seguida, investigamos o papel do educador social em contexto escolar como possível promotor de EF, e clarificamos os benefícios do jogo, mais especificamente o formato *Escape Room*, na educação. Como salientam Batista, et al. (2021) “a pesquisa bibliográfica torna evidente a escolha do material textual que auxiliará no desenvolvimento da temática proposta, estabelecendo um diálogo mais reflexivo entre o objeto de estudo e as teorias que os sustentam” (p.51).

No segundo capítulo, contextualizamos o estudo e fazemos referência às opções metodológicas. Apresentamos o problema de partida e definimos os objetivos, tendo em consideração os pontos discutidos anteriormente e a metodologia apropriada para a recolha e análise de dados. De realçar que, com vista à concretização dos objetivos, foi desenvolvido um estudo de caso de carácter qualitativo. Segundo Ludke e André (1989), citados por Amado e Freire (2017), os estudos de caso (i) “visam a descoberta” e “ênfatizam a interpretação em contexto” (p.144); (ii) “visam retratar a realidade de forma completa e profunda” e, por isso “usam uma variedade de fontes de informação, de abordagens e técnicas” (p.144); e (iii) “permitem generalizações naturalistas e ecológicas” (em situações semelhantes) pois “procuram representar os pontos de vista diferentes” (p.145).

Posteriormente, detalhamos os procedimentos adotados e as técnicas e instrumentos utilizados na recolha de dados. Descrevemos os passos para a elaboração do guião de

entrevista direcionado aos professores e a construção do recurso educativo de EF para as crianças do 1.º ciclo do Ensino Básico (CEB), incluindo os testes e validações realizadas, até à implementação e apresentação dos mesmos. Fazemos ainda referência à técnica de análise e tratamento de dados (análise de conteúdo) e à respetiva codificação e categorização.

No terceiro e último capítulo, procedemos à análise e discussão dos dados recorrendo à análise de conteúdo e tendo em conta os autores referenciados no enquadramento teórico, considerando as seguintes dimensões:

- Perceção dos professores sobre a importância da educação financeira em idades precoces, a eficácia do jogo como recurso pedagógico eficiente e o papel do educador social enquanto promotor da literacia financeira nas escolas;
- Conhecimentos financeiros das crianças participantes a priori e a posteriori da participação no recurso construído (história e jogo Escape Room).

Ainda neste capítulo fazemos a caracterização sociodemográfica dos participantes.

Nas considerações finais, refletimos sobre os resultados do estudo, adotando uma postura ponderada e construtiva. Destacamos as principais conclusões focadas nos objetivos traçados anteriormente, bem como as limitações e eventuais sugestões/propostas para trabalhos futuros.

Finalmente, consideramos que o tema da dissertação é tanto atual como pertinente e pretendemos contribuir para o aumento do nível de LF da camada mais jovem da população em Portugal através de intervenções socioeducativas dirigidas pelo educador social. Acreditamos que este profissional é essencial para colaborar com outros profissionais no contexto educativo.

Capítulo I. Enquadramento Teórico

Nota introdutória

Neste capítulo apresentamos a fundamentação teórica que consideramos pertinente no âmbito da investigação em causa. Inicialmente são abordados os conceitos *Literacia Financeira* (LF) e *Educação Financeira* (EF), no sentido de explorar a sua interdependência. Posteriormente, refletimos acerca da importância da EF nas crianças, discutindo os projetos e iniciativas já desenvolvidos, e analisamos o possível contributo do Educador Social em contexto escolar. Por fim, examinamos a eficácia do jogo como recurso pedagógico.

1. Literacia Financeira *versus* Educação Financeira

No dicionário Priberam da língua portuguesa¹, o conceito de literacia é-nos apresentado como a capacidade de ler e escrever, bem como interpretar e perceber aquilo que é lido, ou seja, refere-se ao uso das competências propriamente ditas e não apenas à sua obtenção.

Portanto, quando falamos em literacia, estamos a referir-nos a competências que tornam os indivíduos mais independentes. Segundo Pérez Gómez (2011), competência é a integração, mobilização e adequação de conhecimentos, habilidades e atitudes. Essa competência permite enfrentar com sucesso desafios complexos em contextos específicos. A competência torna-se, assim, numa habilidade fundamental para o sucesso individual e coletivo. Mais do que a simples posse de conhecimentos, a competência reside na capacidade de integrar, mobilizar e aplicar esses conhecimentos de forma eficaz em situações reais. Através da literacia, o indivíduo torna-se apto para analisar criticamente o mundo ao seu redor, tomar decisões conscientes e resolver problemas de forma criativa em diversas áreas. Neste contexto a LF configura-se como uma área crucial da literacia, aplicando os seus princípios ao âmbito financeiro, traduzindo-se na capacidade de compreender e utilizar:

- Conhecimentos - compreender conceitos financeiros, como juros, investimentos, orçamento, e riscos associados a diferentes produtos financeiros.

¹ Fonte: <https://dicionario.priberam.org/literacia>

- Habilidades - saber aplicar esses conhecimentos na prática, como fazer um planejamento financeiro, comparar opções de crédito ou investir de forma consciente.
- Atitudes - desenvolver uma postura crítica e responsável em relação às finanças, evitando comportamentos de risco e procurando a melhoria do bem-estar financeiro.

De acordo com Pérez Gómez (2011), a competência constitui um “saber fazer” complexo e adaptativo. Isso significa que não se trata de um conhecimento aplicado de forma mecânica, mas sim reflexiva, capaz de se adequar a diversos contextos.

A definição de Huston (2010) sobre LF vai nesse sentido, uma vez que vai mais além da mera posse de informações. O autor refere que a literacia se manifesta na capacidade de utilizar o conhecimento adquirido para se poderem tomar decisões financeiras conscientes e assertivas. Ele propõe o seguinte modelo bidimensional da LF:

- Compreensão - abrange o conhecimento de conceitos e princípios financeiros básicos, como orçamento, poupança, investimentos e gestão de dívidas.
- Utilização - refere-se à aplicação prática do conhecimento adquirido na tomada de decisões financeiras cotidianas.

No entanto, Mceecdy (2009) refere que a LF se traduz na aplicação de conhecimentos, compreensões, habilidades e valores em contextos financeiros e de consumo. Essa visão destaca o papel crucial da LF na tomada de decisões conscientes que impactam o indivíduo, a comunidade e até mesmo o meio ambiente. Isto significa que a LF não se limita apenas à gestão de dinheiro, mas também engloba a compreensão do impacto das decisões de consumo nos valores individuais e na sociedade como um todo. Pois, muitas vezes, as escolhas financeiras podem ter consequências além do âmbito individual, afetando o meio ambiente e as gerações futuras.

Segundo Orton (2007), citado no *Referencial de Educação Financeira* (REF), a Literacia Financeira (LF) “consiste nos conhecimentos específicos relacionados com assuntos monetários, económicos ou financeiros, e nas decisões que o indivíduo é capaz de tomar sobre estes assuntos” (Dias et al., 2013, p.5). No fundo, esta ideia de LF vai mais além dos conhecimentos financeiros associados à gestão das finanças pessoais, envolvendo também a forma como esses mesmos conhecimentos afetam os nossos comportamentos e atitudes quando tomamos decisões (Pacheco et al., 2016).

Do mesmo modo, a *Organização para a Cooperação e Desenvolvimento* (OCDE) (2013), define a LF como sendo “o conhecimento e compreensão de conceitos e riscos

financeiros, bem como a capacidade de aplicar este conhecimento e compreensão para tomar decisões económicas que melhorem o bem-estar financeiro da sociedade e do próprio” (como citada por Peres, 2021, p.31).

Contudo, a definição mais utilizada a nível internacional, segundo o Banco de Portugal (2010), é a de Schangen (1997), a qual nos indica que “a literacia financeira é a capacidade de fazer julgamentos informados e tomar decisões corretas tendo em vista a gestão do dinheiro” (p.16).

Com o aumento da preocupação sobre as questões financeiras, na sociedade em geral, e com o objetivo de desenvolver essa capacidade nas crianças, surge um novo conceito, a Educação Financeira (EF). A EF, conforme mencionam Santiago, et al. (2017), sustentados em dados da OCDE (2005), é

o processo pelo qual os indivíduos melhoram os seus conhecimentos sobre conceitos e produtos financeiros através de programas de formação, instrução, ou outras ferramentas introduzidas com o objetivo de desenvolver capacidades e aumentar a confiança a respeito da sua situação financeira individual. Esta tem por objetivo tornar as pessoas mais conscientes de alguns riscos financeiros e de oportunidades de investimento, consumo e poupança. (p.10).

De uma forma mais simplificada, a EF é um conjunto de informações que nos permite melhorar a gestão do dinheiro e a LF é o conhecimento de temas e conceitos financeiros, por parte dos cidadãos, úteis à gestão do dinheiro e do orçamento familiar e que facilitam o processo de tomada de decisões financeiras, de modo a garantir uma melhor qualidade de vida económica. Assim sendo, os dois termos estão intimamente relacionados, pois, a EF possibilita e potencia a LF, tal como nos comprova Pontes (2016):

Se por um lado, a literacia financeira é a capacidade de compreender e saber aplicar conhecimentos tendo em conta os objetivos a atingir, por outro lado educação financeira é a responsável por essa destreza na aplicação do conhecimento. É através do desenvolvimento de atividades e da aquisição da informação através da educação que se alcança a compreensão e se promovem as boas práticas relacionadas ao bom uso do dinheiro, dos serviços e produtos financeiros. (p.22)

Por outro lado, a expressão Iliteracia Financeira (IL) representa a falta de conhecimentos, aptidões e atitudes para gerir e tomar decisões corretas relacionadas com as finanças pessoais, o que se pode considerar como uma ameaça à estabilidade e ao desenvolvimento económico e social (Pacheco et al., 2016).

Podemos definir EF como um processo contínuo, e nunca como um produto pontual. Ela não se adquire num momento específico da vida, mas sim ao longo do tempo, evoluindo e adaptando-se à dinâmica económico-financeira do indivíduo e da sociedade. Todos os cidadãos estão inseridos nesse *continuum* que envolve estratégias e metodologias para abordar problemas financeiros e melhorar o bem-estar.

A conscientização das questões financeiras vivenciadas pelas pessoas deve levar a uma reflexão crítica sobre comportamentos e posturas. A EF procura desenvolver competências para compreender e aplicar conceitos financeiros, bem como competências críticas e comportamentais, nomeadamente habilidades para se tomarem decisões financeiras informadas.

Sacristán (2011) destaca que as áreas de conhecimento devem ser organizadas com base em competências, permitindo que o conhecimento implícito esteja em constante transformação e reflexão. Assim, o conhecimento produzido não deve ficar restrito ao ambiente escolar, mas relacioná-lo à realidade do indivíduo.

1.1. Importância da exploração da Educação Financeira com crianças

Sabe-se que neste mundo, complexo e global, em que vivemos, as decisões financeiras impactam profundamente a vida das pessoas. A EF torna-se uma competência crucial para o sucesso individual e social. E quando se trata de desenvolver essa consciência, começar cedo é fundamental. Diversos autores fundamentam a importância da EF na infância. Ricardo Ferreira (2013), autor do livro *Educação financeira para crianças e adolescentes*, destaca que essa educação deve ser um processo contínuo e gradual, adaptado à idade e ao nível de desenvolvimento da criança. Refere ainda que a promoção de valores e a construção de conhecimentos financeiros junto das crianças têm impactos significativos a longo prazo. Acrescenta que trabalhar a EF desde cedo é crucial para que as futuras gerações possam desenvolver uma relação saudável e equilibrada com o dinheiro, contribuindo para uma sociedade mais consciente e responsável em termos económicos.

Ferreira (2013) refere ainda que, na educação das crianças, existem diversos intervenientes, cada um com responsabilidades distintas, mas todos operando em complementaridade: pais, avós e professores. Cada um destes atores desempenha um papel essencial no desenvolvimento de competências financeiras nas crianças. Os pais e/ou os encarregados de educação, como primeiros educadores, têm a responsabilidade de inculcar hábitos de poupança e consumo consciente desde tenra idade. Os avós podem complementar

esse ensino com a partilha de experiências e histórias de vida que ilustrem a importância da gestão financeira. Por sua vez, os professores podem fornecer uma base teórica sólida, integrada no currículo escolar, que aborde os princípios básicos da economia, da poupança e do investimento.

A colaboração entre todos estes intervenientes é fundamental para criar um ambiente propício à aprendizagem financeira. Contudo, é necessário que as escolas incorporem a EF nos seus programas de ensino, garantindo que todas as crianças tenham acesso a este conhecimento vital. Além disso, é importante que os pais, encarregados de educação e avós reforcem esses ensinamentos em casa, através de práticas diárias e conversas abertas sobre dinheiro e economia.

A EF das crianças é um investimento essencial para o futuro. Ao promover uma compreensão profunda e prática dos conceitos financeiros desde cedo, estamos a preparar as próximas gerações para serem consumidores conscientes, poupadores responsáveis e cidadãos economicamente informados. Desta forma, contribuímos para uma sociedade mais equilibrada e sustentável, onde o valor da poupança e da gestão responsável dos recursos é reconhecido e praticado por todos.

José Pina e Rui Ferreira (2014) autores do livro *Educação financeira e empreendedorismo para os primeiros ciclos de aprendizagem*, considerando a importância de introduzir os conceitos de finanças e empreendedorismo nos primeiros anos de escolaridade, procuraram, através da sua obra, fornecer conhecimentos técnicos, promover habilidades práticas e comportamentais que são essenciais para a gestão financeira pessoal e a criação de negócios. A abordagem didática de Ferreira e Pina (2014) envolve a utilização de exemplos do dia a dia, histórias e personagens que tornam os conceitos acessíveis e interessantes para as crianças. Os autores pretenderam criar uma base sólida que capacitasse as crianças a gerirem melhor as suas finanças pessoais e a explorarem oportunidades de empreendedorismo ao longo da vida.

Também Robert Kiyosaki (2023) assinala que muitas pessoas se deparam com problemas financeiros ao longo da vida, mesmo após anos de trabalho e dedicação. A raiz dessa dificuldade reside, muitas vezes, na ausência de EF durante a formação escolar. Enquanto as escolas se concentram em preparar as crianças para o mercado de trabalho, a EF, crucial para o bem-estar individual, é negligenciada. Isto gera uma lacuna de conhecimento, impedindo que as pessoas aprendam a gerir os seus recursos de forma eficaz e alcancem a estabilidade financeira. A consequência dessa falha educacional é que a maioria das pessoas aprende apenas a trocar o seu tempo por dinheiro, trabalhando arduamente sem

nunca desenvolver habilidades para fazer o dinheiro trabalhar para elas (metaforicamente falando...). Por outras palavras, falta o conhecimento necessário para investir, poupar e tomar decisões financeiras inteligentes, perpetuando um ciclo de dependência do trabalho e limitando o potencial de crescimento e, conseqüentemente, de prosperidade. Para superar este obstáculo, é fundamental que a EF seja integrada no currículo escolar, equipando as crianças, desde cedo, com as ferramentas e o conhecimento necessários para conseguir ter sucesso no mundo das finanças. Ao aprenderem a fazer o dinheiro trabalhar para si, as pessoas podem alcançar a segurança financeira, realizar os seus sonhos e construir um futuro mais próspero e resiliente.

Andreia Melo e Tânia Matos (2024), autoras do livro *Escola de finanças pessoais: As aulas que não tivemos e que nos podem mudar a carteira e a vida*, ressaltam que ensinar as crianças sobre dinheiro, desde cedo, as ajuda a desenvolver hábitos financeiros saudáveis que as acompanharão pelo resto da vida. As autoras reconhecem as lacunas da escola e apresentam conceitos e práticas fundamentais de EF que, muitas vezes, não são abordados nas escolas.

Contudo, no ponto 4, do artigo 2.º, da Lei de Bases do Sistema Educativo (1986)² que correspondente aos princípios gerais, menciona-se que “o sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho” (Lei n.º 46/86³, pp.4-5).

A EF é fundamental para que as crianças se consigam adaptar ao mundo real, pois, permite que compreendam conceitos-chave, tais como consumir, poupar, investir e gerir e desenvolvam uma linguagem financeira que traduza confiança, isto é, quanto mais em contacto estiverem com a realidade, mais confiança terão para falar acerca do assunto. O contexto familiar pode não ser suficiente para capacitar as crianças para a LF e, por isso, este tema deve ser abordado nas escolas, de forma a envolver não só crianças, mas também, professores, funcionários, famílias e toda a comunidade educativa.

Com efeito, Cunha (2015) refere que a promoção da EF em idade escolar é reconhecida pela Direção Geral de Educação (DGE)

² Fonte: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/46-1986-222418>

³ Versão consolidada à data de 10-4-2023 (<https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/1986-34444975>)

como um dos meios mais eficientes para chegar a toda uma geração que se pretende portadora de uma cultura financeira que lhe permita, enquanto jovem e futuro cidadão, desenvolver hábitos e comportamentos racionais face a questões de natureza económica e financeira. (pp.8-9)

Importa ainda salientar que, em conformidade com as *Linhas Orientadoras da Educação para a Cidadania* (2013)⁴, disponibilizadas pelo Ministério da Educação (ME), a EF

permite aos jovens a aquisição e desenvolvimento de conhecimentos e capacidades fundamentais para as decisões que, no futuro, terão de tomar sobre as suas finanças pessoais, habilitando-os como consumidores, e concretamente como consumidores de produtos e serviços financeiros, a lidar com a crescente complexidade dos contextos e instrumentos financeiros, gerando um efeito multiplicador de informação e de formação junto das famílias.

Portugal segue as recomendações do *Referencial de Educação Financeira* (REF) inseridos na Educação para a Cidadania dirigidas à Educação Pré-escolar, aos Ensino Básico e Secundário e à Educação e Formação de Adultos, porém, sendo este de “natureza flexível” e “não prescritivo”, “constitui-se como referência para a implementação da Educação Financeira em meio escolar” (Dias et al., 2013, p.6).

O REF é uma ferramenta educativa que se encontra organizado de forma estruturada para abranger diferentes níveis de educação e ciclos de ensino. Esta organização permite que as crianças desenvolvam competências financeiras de maneira progressiva e adaptada às suas idades e níveis de compreensão. O REF abrange seis grandes temas principais, a saber: *Planeamento e Gestão do Orçamento, Sistema e Produtos Financeiros Básicos, Poupança, Crédito, Ética* e, finalmente, *Direitos e Deveres*, cujos subtemas, objetivos e níveis de abrangência podem ser consultados na Figura 1 seguinte:

⁴ Fonte: <http://dge.mec.pt/educacao-para-cidadania-linhas-orientadoras-0>

Figura 1

Temas, subtemas e objetivos: Diferentes níveis de educação e ensino.

TEMAS	SUBTEMAS	OBJETIVOS	Pré-Escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
Planeamento e Gestão do Orçamento	Necessidades e Desejos	Compreender a diferença entre o necessário e o supérfluo	X	X	X	X	X
	Despesas e Rendimentos	Relacionar despesas e rendimentos	X	X	X	X	X
	Risco e Incerteza	Avaliar os riscos e a incerteza no plano financeiro		X	X	X	X
	Planeamento	Evidenciar a relevância do planeamento a médio e a longo prazo				X	X
Sistema e Produtos Financeiros Básicos	Meios de Pagamento	Caracterizar meios de pagamento	X	X	X	X	X
	Contas Bancárias	Compreender o funcionamento da conta de depósito à ordem		X	X	X	X
	Empréstimos	Caracterizar empréstimos		X	X	X	X
	Sistema Financeiro	Indicar características do sistema financeiro		X	X		
		Compreender o funcionamento do sistema financeiro					X
Seguros	Caracterizar seguros		X	X	X	X	
Poupança	Objetivos da Poupança	Saber o que é a poupança e quais os seus objetivos	X	X	X	X	X
	Aplicações da Poupança	Compreender formas de aplicação e de remuneração da poupança			X	X	X
Crédito	Necessidades e Capacidades Financeiras	Caracterizar necessidades e capacidades financeiras				X	X
	Custos do Crédito	Identificar diferentes custos do crédito				X	X
	Responsabilidades do Crédito	Entender as responsabilidades decorrentes do recurso ao crédito				X	X
Ética	Ética e Responsabilidade Social nas questões financeiras	Compreender a importância da ética nas questões financeiras		X	X	X	X
Direitos e Deveres	Informação Financeira	Saber que existem direitos e deveres relativamente às questões financeiras		X	X	X	X
	Prevenção de Fraude	Saber proteger-se da fraude financeira				X	X

Fonte: <https://www.todoscontam.pt/referencial-de-educacao-financeira-escolas>

O REF visa fornecer uma base sólida de conhecimentos e habilidades financeiras, preparando as crianças para tomarem decisões informadas e responsáveis ao longo da sua vida. Através de atividades práticas e discussões, as crianças desenvolvem uma compreensão

fundamental dos conceitos financeiros básicos, promovendo uma gestão financeira saudável, desde cedo.

No contexto do 1.º ciclo do ensino básico, o REF propõe a introdução dos grandes temas de forma simplificada e adaptada à compreensão das crianças mais jovens. A introdução precoce destes temas permite que as crianças:

- Desenvolvam uma atitude positiva e responsável em relação ao dinheiro.
- Apliquem o conhecimento adquirido em situações práticas, como gerir a sua mesada.
- Formem hábitos de poupança e gestão financeira que durarão toda a vida.

Ao adaptar os grandes temas do REF ao nível de compreensão das crianças no 1.º ciclo do Ensino Básico, os educadores/professores podem promover uma aprendizagem significativa e prática. Esta abordagem prepara as crianças para uma progressão contínua e mais profunda nos temas financeiros à medida que avançam nos seus estudos.

Acresce ainda, neste documento, que a EF pode ser trabalhada em “contextos muito diversificados, no seu todo ou em parte, no quadro da dimensão transversal da Educação para a Cidadania, no quadro do desenvolvimento de projetos e iniciativas que contribuam para a formação pessoal e social” das crianças (Dias et al., 2013, p.6). Considerando estes pressupostos, assume-se também que “a sua concretização (...), no 1.º ciclo do ensino básico pode ainda desenvolver-se no âmbito das áreas não disciplinares (Área de Projeto e Educação para a Cidadania)” (Dias et al., 2013, p.6). Neste sentido,

os educadores, os professores, os formadores ou outros atores que tenham interesse em intervir na área da Educação Financeira, ao desenvolver um recurso de educação, ensino e formação (palestra, seminário, ação de formação, material de apoio, projeto, curso...), devem ter em conta o referencial como sustentáculo para a concretização desse recurso, salvaguardando ainda os Princípios Orientadores das Iniciativas de Formação Financeira. (Dias et al., 2013, p.7)

Portanto, educar financeiramente permitirá uma melhor preparação para os riscos da vida moderna, contribuindo não só para o bem-estar das famílias, mas também para a obtenção de mais informação, possibilitando a ampliação do conhecimento por parte das crianças, sobre esta matéria. Por sua vez, isto poderá vir a potenciar uma gestão mais acertada do orçamento familiar, bem como a estimulação de menos endividamento e mais poupança no futuro.

1.2. Projetos/Iniciativas desenvolvidas no âmbito da Educação Financeira

Em 2003, numa reunião de conselho da *Organização para a Cooperação e Desenvolvimento* (OCDE) foi discutido o projeto intitulado “Projeto de Educação Financeira”, cujo objetivo consistia em propor ações para educar financeiramente a população dos países-membros. Dessa discussão resultaram dois documentos (em formato de livro), nomeadamente, o *Improving Financial Literacy: Analysis of issues and Policies* (OCDE, 2005) e o *Recommendation on Principles and Good Practices For Financial Education and Awareness* (OCDE, 2005), no sentido de orientar os governos para a EF que, a partir desse momento, integraram a agenda internacional (Santiago, 2015).

Santiago (2015) expõe uma recomendação do segundo documento, salientando que a EF deve começar na escola para que as questões financeiras façam parte da vida das pessoas o mais cedo possível. Assente neste pressuposto, o documento sugere ainda que “devem ser promovidos cursos adequados e a capacitação dos educadores”. Assim, precisamos que sejam incentivados programas de “formação dos formadores”, e a “distribuição de material informativo específico e ferramentas para estes formadores” (p.21).

Para acompanhar os movimentos internacionais, Portugal implementou, em 2008, o seu primeiro projeto na área da EF, intitulado “Contas à Vida”, tendo sido organizado, em parceria, com o “Programa Escolhas” e pelo Banco Barclays. Este projeto pretendia ajudar jovens carenciados, entre os 14 e os 19 anos, dando-lhes conhecimentos financeiros úteis para que, no futuro, tomassem decisões mais informadas sobre a gestão das suas finanças (Cunha, 2015). Seguiu-se outra iniciativa, em 2010, do Banco de Portugal, aquando da implementação do “Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa”, cuja intencionalidade foi realizar uma análise diagnóstica para aferir os comportamentos financeiros dos portugueses, medir a inclusão financeira, saber quais os critérios utilizados na escolha de produtos financeiros e como estes funcionam, bem como avaliar quais os hábitos de gestão do orçamento e da poupança dos inquiridos e perceber se a população tem conhecimentos sobre conceitos financeiros chave (Santiago et al., 2017). Consoante Pontes (2016) verificaram-se lacunas “na compreensão de conceitos básicos, no conhecimento de fontes de informação e na perceção financeira, o que complica a tomada de escolhas adequadas e aumenta os riscos do consumismo” (p. 17). Além disso, dados do Banco de Portugal (2010) revelam que os jovens se destacam como um dos grupos populacionais com níveis baixos de LF.

Consequentemente, as informações obtidas neste inquérito contribuíram para o aparecimento do *Plano Nacional de Formação Financeira* (PNFF), em maio de 2011, e que,

conforme nos refere Cunha (2015), reconhece a importância da formação financeira e define os princípios gerais para a sua promoção, tendo em conta as necessidades verificadas, isto com a missão de

contribuir para elevar o nível de conhecimentos financeiros da população e promover a adoção de comportamentos financeiros adequados, através de uma visão integrada de projetos de formação financeira e pela junção de esforços das partes interessadas, concorrendo para aumentar o bem-estar da população e para a estabilidade do sistema financeiro. (p.19)

Foi ainda assinado, à luz deste plano, um protocolo entre o Banco de Portugal (BP) e o Ministério da Educação e Ciência (MEC), com vista à cooperação institucional na introdução da temática da literacia financeira nos currículos escolares. Desta forma, surge o *Referencial de Educação Financeira* (REF), tendo sido publicado em julho de 2013. Trata-se de um documento orientador para a implementação da educação financeira em contexto educativo e formativo e estabelece os conhecimentos e capacidades considerados essenciais para as crianças e os jovens, na educação pré-escolar, nos 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e no ensino secundário (Santiago et al., 2017).

Com efeito, a formação de professores para a aplicação do REF em contexto escolar teve início em 2014, sendo ministrada pelo MEC e organizada em 25 horas de sessões presenciais e 25 horas de trabalho autónomo. Foi, ainda, assinado o *Protocolo de cooperação para a preparação de materiais didático-pedagógica de apoio ao REF* com o propósito de elaborar, editar e imprimir materiais de apoio para professoras e crianças (Santiago, 2015).

Neste enquadramento, o Ministério da Educação (ME) desenvolveu ferramentas essenciais, nomeadamente os *Cadernos de Educação Financeira*⁵ para os diferentes ciclos de ensino. Estes cadernos foram elaborados com o intuito de fornecer aos educadores/professores recursos didáticos que facilitassem a inclusão da EF no currículo escolar desde os primeiros anos de escolaridade. Com os cadernos construídos para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, pretendeu-se introduzir conceitos básicos de educação financeira às crianças de forma lúdica e acessível. Os principais objetivos dos *Cadernos de Educação Financeira* são:

- Desenvolver competências financeiras básicas - ensinar às crianças conceitos fundamentais sobre dinheiro, poupança, orçamento e consumo responsável.

⁵ Para aceder aos *Cadernos de Educação Financeira* consultar <https://www.dge.mec.pt/cadernos-de-educacao-financeira>

- Promover hábitos de poupança - incentivar a criação de hábitos de poupança desde cedo, ajudando as crianças a compreender a importância de guardar dinheiro para o futuro.
- Fomentar o pensamento crítico - estimular as crianças a pensar criticamente sobre as suas escolhas de consumo e a avaliar a diferença entre necessidades e desejos.
- Encorajar a responsabilidade e a ética - introduzir princípios de responsabilidade e ética nas decisões financeiras, preparando as crianças para serem consumidores informados e conscientes.

Os *Cadernos de Educação Financeira* estão organizados em várias unidades temáticas, cada uma delas abordando um aspeto específico da educação financeira.

A metodologia utilizada nos *Cadernos de Educação Financeira* é centrada na aprendizagem ativa e participativa. As atividades propostas são práticas e interativas, permitindo que as crianças aprendam através da experiência direta e do jogo. Esta abordagem não só torna a aprendizagem mais divertida e envolvente, mas também ajuda a consolidar os conhecimentos adquiridos de forma duradoura.

Este recurso oferece vários benefícios para as crianças que frequentem o 1.º ciclo do Ensino Básico, nomeadamente:

- Conhecimento prático - as crianças adquirem conhecimentos práticos que podem aplicar no seu dia a dia, como gerir a sua mesada e fazer escolhas de consumo informadas.
- Desenvolvimento de competências - através das atividades, as crianças desenvolvem competências essenciais como o pensamento crítico, a resolução de problemas, a tomada de decisões e a responsabilidade.
- Preparação para o futuro - a educação financeira precoce prepara as crianças para os desafios económicos futuros, promovendo uma atitude positiva e responsável em relação ao dinheiro.

Os *Cadernos de Educação Financeira* para o 1.º Ciclo do ME são uma iniciativa valiosa que contribui para a formação das crianças. Ao introduzir conceitos financeiros de forma acessível e lúdica, estes cadernos ajudam a construir uma base sólida de conhecimentos e competências que serão fundamentais ao longo da vida. Através desta iniciativa, o ME promove não só a LF, mas também o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes e preparados para tomar decisões financeiras responsáveis.

Em 2014, Portugal foi o país vencedor do Prémio “Child & Youth Finance International” (*CYFI Country Awards*) que visou distinguir a capacidade demonstrada pelas

autoridades dos diversos países na formação financeira dada a jovens e foi disputado por Portugal, República Checa e Turquia (Cunha, 2015).

Constata-se que o caminho percorrido por Portugal em matéria de EF é notório, no entanto, as investigações existentes são maioritariamente de carácter quantitativo.

1.3. Papel da Educação Social na promoção da Educação Financeira em contexto escolar

O educador social é um profissional multifacetado que pretende promover o desenvolvimento humano através da criação de oportunidades de aprendizagem ao longo de toda a vida e para todos os cidadãos e cidadãs, ou seja, “nasce da interceção de várias práticas e identidades profissionais, que têm em comum uma intencionalidade educativa e uma intervenção em e a partir dos mais variados contextos” (Mateus, 2012, p.60). Assim sendo, podemos afirmar que a educação social respeita uma educação global, integral e ao longo da vida e, por isso, não se esgota na educação não-formal e informal, podendo também marcar a diferença nas escolas através do trabalho direto com as crianças para o desenvolvimento de competências que, não só contribuam para alcançarem autonomia, mas também para participarem na sociedade.

Desta forma, o educador social encontra-se dotado de competências que permitem intervir nos mais variados contextos socioeducativos, dando especial atenção às vertentes social e pedagógica nas suas intervenções (Jesus, 2022). Carvalho e Baptista (2004) já reforçavam, de igual forma, a ideia referente à intervenção social de carácter pedagógico subjacente à profissão, ao referirem que a “educação social se situa no ponto de encontro e de cruzamento entre a área do trabalho social e a área da educação” (como citado por Carvalho & Carvalho, 2023, p.141).

É de destacar que as ações de carácter sociopedagógico que orientam as intervenções do educador social, nomeadamente, as relações de proximidade que estabelecem para produzir mudanças e alterar comportamentos e a perspetiva humanista com que abordam a realidade social são complexas e, por isso, “é um trabalho que não basta apenas saber fazer, mas gostar de fazer, sendo muito importante as motivações, a empatia, o compromisso com a mudança, o crescimento pessoal” (Mateus, 2012, p.60).

Relativamente ao contexto escolar, Pinheiro (2021) diz-nos que se enfrentam, nos dias de hoje, desafios relacionados, não só com a heterogeneidade social e cultural das crianças e dos jovens (diversidade), mas também com as configurações e problemáticas das sociedades atuais, o que, a nosso ver, aproxima cada vez mais a educação à dimensão social. Por todos os motivos evidenciados, a educação social em contexto escolar permite que exista uma melhor adequação às novas realidades sociais, uma vez que “proporciona à escola uma

nova forma de fazer e desenvolver, aliada a uma metodologia e sensibilidade para interpretar e compreender os desafios desta” (Carbonell, 2013, como citado por Pinheiro, 2021, p.9).

Neste seguimento, é fundamental que exista uma colaboração entre os profissionais da educação e os da educação social, para que, além do sucesso académico, as crianças atinjam o seu sucesso pessoal, enquanto cidadãos e cidadãs. De acordo com Ortega (1999), a educação social “promove e dinamiza uma sociedade que educa e uma educação que socializa, integra e ajuda a evitar, equilibrar e reparar o risco, a dificuldade ou o conflito social” (como citado por Carvalho & Carvalho, 2023, p.142).

Consoante Jesus (2022), a escola é também um meio que permite ao educador social dar resposta às necessidades sociais através da educação, por estar em contacto com diferentes públicos-alvo (crianças, famílias, professores, pessoal não docente e comunidade em geral) e atuar com diversas intenções, pois “tanto poderá ser desenvolvida uma intervenção preventiva, de acordo com necessidades identificadas, como uma intervenção desenvolvimental/remediativa, perante situações que surgem no dia a dia e que exigem uma resposta e acompanhamento” (p.88).

Por conseguinte, o secretário-geral da OCDE (2005), como citado por Machado (2011), defende que a LF pode ser entendida como uma ferramenta promotora de coesão social, uma vez que se apresenta como uma forma de evitar desigualdades e ainda assegura a participação de todos na criação e distribuição de riqueza. Assim sendo, a exploração da EF pode ter um papel essencial para promover a consciência financeira das crianças e, no futuro, contribuir para o crescimento económico e ainda reduzir a pobreza e a desigualdade. Viegas (2014) faz referência a várias áreas de intervenção do educador social nas escolas, mas destacamos apenas as que nos parecem mais pertinentes para uma possível intervenção que promova a EF, nomeadamente:

- Ações educativas de carácter preventivo, educativo, (in)formativo e de sensibilização;
- Promoção de clubes e espaços de educação extracurricular;
- Auscultação dos pais/encarregados de educação, percebendo que tipo de problemas têm com os filhos/as e programação de sessões de aconselhamento e de competências parentais;
- Mediação social e escolar a um nível mais conscientizador, educativo e preventivo e não apenas aquando do despontar dos problemas/conflitos. (p.10)

Concludentemente, como salienta Machado (2011), o educador social é um profissional capacitado para investir no desenvolvimento da LF através da EF das crianças o mais precocemente possível, com o objetivo de “maximizar o potencial de decisão de cada indivíduo para alcançar o seu bem-estar máximo com os recursos que tem ao seu dispor” (p.20). Portanto, é através da educação social, considerada uma ferramenta essencial para contrariar as dificuldades, que as crianças aprenderão os malefícios dos seus atos, poderão fazer escolhas atempadas e prevenir comportamentos de risco.

2. Importância do jogo na educação

De acordo com Huizinga (2007), como citado por Sousa e Tagarro (2020), a palavra lúdico encontra-se associada à brincadeira, aos jogos e a todos os momentos de diversão. Assim sendo, os conceitos de *brinquedo*, de *brincadeira* e de *jogo* são frequentemente confundidos e, embora cada um tenha o seu respetivo significado, encontram-se interligados. Segundo Baranita (2012) o *brinquedo* é o objeto propriamente dito, aquele que as crianças usam para brincarem, já a *brincadeira* é o ato de brincar, que pode ou não incluir o brinquedo e, por fim, o *jogo* diz respeito a uma atividade com regras, as quais definem se a criança ganhou ou perdeu. Resumidamente, “brincadeira refere-se, basicamente, à ação de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não estruturada; jogo é compreendido como uma brincadeira que envolve regras; brinquedo é utilizado para designar o sentido de objeto de brincar” (Schwartz, 2003, como citado por Baranita, 2012, p. 37).

Neste enquadramento, para além de o *jogo* ser considerado um momento lúdico, pode e deve ser um material/recurso de desenvolvimento e aprendizagem, estabelecendo-se uma relação entre o *jogo* e a forma como as crianças aprendem na educação. Através de uma prática considerada prazerosa, como por exemplo o *jogo* é possível inserir conteúdos pedagógicos, o que permite que a criança brinque e, simultaneamente, aprenda.

Baranita (2012) indica um estudo elaborado por Kishimoto (2005), no qual são mencionados vários investigadores que enfatizaram a utilização do *jogo* como uma ferramenta para a educação da criança, a título de exemplo: Jean Jacques Rousseau defendia que aprender deveria ser uma conquista ativa, em que a criança aprende com prazer; Fröebel referia que um bom educador é aquele que faz do *jogo* uma arte de ensinar e Piaget defendia a utilização do *jogo* como meio para o desenvolvimento intelectual.

De facto, um *jogo* que tenha uma intenção educativa específica e com regras bem definidas é um aliado para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, uma vez que permite trabalhar diversos conteúdos de forma lúdica e motivadora, o que fará com que

a criança ultrapassa os seus próprios limites, adquire alguma autonomia, torna a aprendizagem mais dinâmica e divertida, melhora a sua socialização, aprende a cooperar e a trabalhar em grupo, refina a sua capacidade de resolução de problemas e aprende a lidar com a competição de forma saudável (Sousa & Tagarro, 2020, p. 133).

Assim sendo, o *jogo* e, especialmente, a *gamificação* representam métodos de ensino e aprendizagem provenientes da atualidade com vista, não só, a acompanhar a sociedade do conhecimento e da informação, mas também para proporcionar ambientes mais tecnológicos, imersivos e interativos. A *gamificação*, consoante indicam Zichermann e Cunningham (2011) é uma estratégia pedagógica, contudo, “não significa jogar um jogo, mas aplicar elementos e mecânicas do universo do desenho dos jogos em contexto não jogo, como é a sala de aula” (como citado em Santos & Moura, 2021, p.135).

2.1. Escape Room Educativo: Uma ferramenta inovadora para a aprendizagem

No seguimento da *gamificação* e tudo o que esta implica (regras, desafios, *feedback*, narrativa) surge o Escape Room Educativo (ERE). Como Moura e Santos (2020) especificam, o ERE conta com os princípios da *gamificação* (mecânica, estética e carácter lúdico) para envolver as crianças e, assim, motivar para a aprendizagem, uma vez que as crianças

podem trabalhar em equipa, desenvolver habilidades e destrezas variadas, de ordem comunicativa e interativa, aprender a pesquisar e organizar informação, assim como, identificar e gerir emoções. Mas sobretudo, é uma atividade educativa que sai das rotinas da sala de aula e permanecerá memorável para [as crianças]. (pp.107-108)

Pereira, et al. (2019) reforçam a ideia de o ERE se tratar de uma experiência interativa e cooperativa que promove a aprendizagem:

No âmbito da educação, este modelo, baseado na gamificação, visa desenvolver diversas competências por parte [das crianças] no que concerne ao uso das suas habilidades sociais e emocionais, de raciocínio intelectual, criativo e dedutivo, tal como abordar conteúdos disciplinares em simultâneo, que caminham a par de um objetivo comum: ‘escapar da sala’. (p.1009)

Portanto, o ERE é um *jogo* de equipas constituído por elementos de competição, cooperação, exploração e narrativa, “em que os jogadores descobrem pistas, resolvem puzzles e realizam tarefas numa ou mais salas, a fim de realizar um objetivo específico (geralmente fugir da sala) num período de tempo limitado” (Nicholson, 2015, como citado

por Moura, 2024, p.232). Pereira, et al. (2019) referem ainda que esta estratégia educativa deve incluir uma história (narrativa) que alimente a curiosidade das crianças ao longo do *jogo* e aumente a complexidade ao longo dos níveis, exigindo também a mobilização de conhecimentos de níveis anteriores.

A criação de um Escape Room Educativo (ERE) é um processo detalhado e estruturado, composto por sete etapas essenciais. Cada uma dessas etapas desempenha um papel crucial na construção de uma experiência envolvente e educativa. A seguir, descrevemos cada etapa e o enfoque educacional que elas proporcionam.

- Tema do Escape Room - a primeira etapa envolve a definição do tema do Escape Room. Este tema deve incluir um enredo cativante, um contexto histórico ou contemporâneo relevante e elementos interdisciplinares que possam ser explorados durante o jogo. A escolha de um tema adequado é fundamental para captar o interesse dos participantes e proporcionar uma experiência rica em aprendizagens.
- Sala de Fuga - a próxima etapa é o planejamento do ambiente na qual o jogo ocorrerá. Esta etapa requer uma cuidadosa organização do espaço para garantir que seja adequado aos desafios propostos e seguro para todos os participantes. O ambiente selecionado ou construído deve refletir o tema escolhido, criando uma atmosfera imersiva que ajude a transportar os jogadores para o contexto do enredo.
- Tamanho do Grupo - definir o número de participantes é crucial para a dinâmica do jogo. O tamanho do grupo pode variar, mas é importante garantir que todos os participantes tenham a oportunidade de contribuir e interagir. Grupos menores podem facilitar uma maior participação individual, enquanto grupos maiores podem promover habilidades de cooperação e comunicação em equipa.
- Duração do Jogo - estabelecer a duração do jogo é essencial para manter o equilíbrio entre desafio e diversão. Um tempo bem definido, geralmente entre 45 e 60 minutos, é suficiente para que os participantes possam resolver os desafios sem se sentirem apressados ou entediados. A duração deve ser ajustada de acordo com a complexidade dos enigmas e a faixa etária dos jogadores.
- O Mediador/Orientador - é a pessoa responsável por guiar os participantes durante o jogo. Este papel é crucial, pois é importante fornecer pistas, orientações e suporte quando necessário, garantindo que os jogadores permaneçam envolvidos e não fiquem excessivamente frustrados.

- Desafios - a criação dos enigmas e quebra-cabeças é a parte importante do Escape Room. Os desafios devem ser variados e ajustados ao nível de conhecimento e habilidades dos participantes. Os enigmas devem ser interdisciplinares, incorporando elementos de diferentes áreas do conhecimento, como matemática, história, ciências e artes, para promover uma aprendizagem abrangente.
- Regras do Jogo - estabelecer as diretrizes e regras do jogo é fundamental para garantir uma experiência justa e organizada. As regras devem ser claras e compreensíveis para todos os participantes, abordando aspetos como o que é permitido ou não fazer durante o jogo, como pedir ajuda e as consequências de não obedecer às regras.

O enredo de um Escape Room deve ser pensado para estimular os participantes e proporcionar aprendizagens significativas. Envolver as crianças na definição do tema pode ser uma estratégia promissora, permitindo que sugiram assuntos que considerem relevantes e interessantes. Este envolvimento aumenta a motivação, tornando a experiência mais significativa.

A criação de um ERE envolve um processo metódico de planeamento e execução, em que cada etapa desempenha um papel crucial para o sucesso da experiência. Quando bem implementada, um ERE não só proporciona uma aprendizagem divertida e envolvente, como também desenvolve competências essenciais que são valiosas para o crescimento contínuo das crianças.

De facto, tal como nos dizem Santos e Moura (2021), um ERE é uma experiência de aula gamificada que motiva e envolve as crianças *para e no* processo de aprendizagem, pois supõe uma combinação de metodologias e técnicas metodológicas, como a aprendizagem baseada em problemas, a aprendizagem cooperativa, pensamento dedutivo, crítico e criativo. Quando bem desenhado, e em consonância com os conteúdos curriculares, fomenta o uso de habilidades de comunicação, coesão de grupo, desenvolvimento de competências sociais, imaginação, criatividade e motivação (p. 136).

O ERE representa uma abordagem inovadora que transforma a forma como as crianças aprendem e interagem com os conteúdos educativos. Através da *gamificação*, o ERE proporciona um ambiente de aprendizagem dinâmico e envolvente, permitindo que as crianças não apenas assimilam conhecimentos, mas também desenvolvem habilidades essenciais para o seu crescimento pessoal e académico. A implementação do ERE nas

escolas pode ser um passo significativo para tornar a educação mais eficaz, participativa e memorável.

2.2. Histórias que ensinam: O poder das narrativas na Educação Financeira

Diversos autores destacam a importância das narrativas no processo de aprendizagem das crianças, nomeadamente:

- Kieran Egan (1994) defende que as histórias têm um papel central na educação, ajudando as crianças a desenvolver a imaginação e a compreensão profunda dos conceitos.
- Jérôme Bruner (2008) argumenta que as narrativas são fundamentais para a construção do significado e para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Ele sugere que, através das histórias, as crianças aprendem a organizar as suas experiências e a compreender o mundo ao seu redor.
- Howard Gardner (2011), com a sua teoria das inteligências múltiplas, sugere que as histórias podem abordar diversas formas de inteligência, como a inteligência linguística, interpessoal e intrapessoal, promovendo uma aprendizagem mais abrangente.
- Jean Piaget (2019) esclarece que as histórias podem ser instrumentos poderosos na educação, ajudando as crianças a assimilar e a providenciar novas informações de forma significativa.

Estes autores acreditam que as narrativas são um veículo eficaz para promover um entendimento duradouro e significativo de variadíssimos conceitos. As narrativas têm um papel essencial na formação da visão de mundo das crianças e no desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida. Bruner (2008) destaca a importância da narrativa na construção do conhecimento e na formação da identidade, além de organizar e compreender informações de forma eficaz, defendendo o uso de diversos tipos de narrativas para promover a aprendizagem em ambientes variados. Também Natércia Rocha (2001) observa que as histórias para crianças estão a tornar-se cada vez mais descritivas, abordando diversas realidades ou fantasias. Afirma que esses textos servem como um meio para a interiorização de conceitos, uma vez que a criança se encontra num estado de expectativa e receptividade e a sua afetividade está totalmente disponível para se envolver com determinadas situações,

análogas à realidade. Neste enquadramento, um texto pode parecer mais real do que a própria vida cotidiana (Rocha, 2001).

Assim, as narrativas são vistas como tendo funções educativas significativas. Recorrem a personagens cativantes, enredos envolventes e a exemplos práticos, elas tornam os conceitos complexos em acessíveis e memoráveis, proporcionando diversas oportunidades de aprendizagem. A identificação com personagens é uma das principais formas de envolvimento da criança. No mercado livreiro existem várias narrativas que abordam questões ligadas à EF (Cabrita, 2019, Ferreira & Alambert, 2017, Lourenço, 2016, entre outros). Estas narrativas poderão proporcionar às crianças uma identificação com as personagens e aprenderem através das suas experiências financeiras, interiorizando valores como a poupança, a responsabilidade, o planeamento, etc. As narrativas também podem ajudar na compreensão das consequências das escolhas financeiras. Ao apresentarem dilemas e decisões, as crianças observam as recompensas e penalidades associadas às diferentes opções, como a gratificação imediata do consumo impulsivo *versus* a recompensa a longo prazo da poupança. Além disso, o contexto cultural e social é explorado nas narrativas, promovendo empatia e compreensão da diversidade socioeconómica. As metáforas e as alegorias são ferramentas eficazes, utilizadas pelos autores supramencionados para explicarem conceitos abstratos. O desenvolvimento do pensamento crítico é estimulado através de desafios enfrentados pelas personagens, nos quais o protagonista aprende a administrar o seu dinheiro para realizar os seus sonhos e suprir as suas necessidades de uma forma responsável e consciente, conforme os princípios de persuasão e influência social estudados por Cialdini (2008).

Cialdini (2008) discute a importância das narrativas, embora o seu foco principal seja na persuasão e na psicologia da influência. No livro *Influência - A psicologia da persuasão*, explora como a atitude de contar histórias pode ser uma ferramenta poderosa para persuadir e influenciar as pessoas. Explica ainda que as narrativas são eficazes porque envolvem emocionalmente as pessoas, facilitando a compreensão e a retenção das mensagens. Argumenta que as histórias criam conexões emocionais e tornam as informações mais memoráveis, o que é crucial na persuasão. Este aspeto do seu trabalho ressalta como as narrativas podem ser aplicadas, não apenas na educação, mas também em áreas como marketing, comunicação e relações interpessoais para influenciar e motivar comportamentos.

Ao incorporar essas abordagens e sugestões, podemos enriquecer a compreensão do papel fundamental das narrativas na promoção da EF para crianças. As narrativas têm o

poder de encantar, educar e inspirar as novas gerações para construir um futuro financeiro mais próspero e responsável.

Capítulo II. Opções metodológicas e contextualização do estudo

Nota introdutória

No presente capítulo consta, não só, a metodologia (abordagem qualitativa) e o método (estudo de caso) a que recorreremos, mas também, a questão-problema que nos orientou e serviu de base para a formulação dos objetivos delineados. Atendemos ainda às técnicas de recolha de dados pensadas para aplicação aos professores (entrevista) para conhecer as suas perceções sobre o tema em estudo, e para as crianças (observação direta e participante) para perceber o impacto do jogo (Escape Room) sobre educação financeira, utilizando como instrumentos um guião de entrevista semiestruturada e notas de campo, respetivamente. Para terminar, além da descrição do processo de recolha de dados, fazemos também referência à análise de conteúdo, realizada através de um processo de categorização e codificação dos dados emergentes.

1. Abordagem metodológica

Os termos *métodos*, *técnicas* e *metodologia* surgem na literatura científica como os meios que orientam o investigador na produção do conhecimento.

Para Bisquerra (1989) os *métodos* “constituem o caminho para chegar ao conhecimento científico, (sendo) o conjunto de procedimentos que servem de instrumentos para alcançar os fins da investigação” e as *técnicas* são os “procedimentos de actuação [...] meios auxiliares” do método (como citado por Coutinho, 2011, p.22). Clarificando, “o método é o caminho e as técnicas o modo de percorrê-lo” (Latorre et al., 1996, como citados por Coutinho, 2011, p.22).

A *metodologia* tem um sentido mais amplo e geral, com o intuito de “velar pelos métodos, assinalar os seus limites e alcance, clarificar e valorizar os seus princípios, procedimentos e estratégias mais adequadas para a investigação” (Latorre et al., 1996, como citados por Coutinho, 2011, p.22), ou seja, a sua principal função é regular o “plano de ação, processo e desenho da escolha e uso dos métodos” (Crotty, 1998, como citado por Coutinho, 2011, p.22). Resumidamente, a *metodologia* analisa e descreve o *método*, método esse que se constitui por um conjunto de *técnicas* a colocar em prática.

Importa ainda referir que o paradigma de investigação antecede a escolha da metodologia, uma vez que se trata de um conjunto de crenças e atitudes (esquema teórico)

que não só retrata a forma como os elementos de uma comunidade científica percebem e compreendem o mundo, como também determina a metodologia concordante (Coutinho, 2011).

Deste modo, iremos recorrer a uma metodologia de natureza qualitativa, enquadrada no paradigma de investigação interpretativo, utilizando como método o estudo de caso.

A investigação qualitativa, de acordo com as ideias expressas por Oliveira, et al. (2020), não tem o objetivo de estabelecer medidas numéricas, de realizar análises estatísticas dos dados recolhidos, mas sim “realizar uma interpretação contextualizada e pormenorizada do fenómeno estudado” (Batista, Oliveira, & Camargo, 2021, p.49).

No âmbito do paradigma interpretativo, esta é uma metodologia essencialmente humanista centrada no único e no particular, uma vez que estuda os significados das ações humanas e da vida social numa realidade complexa que é dinâmica, múltipla e holística, com o propósito de conhecer e compreender a situação através do ponto de vista dos sujeitos (Álvarez et al., 2017). Álvarez, et al. (2017) destacam a importância de utilizar o paradigma interpretativo nas investigações em contexto escolar, no sentido de modificar a realidade e conduzir a um conhecimento teórico prático profundo e amplo.

Além disso, Bogdan e Biklen (1994) alegam que a investigação qualitativa é caracterizada por cinco grandes particularidades, destacando-se as seguintes:

- “Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (p.47), o que revela não só que o comportamento humano é influenciado pelo contexto em que acontece, mas também que o investigador tem o papel de recolher e rever os dados tendo em conta o meio ambiente em que ocorre;
- “A investigação qualitativa é descritiva” (p.48), isto é, os dados são recolhidos através da comunicação (palavras) e analisados de forma a respeitar o seu conteúdo pois “exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista” (p.49);
- “Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva” (p.50), sugerindo que, ao invés de se confirmarem hipóteses prévias, o que se pretende é que as mesmas surjam da interpretação dos dados, com o intuito de explicar os fenómenos.

Oliveira, et al. (2020), sustentados em Yin (2016), referem que a investigação, sendo qualitativa, permite estudar

o significado que tem a vida do ser humano na sua realidade concreta, trabalha com a representação de ideias, opiniões e perspectivas dos indivíduos, considera nos estudos o contexto social das pessoas, busca explicar o comportamento social da pessoa a partir da explicitação de conceitos existentes ou emergentes, e utiliza diversas fontes de evidência para melhor compreender o fenómeno. (p.147)

Relativamente ao estudo de caso, predominantemente enquadrado na metodologia qualitativa, Yin (1994) refere que se trata de “uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto real de vida, especialmente quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são absolutamente evidentes” (como citado em Sarmiento, 2011, p.1).

Amado e Freire (2017) expõem que a particularidade partilhada por todos os estudos de caso se prende com a produção de conhecimento do que é idiossincrático sendo o seu principal objetivo a particularização e não a generalização, por outras palavras, diz respeito a um estudo aprofundado e holístico que se baseia na observação detalhada de um acontecimento específico no seu contexto natural, onde os dados emergem do próprio estudo e a sua análise é indutiva e, essencialmente, descritiva. Por esse motivo, o investigador deverá recorrer a múltiplas fontes e técnicas para extrair evidências, através de um “conjunto amplo e variado de técnicas de recolha de dados: entrevista semidiretiva a informadores-chave, observação participante (baseada na interação do observador com os observados), questionários, etc.” (Amado & Freire, 2017, pp.137-138).

Deste modo, e tal como expõe Yin (1989), o que realmente importa “não é saber o quê e quanto, mas o como e o porquê” (como citado por Amado & Freire, 2017, p.128). É de realçar que este método é considerado uma forma válida de pesquisa educacional, por isso, encontra-se na base de alguns dos mais importantes contributos para o estudo das escolas e demais organizações sociais.

Assim sendo, o presente estudo de caso refere-se a cinco turmas do 1.º CEB e respetivos professores titulares, com o intuito de averiguar os conhecimentos financeiros das crianças e as perceções dos adultos que as acompanham no seu processo de ensino e aprendizagem sobre este tema, no contexto educacional.

Para concluirmos este ponto, salientamos as características basilares dos estudos de caso qualitativos, sustentadas em Ludke e André (1989), como citados em Amado e Freire (2017), e que são as seguintes: (i) “visam a descoberta” e “ênfaticam a interpretação em contexto” (p.144); (ii) “visam retratar a realidade de forma completa e profunda” e, por isso “usam uma variedade de fontes de informação, de abordagens e técnicas” (p.144); e (iii) “permitem generalizações naturalistas e ecológicas” (em situações semelhantes) pois

“procuram representar os pontos de vista diferentes” (p.145)

1.1. Questão-problema

Como referem Batista, et al. (2021) “a pesquisa científica é uma prática básica fundamental da ciência, que propicia mudanças e [aprendizagens] na realidade, sendo, muitas vezes, entendida como ações que são desenvolvidas para que possam ser respondidas uma ou mais questões” (p.49). Neste sentido, para que uma pesquisa possa ser efetivada é necessário que se tenha uma questão “norteadora a respeito do que se deseja estudar”, resultando importante que se procure “a teoria e [o] método que irão fundamentar essa pesquisa” e que as possíveis indagações possam dar origem a “instigações e intenções” (Batista et al., 2021, p.49). Como também nos asseguram Batista, et al. (2021) para que se inicie “uma discussão pautada em critérios científicos” é imprescindível que se tenha em consideração, pelo menos, alguns aspetos, nomeadamente: “clareza, precisão, conhecimento de conceitos, teorias e metodologias” (p.49). Tendo em linha de conta esta contextualização, salvaguardamos a seguinte questão de partida para a nossa investigação: Como pode o educador social desempenhar um papel promotor do desenvolvimento da Literacia Financeira com crianças?

1.2. Objetivos do estudo

Partindo dos desafios que a própria questão de investigação nos suscita, consideramos definir os seguintes objetivos:

- Perceber a importância da educação financeira em idades precoces e as implicações que a (i)literacia financeira pode ter nas aprendizagens das crianças;
- Desenvolver um jogo educativo que aborde questões relacionadas com a educação financeira;
- Analisar a eficácia do jogo como recurso pedagógico eficiente para a construção do conhecimento relacionado com a literacia financeira;
- Identificar o papel do educador social e analisar de que forma as suas funções podem ser adaptadas para a promoção da literacia financeira nas escolas;
- Inferir propostas de melhorias e possíveis recomendações para futuras intervenções.

1.3. A entrevista como técnica de recolha de dados

Geralmente, uma entrevista consiste numa conversa ou interação intencional entre duas pessoas, na qual a pessoa A dirige e coloca questões para obter informações sobre a

pessoa B, no fundo, a entrevista é um método de recolha de informação orientada por objetivos precisos e “utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan & Biklen, 1994, p.134).

Inicialmente, pareceu-nos pertinente elaborar um guião de entrevista semiestruturada, pois, embora conte com um plano numa ordem lógica não existe uma imposição rígida das questões o que dará liberdade de resposta ao entrevistado, isto é, “não segue uma ordem pré-estabelecida na formulação das perguntas, deixando maior flexibilidade para colocar essas perguntas no momento mais apropriado, conforme as respostas do entrevistado” (Meirinhos & Osório, 2010, p. 63) e, permite ainda, comparar os dados obtidos por vários sujeitos.

De acordo com Amado e Ferreira (2017), o grupo de pessoas a entrevistar não só deve ter algo em comum, mas também, quer “pela sua experiência de vida quotidiana, pelas suas responsabilidades, estatuto, etc., estejam envolvidas ou em contacto muito próximo com o problema que se quer estudar” (p.216). A intenção foi recolher a perceção dos professores das turmas participantes relativamente: à importância da EF nas crianças; à eficácia do jogo como recursos/método de ensino e, ainda, ao possível contributo do educador social em contexto escolar.

Em seguida, para elaborar o guião de entrevista recorreremos à revisão da literatura e, posteriormente, após a correção da orientadora e validação do instrumento de recolha de dados por três professores, especialistas na área, realizamos um pré-teste no dia dois de fevereiro de 2024 a fim de identificar as possíveis inconsistências ou complexidade(s) nas questões, bem como a eventual ambiguidade na linguagem utilizada face aos entrevistados. O guião de entrevista foi elaborado com quinze questões abertas de diferentes tipos (perguntas de conhecimento, opinião, experiência e sentimento), dividindo-se em 6 blocos temáticos (*vide* Apêndice I), mais especificamente: Bloco 1 – Legitimação da entrevista; Bloco 2 – Caracterização do docente e das suas funções; Bloco 3 – Importância da exploração de conceitos sobre educação financeira com crianças; Bloco 4 – Eficácia do jogo como recurso pedagógico; Bloco 5 – Perceções dos/as professores sobre o(s) contributo(s) do educador social em contexto escolar; e Bloco 6 – Encerramento da entrevista e agradecimentos. O Bloco 1 teve como finalidade contextualizar os participantes acerca do tema e dos objetivos da investigação, bem como garantir a confidencialidade dos dados recolhidos e solicitar a participação e gravação da entrevista em formato áudio. O Bloco 2 era constituído por duas perguntas que nos permitissem conhecer, não só os

motivos que levaram os entrevistados a enveredarem pela área do ensino, mas também os seus percursos até então, no sentido de os conhecermos e conseguirmos estabelecer uma dinâmica de *quebra-gelo*. O propósito do Bloco 3, composto por cinco questões, foi apurar a opinião dos/as professores acerca da relevância da educação financeira, principalmente os benefícios associados a este tipo de conhecimento nas crianças e o trabalho que se desenvolve ou que se poderia desenvolver neste âmbito. No Bloco 4 pretendíamos explorar o jogo como recurso pedagógico, questionando os participantes acerca das vantagens e desvantagens da sua utilização e solicitando experiências pessoais e exemplos práticos, através de cinco questões. O Bloco 5, formado por três perguntas, tinha como objetivo aferir as perceções dos entrevistados sobre o educador social, no sentido de entender a importância deste profissional em contexto escolar, mais especificamente, na promoção da educação financeira. Por fim, no Bloco 6 finalizamos a entrevista dando espaço aos/às professores para abordarem outros temas que considerassem relevantes para o estudo, agradecendo a sua participação e colaboração.

A entrevista surge, assim, pautada por dois princípios éticos, nomeadamente, informar os participantes acerca dos objetivos da investigação e manter a confidencialidade da fonte. Além disso, a relação estabelecida foi de confiança, “neutralidade e controlo de juízos de valores, confidencialidade, clareza de ideias para as poder transmitir e devolução dos resultados” (Guerra, 2006, p.22).

Além destes aspetos éticos foi necessário realizar alguns procedimentos para a aplicação da entrevista, nomeadamente, a elaboração de um pedido de colaboração (*vide* Apêndice II) à direção do Agrupamento de Escolas e aguardar a sua autorização (*vide* Apêndice III) para podermos avançar, pois, para se obter acesso ao campo “o investigador explica os seus interesses e tenta que os sujeitos cooperem consigo”, pedindo cooperação à própria instituição e, individualmente, a cada um dos entrevistados ligados à mesma instituição (Bogdan & Biklen, 1994, p.115). Foi, então, necessária uma reflexão profunda e cuidada, o que nos permitiu, sustentadas em Bergano e Cardoso (2022), não só “a análise dos procedimentos técnicos inerentes ao processo de investigar”, mas também ter em atenção as “implicações éticas da investigação para os participantes (pessoas e instituições)” (p.57).

Posteriormente, as entrevistas foram previamente agendadas e decorreram durante os meses de março e abril de 2024 consoante a disponibilidade de cada docente, num ambiente calmo, reservado e sem interrupções, tendo uma duração média de 30 minutos. Após a realização de todas as entrevistas procedemos à transcrição (*vide* Apêndice IV) das mesmas

com o intuito de organizarmos os dados recolhidos para começarmos a respetiva análise de conteúdo.

1.4. Recolha de dados: a observação participante como técnica

Após a recolha e análise de dados junto dos/as professores notamos que a Educação Financeira é, de facto, vista como uma temática de extrema importância e, salvaguardando-se a urgência que se deve trabalhar de forma preventiva. Para tal, decidimos construir um jogo dinâmico (Escape Room) que, não só, permitisse trabalhar as questões financeiras de forma mais eficaz, como também contribuísse para reconhecer a importância da utilização do jogo como um recurso didático na construção de conhecimento. No entanto, e tendo consciência de que não conseguiríamos abranger toda a comunidade escolar, selecionamos como público-alvo as turmas de 3.º e 4.º anos do 1.º ciclo do ensino básico (1.º CEB) de apenas um Agrupamento de Escolas da cidade de Bragança. O processo de construção de um jogo é extenso e complexo, desde o surgimento da ideia à sua concretização, por isso, foram várias as alterações realizadas, tendo em conta o público-alvo e o conteúdo mais apropriado.

Inicialmente, criamos uma primeira versão do jogo, um protótipo, por assim dizer, que foi apresentado como pré-teste a 5 crianças que se encontravam a frequentar o 5.º ano de escolaridade, realizado em contexto de um Centro de Atividade de Tempos Livres (CATL), com a intenção de entender se, estes, no 2.º ciclo do ensino básico (2.º CEB), já tinham adquirido conhecimentos de EF no 1.º CEB. O conteúdo educativo do recurso criado seguia as recomendações da DGE para o 1.º CEB, no entanto, sentimos algumas dificuldades por parte das crianças na hora de jogar, o que nos fez reconsiderar e tornar o jogo mais claro e acessível, incluindo definições detalhadas de conceitos financeiros que surgiam nas questões colocadas para que as crianças dos 3.º e 4.º anos do 1.º CEB conseguissem acompanhar mais facilmente e, simultaneamente, realizassem aprendizagens.

De facto, não podemos afirmar que a dificuldade seria generalizada e que o programa, sugerido no REF, não esteja adequado à idade, no entanto, foi notório o desconhecimento acerca do tema. Sentimos também a necessidade de fazer o jogo acompanhado de uma história (narrativa) (*vide* Figura 2) para que as crianças pudessem compreender os enigmas e os desafios situados no espaço e no tempo do jogo, isto é, contextualizar todos os cenários para que fossem mais desafiantes e facilmente resolvidos.

Figura 2

História (e-book) “*Família Money - Uma aventura de educação financeira*”.



Fonte: Elaboração própria (<https://www.storyjumper.com/book/read/172043211/6628eaec2bc5>)

Posteriormente, aquando da implementação do jogo educativo, utilizamos a observação direta e participante como técnica de recolha de dados, uma vez que se trata de um “método interativo de recolha de informação que requer uma implicação do investigador nos acontecimentos e fenómenos que está a observar” (Rodríguez et al., 1999, como citado por Meirinhos & Osório, 2010, p. 60). Amado (2017) contribuiu para esta asserção, referindo que na observação participante o investigador deve interagir no meio ou local em que se encontram os participantes, isto é, participar na vida dos observados de forma a afetar e deixar-se afetar pela situação. Para auxiliar na observação participante, e com o intuito de promover os objetivos da investigação, recorreremos às notas de campo como instrumento pois de recolha de dados, pois, segundo o mesmo autor, apresenta o “pensamento em voz alta escrito num papel” (p.280). Bogdan e Biklen (1994) especificam ainda que as notas de campo devem ser descritivas e reflexivas, dizendo respeito ao “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p.150).

Portanto, avaliar a aplicação do jogo é um momento de reflexão que geralmente se encontra presente nos momentos educativos e que nos permite não só, explicar os resultados, como também reconhecer as coisas boas e menos boas para uma futura correção, pois, tal como expõe Serrano (2008), “é necessário determinar como, em que grau e medida foram alcançados os objetivos propostos, determinar as lacunas e os erros na realização dos mesmos, os êxitos e os efeitos não esperados” (p.84).

Foram realizadas algumas questões, a todas as turmas participantes antes da apresentação da história e do jogo (Escape Room – Educação Financeira - A Família Money – <https://acesse.one/Familia-Money>) para compreendermos quais os conhecimentos prévios que as crianças já detinham (*vide* Apêndice V), isto é, qual o nível de LF em que se encontravam. Este tipo de avaliação, consoante Serrano (2008), quando aplicada em ambiente escolar, compreende características particulares, tais como, por exemplo, poder “ocorrer antes de se iniciar o processo de aprendizagem” e/ou “determinar o grau de preparação [da criança] antes de se confrontar com uma unidade de aprendizagem” (p.94). As perguntas foram formuladas de forma a incluirmos os seguintes conceitos: educação financeira, Escape Room, semanada, mesada, poupar, gerir, despesas (variáveis, fixas, necessárias e inesperadas), ordenado/salário e orçamento. Além disso, foi também uma forma de estabelecermos o primeiro contacto e podermos interagir com cada uma das turmas, de forma a entendermos o seu nível de participação, entusiasmo e interesse pelo tema, uma vez que iria ser trabalhado com as crianças.

1.4.1. Escape Room: uma aventura financeira para desvendar os segredos da família Money

O “Escape Room Financeiro: A Família Money” trata-se de um jogo digital desenvolvido no *Google Forms* (suportado por várias plataformas, tais como Learning Apps; Jigsaw Planet; Genially e Oh, my Dots!), e teve como objetivo abordar o tema da Educação Financeira através da resolução de enigmas/desafios. Inicialmente, e para que fosse possível às crianças escapar da sala virtual da “Caça às Moedas”, foi fundamental conhecer a história da família Money, desenvolvida no Story Jumper⁶, pois, era nessa narrativa que constavam todos os conteúdos necessários para se sair vitorioso.

A aventura teria de ser resolvida num máximo de sessenta minutos (60 min) e era constituída por quatro missões que incluíam, no seu todo, vinte enigmas/desafios, sendo que, os jogadores dispunham de duas ajudas (*vide* Figura 3).

⁶ <https://www.storyjumper.com/book/read/172043211/6628eaecc2bc5>

Figura 3
Escape Room - Informações na entrada.

The screenshot shows the introductory interface of the game. At the top left, there is an illustration of a family of five (two adults and three children) standing on a pile of gold coins. Below this, the title 'EDUCAÇÃO FINANCEIRA - A FAMÍLIA MONEY' is displayed. A welcome message reads: 'Bem-vindo à Sala de Fuga Virtual da Caça às moedas! Esta sala de fuga virtual tem como tema a Educação Financeira. Os jogadores entrarão numa caça às moedas resolvendo desafios.' Below the text, there is a contact email 'ana.mfpp@gmail.com' and a 'Mudar de conta' link. A red asterisk indicates a mandatory question: '* Indica uma pergunta obrigatória'. The main question is 'Aceitas entrar nesta aventura? *' with radio buttons for 'Sim' and 'Não'. At the bottom, there are buttons for 'Seguinte' and 'Limpar formulário'. On the right side, a text box explains the mission: 'Nesta aventura vais cumprir quatro missões com vários desafios. Em cada missão cumprida vais ganhar um valor que deves guardar até ao final do jogo. Esse valor vai permitir que termines o jogo e que possas sair vencedor. Boa sorte nesta aventura!'. Below this text is a graphic showing four mission icons labeled 'PRIMEIRA BLOQUEADA', 'SEGUNDA BLOQUEADA', 'TERCEIRA BLOQUEADA', and 'QUARTA BLOQUEADA'. Another text box states: 'Tens apenas 60 minutos para chegares ao final e dispões de 2 ajudas. O tempo começa agora!'. Below this is a large yellow clock face.

Fonte: Elaboração própria.

Depois de cumprida uma missão, a próxima era desbloqueada, porém, era necessário ter em atenção o valor das moedas que se encontravam num saco, pois, só assim as crianças poderiam sair vencedoras.

A primeira missão era composta por quatro desafios. No primeiro desafio o jogador devia fazer a ligação entre as personagens que constituíam a família Money, fazendo a necessária correspondência com o respetivo grau de parentesco, indicando, posteriormente, no segundo desafio, o elemento que não pertencia à mesma, ou seja, o elemento intruso. Já os terceiro e quarto desafios eram constituídos por perguntas de escolha, relacionadas com a história (vide Figura 4).

Figura 4
Escape Room - Desafios da Missão 1.

The screenshot shows the challenge interface for the first mission. It is divided into three main sections. The top section, titled 'PRIMEIRA MISSÃO', contains a graphic with four mission icons: 'PRIMEIRA BLOQUEADA', 'SEGUNDA BLOQUEADA', 'TERCEIRA BLOQUEADA', and 'QUARTA BLOQUEADA'. The first icon is labeled 'DESBLOQUEADA'. Below this, the text reads: 'Nesta missão tens quatro desafios para realizares.' The middle section, titled 'Desafio 1 - Clica em Família Money e estabelece a relação entre o texto e a imagem, de acordo com o grau de parentesco.', shows a character selection screen with a character named 'Tarefe' selected. The bottom section, titled 'Desafio 2 - Quem é o elemento que não integra a Família Money? *', asks the player to identify the intruder. The right side of the screen shows two challenge cards. The first card, 'Desafio 3 - Por que Mateus estava triste quando chegou a casa depois da escola?', includes an image of a boy and five radio button options: 'Ele tirou uma nota baixa no teste de Português.', 'Ele não recebia uma mesada.', 'Ele perdeu o seu brinquedo favorito.', and 'A irmã não recebia uma mesada.'. The second card, 'Desafio 4 - Como é que Maia descobriu o significado da palavra mesada? *', includes an image of a girl and five radio button options: 'Os pais explicaram.', 'Ela ouviu uma conversa entre os pais.', 'Consultou o dicionário.', and 'Viu um anúncio na televisão.'. At the bottom, there are navigation buttons: 'Anterior', 'Seguinte', and 'Limpar formulário'.

Fonte: Elaboração própria.

A missão número dois continha cinco desafios, sendo o primeiro a construção de um *puzzle*, no qual se encontrava representado um símbolo monetário e no segundo desafio, as crianças tinham de identificar o nome do símbolo €. O desafio número três era uma pergunta de escolha relacionada com a história. No quarto desafio, os jogadores deviam descobrir, numa sopa de letras, três sinónimos de cada um dos conceitos (supérfluo e necessário) para que, no último desafio, conseguissem identificar os sinónimos da palavra “necessário” (vide Figura 5).

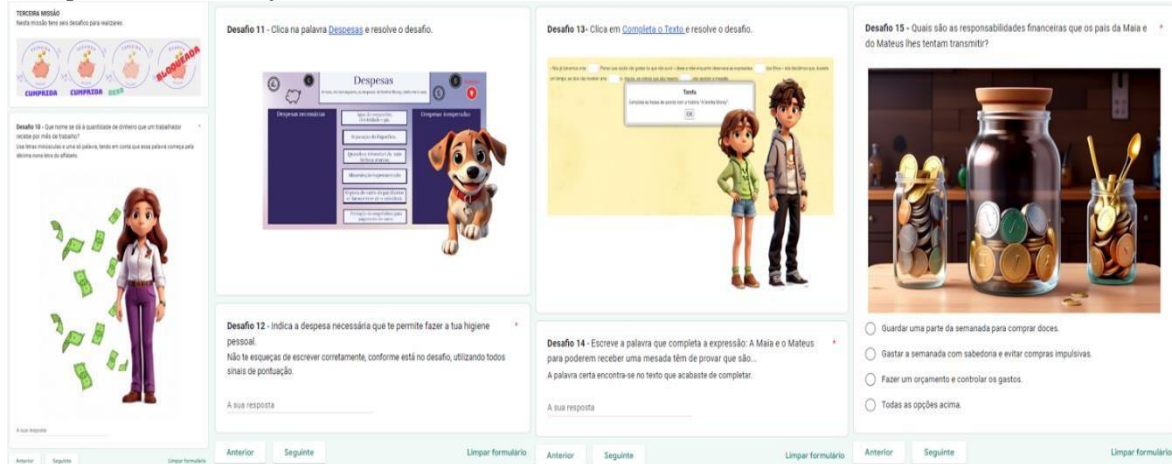
Figura 5

Escape Room - Desafios da Missão 2.

Fonte: Elaboração própria.

A terceira missão era constituída por seis desafios. No primeiro o jogador devia indicar o termo que se utilizava para representar a quantidade de dinheiro que um trabalhador recebe por um mês de trabalho. No seguinte desafio devia arrastar as despesas da família Money para a respetiva coluna (necessárias ou inesperadas) para que, no terceiro desafio pudesse referir qual das despesas descritas lhe permitia fazer a sua higiene pessoal. Nos quarto e quinto desafios as crianças tinham de completar os espaços em branco e o sexto dizia respeito a uma questão de escolha alusiva à história (vide Figura 6).

Figura 6
Escape Room - Desafios da Missão 3.



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, na quarta e última missão incluíram-se cinco desafios. No primeiro, as crianças deviam selecionar a resposta correta, tendo em conta a pergunta colocada e a história. No desafio seguinte, deviam selecionar a opção correta de acordo com os provérbios apresentados, com o intuito de identificarem, no desafio seguinte, qual deles significava “não ter dinheiro de reserva”. Os quarto e quinto desafios diziam respeito ao preenchimento das palavras cruzadas sobre vários conceitos financeiros (gerir, poupar, orçamento, despesas, entre outras) (vide Figura 7).

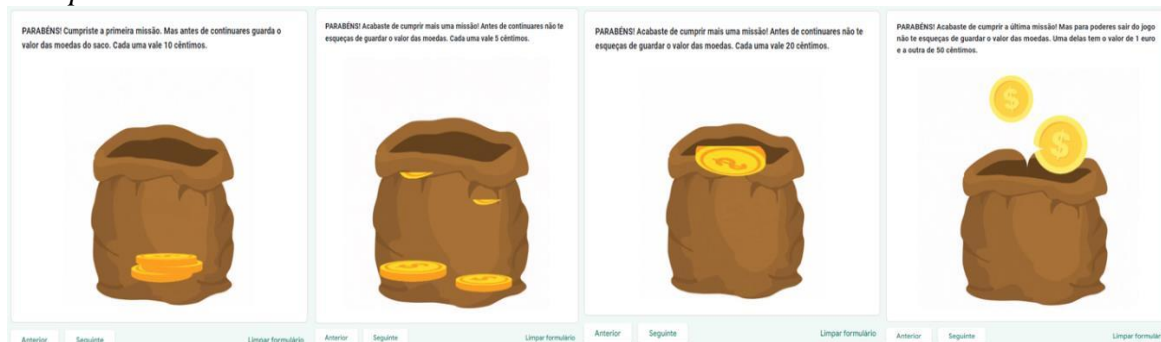
Figura 7
Escape Room - Desafios da Missão 4.



Fonte: Elaboração própria.

Após a resolução de todos os enigmas/desafios, os jogadores deviam “fazer contas à vida” e referir o valor acumulado durante o jogo (três euros e cinquenta cêntimos) para receberem o seu porco mealheiro e, enquanto turma, no futuro, poderem desenvolver mais dinâmicas de Educação Financeira em contexto escolar (*vide* Figura 8).

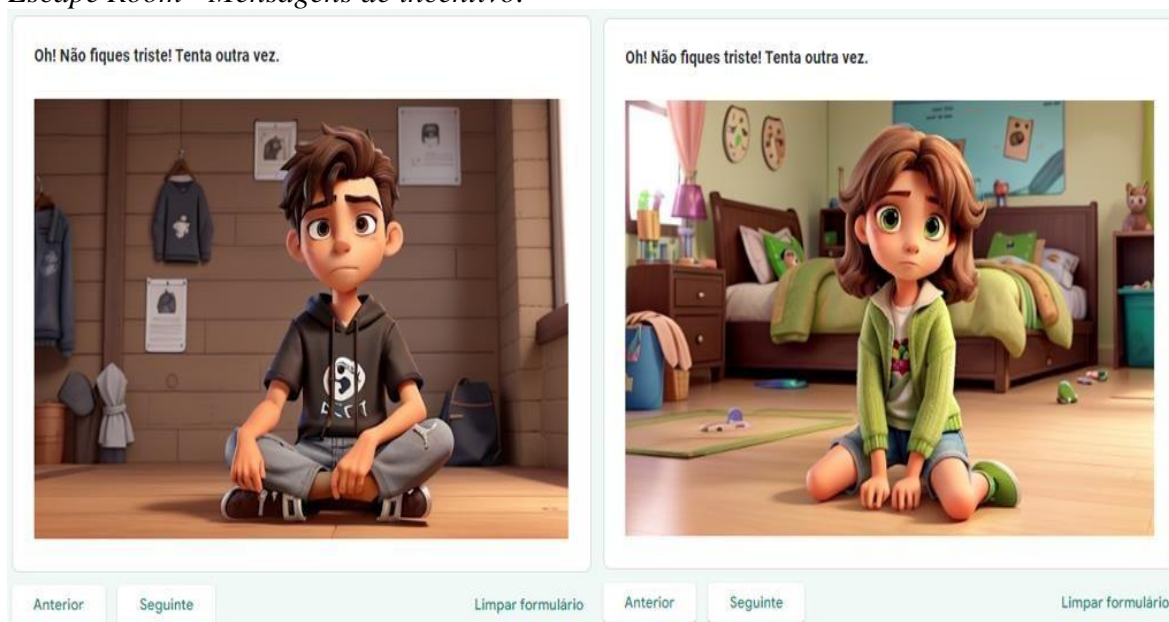
Figura 8
Escape Room - Saída bem-sucedida.



Fonte: Elaboração própria.

No fim do jogo as crianças teriam de somar corretamente todos os valores anteriormente apresentados, caso contrário as crianças não completavam o Escape Room. No entanto, durante a realização do jogo, e no caso de as crianças falharem as respostas dos diferentes desafios propostos em cada uma das missões, surgia uma mensagem de incentivo para não desistirem (*vide* Figura 9).

Figura 9
Escape Room - Mensagens de incentivo.



Fonte: Elaboração própria.

Após a apresentação das atividades previstas foi realizado o levantamento das opiniões das crianças (vide Apêndice V), relativamente à história e ao jogo, com o intuito de percebermos os conhecimentos adquiridos e o envolvimento no jogo, não só no que diz respeito à parte lúdica, mas também às dificuldades sentidas e às alterações que poderiam ser tidas em conta no futuro, ou seja, “analisar os resultados alcançados e os seus efeitos nos beneficiários” (Serrano, 2008, p.96), isto com a intencionalidade de podermos vir a melhorar a experiência proporcionada pela leitura da história e pelo Escape Room e, simultaneamente, ajudar a ampliar a aprendizagem das crianças.

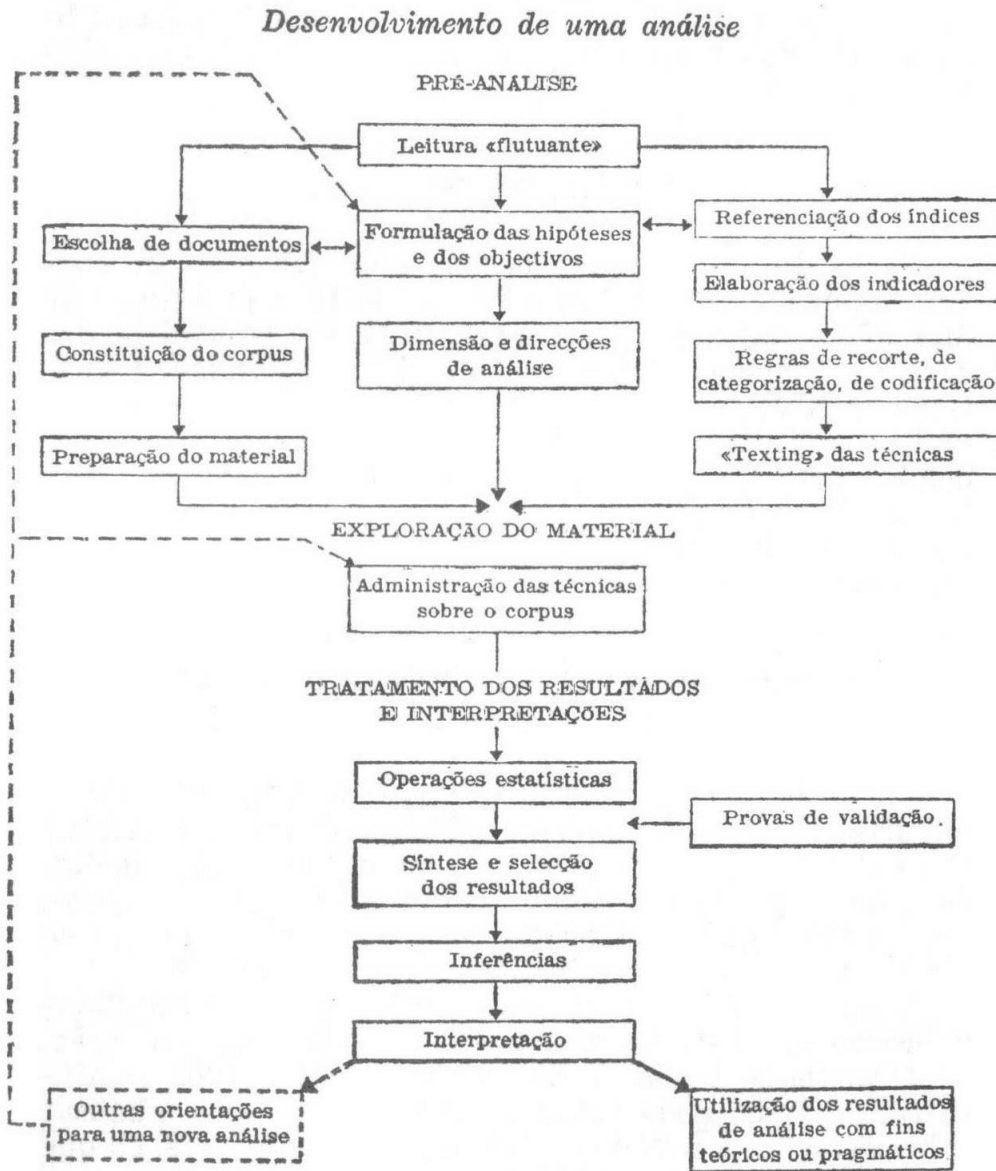
2. Técnicas de análise e tratamento dos dados

A análise e tratamento dos dados será baseada na análise de conteúdo, que se apresenta como um conjunto de instrumentos metodológicos para a análise das comunicações, tendo em comum a dedução. Este tipo de análise, tal como refere Bardin (1977) “enriquece a tentativa exploratória” e “aumenta a propensão à descoberta” (p.31). A mesma autora diz-nos, também, que é através destes procedimentos que iremos conhecer o que está por trás das palavras, isto é, permite a procura de novas realidades através das mensagens. Deste modo, este tipo de análise é composto, não só por uma dimensão descritiva do que nos foi narrado, mas também de uma dimensão interpretativa que surge das interrogações (Guerra, 2006). Resumidamente, para Bardin (2016), a análise de conteúdo trata-se de:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (p.48).

Geralmente, este tipo de análise é composto por três fases, sendo elas a pré-análise, a exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (vide Figura 10).

Figura 10
Desenvolvimento de uma análise.
 Fonte: Bardin (2016, p. 102)



Como se observa na Figura 10, na primeira fase da análise de conteúdo organiza-se o plano de pré-análise, operacionalizando e sistematizando as ideias originais, seguidamente, trata-se da análise propriamente dita, administrando de forma sistemática as decisões tomadas anteriormente, para que seja possível propor inferências e interpretações a propósito dos objetivos previstos ou, ainda, para aferir descobertas inesperadas. No fundo, a análise de conteúdo “consiste em ordenar os materiais recolhidos, classificá-los segundo critérios

pertinentes, encontrar as dimensões de semelhanças e diferenças, as variáveis mais frequentes e as particulares” (Guerra, 2006, p.78).

Para sintetizar, a análise de conteúdo é um processo de organização que leva à compreensão dos dados através da categorização, envolvendo “o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspetos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros” (Bogdan & Biklen, 1994, p.205).

No que diz respeito à análise de conteúdo das entrevistas, as categorias temáticas e respetivas subcategorias foram criadas a priori (*vide* Tabela 1) através das respostas obtidas no pré-teste (*vide* Apêndice VI), com a intenção de criar um ponto de partida para facilitar a subsequente análise dos dados recolhidos junto dos/as professores participantes, podendo sofrer alterações considerando os dados emergentes das restantes entrevistas.

Tabela 1
Categorização realizada a partir do pré-teste.

Blocos	Categorias	Subcategorias
Bloco 3	Perceção dos/as professores acerca dos conceitos Literacia Financeira e Educação Financeira	Definição de Literacia Financeira
		Definição de Educação Financeira
	Importância atribuída pelos professores à Educação Financeira nas crianças	Benefícios e efeitos da Educação Financeira
		Educar desde cedo e de forma contínua
Iniciativas e projetos de Educação Financeira	Conhecimento de projetos ou iniciativas	
	Medidas sugeridas para o contexto escolar	
Bloco 4	Perceção dos/as professores acerca da eficácia do Jogo como recurso pedagógico	Conceito
		Estratégia de aprendizagem
		Vantagens
		Desvantagens
	Experiências pessoais	Frequência e circunstâncias
		Respostas das crianças
Dinâmicas com jogos sobre Educação Financeira	Educar financeiramente através do Jogo	
	Conteúdos a abordar	
Bloco 5	Perceção dos/as professores acerca do Educador Social	Definição de Educador Social
		Importância deste profissional na sociedade
		Importância deste profissional na escola
		Promoção da Educação Financeira

Fonte: Elaboração própria.

Adicionalmente, criamos um sistema de codificação alfanumérico, associado a cada participante, sendo constituído por uma letra (docente designado por D) e um número referente à ordem da realização da entrevista, como por exemplo D1, D2 e, assim, sucessivamente até D5, de forma a assegurar a confidencialidade das respostas.

Para se avaliar o jogo recorreu-se a perguntas abertas que foram pensadas para colocarmos às crianças das turmas envolvidas, isto a priori e a posteriori da aplicação da história e Escape Room (jogo), dando abertura para as crianças se expressarem, não só relativamente aos conhecimentos já adquiridos, como também às novas aprendizagens que fizeram após a colaboração nesta investigação. Após a recolha de dados, a informação foi organizada seguindo a mesma linha de pensamento, isto é, através da criação de categorias e subcategorias de análise (*vide* Tabela 2) e, desta forma, foi igualmente criado um sistema de codificação alfanumérico para cada turma e criança, sendo a turma identificada pela letra T e por um número (T1, T2, T3, T4 e T5), e cada criança foi identificada pela referida turma e pela letra A (aluno), seguida de um número, como no exemplo: T1A5 (turma 1, criança número cinco).

Tabela 2

Categorização para avaliação dos conhecimentos (pré e pós) jogo.

Categorias	Subcategorias
Perguntas iniciais: Avaliação Diagnóstica	
Educação Financeira	Conhecimento prévio
	Definição
Escape Room	Experiência/familiaridade
	Conceito
Gestão do Dinheiro	Ter ou não ter semanada/mesada
	Diferença entre semanada e mesada
	Destino do dinheiro recebido
	Conceito de gerir
Despesas Familiares	Origem do dinheiro para pagamento das despesas
	Exemplos de despesas necessárias
	Exemplos de despesas inesperadas
	Exemplos de despesas variáveis

	Exemplos de despesas fixas
Orçamento Familiar	Conhecimento prévio
	Definição
Perguntas finais: Avaliação Final	
Percepção sobre o jogo	Apreciação final/feedback
	Aspetos positivos do jogo e benefícios de aprender através do mesmo
	Aprendizagens obtidas
	Sugestões de melhoria

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 2 apresenta as categorias e as subcategorias que foram pensadas para avaliar os conhecimentos dos participantes (crianças). As categorias e subcategorias englobam diversos conceitos relacionados à EF. As perguntas iniciais (avaliação diagnóstica) foram colocadas antes da visualização e audição da narrativa “Família Money: Uma aventura de educação financeira” e da realização do jogo Escape Room, enquanto as perguntas finais (avaliação final) foram feitas após o jogo. As informações recolhidas foram utilizadas para avaliar o impacto do jogo na aprendizagem das crianças participantes.

Capítulo III. Apresentação, tratamento e análise dos dados

Nota introdutória

Este capítulo integra a apresentação, análise e discussão dos resultados, sustentados no enquadramento teórico realizado e tendo como base a questão-problema e os respetivos objetivos propostos para esta dissertação, recorrendo-se à análise de conteúdo.

Esta análise assenta nas respostas de 5 professores (D1, D2, D3, D4 e D5) a uma entrevista acerca da sua perceção sobre Educação Financeira, cujos objetivos foram: (i) Perceber a importância da educação financeira em idades precoces e as implicações que a (i)literacia financeira pode ter nas aprendizagens das crianças; (ii) Analisar a eficácia do jogo como recurso pedagógico eficiente para a construção do conhecimento relacionado com a literacia financeira; e (iii) Identificar o papel do educador social, analisando de que forma as suas funções podem ser adaptadas para a promoção da literacia financeira nas escolas, e ainda, nos conhecimentos financeiros de crianças de 5 turmas (T1, T2, T3, T4 e T5) anteriores e posteriores à apresentação do Jogo “Escape Room – Educação Financeira - A Família Money”.

1. Caracterização sociodemográfica dos participantes

Inicialmente é importante fazer uma caracterização dos participantes, tanto dos professores quanto das crianças, no sentido de dar a conhecer informações gerais sobre os professores, tais como as suas experiências profissionais e áreas de atuação e também sobre a constituição das turmas.

Concretamente, procuramos caracterizar os cinco professores participantes (n=5) relativamente às suas motivações para a carreira docente, focando nas influências e fatores pessoais que os levaram a enveredar pelo ensino. Além disso, analisamos as suas funções, incluindo o tempo de serviço e as respetivas áreas de especialização.

1.1. Caracterização do docente e das suas funções

A Tabela 3 apresenta as categorias e subcategorias identificadas na análise das entrevistas com professores sobre a sua caracterização e funções.

Tabela 3*Categorias e Subcategorias do Bloco 2 (Caraterização do docente e das suas funções).*

Categorias	Subcategorias
Motivações para o ensino	Influências pessoais e familiares
	Vocação/ Interesse
	Oportunidades
Experiência docente	Tempo de serviço
	Áreas de especialização
	Metodologias de ensino

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisarmos as categorias e subcategorias da Tabela 3, pensamos que será possível obter um cenário mais completo do perfil dos professores participantes da pesquisa, bem como conhecer as suas motivações para a escolha da carreira, experiência profissional e as funções que desempenham no seu dia a dia.

É importante ressaltar que esta análise é apenas um ponto de partida para a compreensão das características e funções dos professores participantes. Para um estudo mais aprofundado, é necessário considerar outros aspetos relevantes, como a formação inicial e contínua dos professores, o contexto sociocultural em que atuam e as políticas públicas que impactam a profissão docente.

1.1.1. Motivações para o ensino

As *motivações* dos professores para ingressarem na área do ensino apresentaram-se diversas e complexas, refletindo experiências pessoais e familiares, valores e aspirações. Relativamente às *influências pessoais e familiares*, dois professores relataram que “a minha decisão de seguir a área do ensino foi influenciada pelas experiências pessoais vividas durante o meu 1º ciclo, as minhas professoras foram muito inspiradoras.” (D1) e “como sou a filha mais velha de oito irmãos, fui sempre a “professora” dos mais novos.” (D3). Além disso, a *vocação* natural para o trabalho com as crianças e o *interesse* pelo ensino foram evidentes em várias declarações: “encontrar maneiras eficazes de formar pessoas, criar oportunidades de construir o conhecimento e adaptar-se às necessidades individuais das crianças são desafios que considero estimulantes [...] ver o progresso das crianças e saber que contribuí para o seu desenvolvimento é o que me motiva diariamente a continuar nesta missão” (D2); “fui catequista desde os meus doze anos e como adoro crianças achei que deveria ser professora [...] é toda uma vida dedicada aos mais novos.” (D3) e “Gosto pelo

ensino” (D5). A *oportunidade* de emprego foi também um fator significativo: “claro que também pesou o facto de haver o magistério em Bragança.” (D3); “por oportunidade profissional” (D4) e “também oportunidade de emprego.” (D5).

1.1.2. Experiência docente

Em relação à *experiência docente* (tempo de serviço), os entrevistados revelaram possuir uma vasta experiência na área do ensino, com o *tempo de serviço* a variar entre 23 e 41 anos: D1 – 23 anos; D2 – + de 30 anos, D3 – 38 anos; D4 – 39 anos e D5 – 41 anos. Além disso, possuem diversas *especializações*, como é evidenciado nos seguintes discursos:

Exerço há 23 anos e sou profissionalizada em professores do 1º ciclo do ensino básico. (D1)

Tenho o privilégio de trabalhar como docente há mais de 30 anos, dedicando a minha carreira à educação de crianças do 1.º ciclo do ensino básico [...], desenvolvi e aperfeiçoei diversas metodologias do ensino da leitura e da escrita [...] procurei constantemente formas de integrar atividades e projetos [...] investi na minha formação contínua na área de tecnologia educacional. (D2)

Tenho 38 anos de serviço [...] as áreas de especialização são todas as necessárias para a monodocência, mas para além do magistério, fiz dois anos mais na ESE [complemento de formação para professores do 1º ciclo] fiz também na ESE mais tarde, a formação de dois anos em português e dois anos em matemática. (D3) Tenho 39 anos de serviço docente. Sempre trabalhei no 1ºciclo e sempre tive funções professores, em sala de aula. Tenho o curso de professor primário, sou licenciado na variante de português/francês e tenho Mestrado em Professores do 1ºCiclo do EnsinoBásico. (D4)

São 41 anos de serviço dedicado ao ensino, no 1º ciclo. Foi sempre a minha preocupação valorizar-me, frequentando formação nas diversas áreas. Profissionalização é Magistério primário mais Complemento de Formação. (D5)

Os professores também manifestaram um forte compromisso com a profissão e a procura incessante por atualização e aperfeiçoamento das suas habilidades (compromisso e atualização profissional), como podemos perceber através dos seguintes discursos: “participo regularmente em formações, congressos e workshops para me manter atualizada e aperfeiçoar as minhas práticas pedagógicas” (D2); “Tentei sempre manter-me atualizado e responder aos desafios que me são propostos.” (D4); “Foi sempre a minha preocupação valorizar-me, frequentando formação nas diversas áreas.” (D5).

Além da valorização profissional, os professores mencionaram *metodologias de ensino* que refletem abordagens diversificadas, focadas no envolvimento ativo das crianças, na personalização da aprendizagem e na integração de diversas ferramentas e técnicas para promover um ambiente educativo inclusivo e estimulante. Os professores entrevistados destacaram: “A minha experiência como docente tem sido pautada por criar ambientes de aprendizagem que valorizem a curiosidade e que estimule o desenvolvimento intelectual, emocional e social dos alunos” (D1) e “Utilizo abordagens interativas para tornar a aprendizagem dos conceitos acessível e interessante, incentivando o raciocínio lógico e a resolução de problemas desde cedo [...] estratégias de ensino inclusivas, adaptando o currículo e as atividades para garantir oportunidade de aprender para todas [...] incorporo ferramentas digitais e recursos multimídia nas minhas aulas, de forma a tornar a aprendizagem mais dinâmica e envolvente [...] integro jogos e atividades lúdicas no processo de ensino, tornando a aprendizagem uma experiência divertida e significativa.” (D2).

1.2. Caracterização das crianças

No que diz respeito às crianças das turmas participantes (n=5), houve um total de 79 crianças de 8 e 9 anos de idade implicadas, frequentando os 3.º e 4.º anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB). Estas encontravam-se distribuídas da seguinte forma: T1 – 18 crianças; T2 – 17 crianças; T3 – 16 crianças e T4 e T5 – 14 crianças. Das 79 crianças participantes, apenas 49 finalizaram o jogo com sucesso (o que significa que carregaram no ícone “enviar”). Algumas jogaram em pares devido à falta de recursos nas escolas, o que levou muitas a partilharem o computador, enquanto outras ficaram sem tempo suficiente para terminar o Escape Room. Percebemos assim que as crianças são seres únicos, cada uma tem as suas particularidades e formas de estar e agir. Assim como os adultos, aquelas crianças também tinham ritmos de aprendizagem distintos. Algumas captaram rapidamente a informação, enquanto outras precisaram de mais tempo para assimilar as informações e dar resposta aos desafios propostos.

As sessões com as crianças foram realizadas nos dias 3, 9, 10, 13 e 16 de Maio de 2024.

2. Análise da entrevista aos professores

No cenário educacional contemporâneo, a educação financeira apresenta-se como um tema crucial para o desenvolvimento de cidadãos conscientes e preparados para os desafios

do mundo real. Diante dessa relevância, compreender as percepções dos professores torna-se essencial para se poderem desenvolver políticas públicas, aperfeiçoar currículos e implementar práticas pedagógicas eficazes.

Propomo-nos, por isso, desvendar as *nuances* das percepções dos professores acerca da educação financeira no âmbito escolar. Através da análise de entrevistas, procuramos capturar os saberes, as experiências e as crenças que orientam a atuação dos professores nessa área. Acreditamos que, ao mergulharmos nas lentes dos professores, poderemos colher *insights* valiosos para fortalecer a educação financeira nas escolas e preparar as crianças para uma vida adulta financeiramente responsável.

2.1. Importância da exploração de conceitos sobre Educação Financeira com crianças

Na Tabela 4 apresentam-se as categorias e subcategorias identificadas na análise das entrevistas com professores sobre a sua percepção da importância da exploração de conceitos sobre Educação Financeira com crianças.

Tabela 4

Categorias e Subcategorias do Bloco 3 (Importância da exploração de conceitos sobre Educação Financeira com crianças).

Categorias	Subcategorias
Percepção dos/as professores acerca dos conceitos Literacia Financeira e Educação Financeira	Definição de Literacia Financeira
	Definição de Educação Financeira
Importância atribuída pelos professores à Educação Financeira nas crianças	Benefícios e efeitos da Educação Financeira
	Educar desde cedo e de forma contínua
Iniciativas e projetos de Educação Financeira	Conhecimento de projetos ou iniciativas
	Medidas sugeridas para o contexto escolar

Fonte: Elaboração própria.

Com a análise das categorias e subcategorias desta Tabela pretendemos obter uma compreensão mais profunda das percepções dos professores sobre a importância da Educação Financeira na infância e as diferentes formas de a implementar no contexto escolar, realçando algumas iniciativas e projetos.

2.1.1. Percepção dos professores acerca dos conceitos Literacia Financeira e Educação Financeira

Para uma melhor compreensão da temática em estudo, considerou-se importante iniciar com as *percepções dos professores acerca de dois conceitos – Literacia Financeira e Educação Financeira*, pois, tal como expõe Pontes (2016), encontram-se relacionados, uma vez que a EF possibilita e potencia a LF.

Os professores entrevistados apresentaram *definições de LF* que são complementares e abrangentes, indo ao encontro das significações de vários autores. Entre essas definições destaca-se a de Schangen (1997), referenciada pelo BP (2010) como uma das mais utilizadas a nível internacional. Essa definição relaciona o conceito com a gestão do dinheiro através de julgamentos informados e tomada de decisões acertadas. Os exemplos das percepções dos professores incluem: “Literacia financeira envolve competências na capacidade de tomar decisões financeiras informadas que nos ajudem a gerir as nossas finanças pessoais, como por exemplo, noções do que é a poupança, o crédito, o débito, os juros, etc.” (D1); “Literacia financeira refere-se ao conhecimento e às capacidades que uma pessoa possui em relação à gestão das finanças pessoais, ou seja, é a capacidade de entender e usar conceitos financeiros básicos que são essenciais para tomar decisões financeiras informadas e eficazes [...] é o saber em uso [...] é o conhecimento adquirido e que possibilita planear financeiramente objetivos a curto e a longo prazo, bem como lidar com diferentes produtos e serviços financeiros, como contas bancárias e seguros” (D2); “Ter as competências necessárias e convenientes para melhor gerir a minha vida económico-financeira.” (D4); “É o conhecimento sobre decisões a tomar relativamente às finanças pessoais.” (D5).

Estas definições destacam a importância da necessidade de se possuir habilidades e conhecimentos financeiros básicos para se poder gerir eficazmente as finanças pessoais, tomando decisões informadas sobre poupança, crédito, débitos, juros e outros aspetos financeiros.

Os professores associaram o *conceito de EF* ao processo de aprendizagem financeira, como fundamentado na literatura consultada (OCDE, 2005, como citado por Santiago et al., 2017). As definições evidenciam: “Educação financeira abre o caminho para a literacia financeira, ou seja, é o processo através do qual as pessoas adquirem o conhecimento, as competências para gerir as suas finanças.” (D1); “A educação financeira é o processo pelo qual as pessoas adquirem a literacia financeira. É a divulgação do conhecimento e o desenvolvimento de competências relacionadas com a gestão financeira.” (D2); “Permite aos mais novos, conhecimentos e capacidades para mais tarde tomarem decisões o mais

assertivas possível, sobre as suas finanças pessoais” (D3); “É a forma como os cidadãos aprendem a lidar com o dinheiro de uma forma mais consciente, inteligente e sustentável.” (D5).

Todavia, apenas os professores D1, D2 e D5 fizeram uma distinção clara entre os dois conceitos, sendo evidente a sua interdependência no seguinte discurso: “A literacia financeira é a competência necessária para gerir eficazmente as finanças pessoais, enquanto a educação financeira é o processo de adquirir essa base.” (D2)

As definições apresentadas pelos professores refletem a compreensão de que a Educação Financeira é um meio para alcançar a Literacia Financeira, destacando a importância da aprendizagem contínua e do desenvolvimento de habilidades para a gestão financeira eficaz.

2.1.2. Importância atribuída pelos professores à Educação Financeira nas crianças

No que diz respeito à *importância da Educação Financeira nas crianças*, os professores destacaram que a EF pode ter um impacto significativo, proporcionando diversos *benefícios ou efeitos na vida das crianças*, tal como refere Cunha (2015) sustentada na DGE. As perceções dos professores ressaltam a importância da EF para preparar as crianças para uma vida adulta responsável, desenvolver hábitos financeiros saudáveis desde cedo e conscientizá-las sobre a importância de um consumo sustentável. Ora vejamos as seguintes dimensões.

– Preparação para a vida adulta / tomada de decisões:

É fundamental para dotar as crianças com as ferramentas necessárias para gerir responsabilmente o dinheiro, tomar decisões financeiras informadas e prepará-las para uma vida adulta responsável. (D1)

É fundamental para preparar as pessoas para a gestão eficaz das finanças pessoais, promovendo a estabilidade económica e a capacidade de se tomarem decisões financeiras informadas e responsáveis. Desenvolvem a capacidade de lidar com situações financeiras adversas, como imprevistos e crises económicas, de forma mais eficaz. Considero que é importante trabalhar a educação financeira com crianças porque as prepara para serem adultos responsáveis e financeiramente seguros. (D2)

A educação financeira tem extrema importância porque é um passo importante para uma melhor organização económica no futuro, como cidadão responsável e realizado. (D4)

- Desenvolvimento de hábitos financeiramente saudáveis:
Quanto mais cedo as crianças compreenderem os conceitos de poupança, investimento e orçamento, maior será o contributo para aprenderem a desenvolver hábitos financeiros saudáveis e evitar gastos desnecessárias. (D1)
As crianças desenvolvem hábitos de poupança e gasto, que acredito serem úteis para a vida. Adquirem conhecimentos financeiros que lhes dão confiança para tomar decisões por si mesmas. (D2)
- Consciencialização para o consumo:
É muito importante a educação financeira para os mais novos, porque eles são bastante consumistas e não ponderam a hipótese de poupar. Não sabem nem querem saber. (D3)
É importante inculcar nas crianças o espírito de poupança e de adoção de políticas sustentáveis. (D5)

As dimensões destacadas – preparação para a vida adulta/ tomada de decisões, desenvolvimento de hábitos financeiramente saudáveis e consciencialização para o consumo – encontram-se em conformidade com as Linhas Orientadoras da Educação para a Cidadania (2013). Essas diretrizes enfatizam a importância do processo de aquisição de conhecimentos e capacidades que permitirão aos jovens, no futuro, tomar decisões financeiras enquanto consumidores.

Quando questionados acerca da importância de *educar as crianças desde cedo e de forma contínua*, todos os professores consideraram a EF crucial desde tenra idade: “Sim” (D1); “Sim, como já referi considero extremamente importante introduzir a educação financeira em idades precoces” (D2); “Com toda a certeza, eu sempre lhe dei a noção de poupar” (D3); “Com certeza” (D4); “Sim, aliás este tema é abordado constantemente em sala de aula” (D5).

A educação financeira desde cedo é vista como uma aprendizagem gradual e natural que pode prevenir problemas financeiros no futuro, preparando as crianças para enfrentar desafios financeiros e moldando hábitos e comportamentos financeiros saudáveis. Um dos professores destacou: “Iniciar a educação financeira desde cedo pode ter um impacto muito positivo na vida das crianças [...] ajuda a formar uma base sólida de conhecimentos e capacidades que as beneficiará ao longo da vida, promovendo bem-estar pessoal e contribuindo para uma sociedade mais saudável economicamente [...] prepara as crianças para tomar decisões informadas e responsáveis. Elas aprendem a avaliar os riscos e os benefícios de poupar e esbanjar” (D2). Essa visão reflete a importância de introduzir conceitos financeiros desde cedo, para que as crianças desenvolvam uma compreensão

sólida que lhes permitirá gerir as suas finanças de maneira responsável e eficaz ao longo da vida.

2.1.3. Iniciativas e projetos de Educação Financeira identificados pelos professores

Em relação às *iniciativas e projetos de Educação Financeira*, os professores mostraram um *conhecimento* limitado quando comparado com o repertório de ações existentes, uma vez que apenas dois professores mencionaram exemplos específicos: “Conheço os referenciais para a educação financeira e o projeto nacional “Todos Contam” e o Pordata Kids” (D1) e “Estou a lembrar-me da organização Junior Achievement Portugal que é uma organização dedicada à educação financeira, empreendedorismo e preparação para o trabalho [...] Moneywise Kids é um programa baseado em jogos que ensina crianças conceitos básicos de finanças pessoais [...] o BizWorld [...] o plano nacional de educação financeira “Todos Contam” é uma iniciativa que visa melhorar a literacia financeira [...] Smart Money Commanders é um programa educacional que usa histórias e personagens para ensinar crianças sobre finanças.”(D2). Dois professores fizeram ainda referência ao facto de a EF estar circunscrita à disciplina curricular de Cidadania e Desenvolvimento: “Apesar de já haver educação financeira no âmbito da Cidadania e Desenvolvimento, poderia ir-se mais longe” (D1) e “Apenas os conteúdos programáticos trabalhados em sala de aula, no âmbito da área da matemática e na área da Educação para a Cidadania que contempla este domínio.” (D4). Estas observações indicam que, embora haja conhecimento de algumas iniciativas e projetos de EF, há uma perceção de que a integração desses conteúdos na educação formal ainda é limitada. Os professores reconhecem a importância de expandir e aprofundar o ensino da EF além do que atualmente é oferecido nas disciplinas de Cidadania e Desenvolvimento e Matemática.

Neste seguimento, as *medidas sugeridas* pelos professores *para o contexto escolar* foram várias, destacando a necessidade de reformulação/atualização dos manuais escolares e a realização de ações de formação dirigidas aos próprios professores no sentido de os capacitar. As sugestões incluem:

- Reformulação dos manuais escolares: “reformular a forma com são pensados os manuais, já que ainda são os “recursos” mais usados pelos professores” (D1);
- Criação de recursos pedagógicos e formação contínua: “para a sua implementação é importante a criação de recursos pedagógicos específicos. Esses materiais devem abordar tópicos como poupança, orçamento, crédito, investimentos e planeamento financeiro... deve-se investir na formação contínua de professores

sobre como ensinar conceitos financeiros de forma eficaz, incluindo workshops, cursos de formação e acesso a recursos online.” (D2),

- Desenvolvimento de projetos e atividades práticas e lúdicas: “recorrer a jogos educativos e simulações financeiras para ensinar conceitos de maneira lúdica. O envolvimento dos alunos em projetos práticos que abordem a gestão financeira também é importante. Por exemplo, projetos de empreendedorismo onde os alunos criam e gerem pequenas empresas escolares, feiras ou desafios de poupança.” (D2); “Jogos, ir fazer compras com eles, planejar o futuro” (D3); “Criar mais projetos que contemplem este domínio.” (D4).
- Estabelecimento de parcerias e envolvimento da comunidade: “também poderiam ser estabelecidas parcerias com bancos e outras instituições financeiras.” (D1); “as parcerias com instituições financeiras e a comunidade local também são importantes. A participação em eventos comunitários relacionados à educação financeira, como feiras de economia, concursos de empreendedorismo e campanhas de sensibilização, envolvendo pais e membros da comunidade.” (D2); “alertar encarregados de educação e alunos para a necessidade da escolha” (D5).

As sugestões apresentadas anteriormente sublinham a importância de uma abordagem abrangente para a EF, envolvendo a atualização dos materiais didáticos, a formação dos professores, o desenvolvimento de atividades práticas e lúdicas, e o estabelecimento de parcerias com a comunidade e instituições financeiras. Estas medidas visam fortalecer a EF e prepararem as crianças para uma gestão financeira responsável no futuro.

2.2. Eficácia do jogo como Recurso Pedagógico

A Tabela 5 apresenta as categorias e subcategorias identificadas na análise das entrevistas com professores sobre a sua percepção da eficácia do jogo como recurso pedagógico, focando ainda dinâmicas voltadas para a Educação Financeira.

Tabela 5

Categorias e Subcategorias do Bloco 4 (Eficácia do jogo como recurso pedagógico).

Categorias	Subcategorias
Percepção dos professores acerca da eficácia do Jogo como recurso Pedagógico	Conceito
	Estratégia de aprendizagem
	Vantagens
	Desvantagens

Experiências pessoais	Frequência e circunstâncias
	Respostas das crianças
Dinâmicas com jogos sobre Educação Financeira	Educar financeiramente através do Jogo
	Conteúdos a abordar

Fonte: Elaboração própria.

No subponto seguinte analisamos as categorias e subcategorias desta Tabela, com o intuito de obtermos uma visão mais sustentada sobre as percepções dos professores relativamente à utilização do jogo como recurso pedagógico, com ênfase na área da educação financeira.

2.2.1. Percepção dos professores acerca da eficácia do Jogo como recurso pedagógico

No âmbito da *percepção dos/as professores acerca da eficácia do jogo como recurso pedagógico*, todos os professores entrevistados apresentaram noções claras do *conceito* de jogo, reconhecendo as suas principais características – momento lúdico e divertido, com regras e objetivos definidos, por vezes, associado ao processo de ensino/aprendizagem, tal como se comprova nos discursos apresentados:

Um jogo é uma atividade lúdica, às vezes usada como ferramenta educativa, que envolve regras definidas, desafios, interações e objetivos claros. (D1)

Um jogo é uma atividade ou um conjunto de atividades estruturadas, realizadas com fins recreativos, educativos, competitivos ou de desenvolvimento de capacidades. Os jogos geralmente envolvem regras que os participantes devem seguir e objetivos específicos a alcançar. (D2)

É uma maneira divertida (lúdica) de aprenderem brincando. (D3)

Estratégia para conhecimento e aplicação de conceitos. (D4)

É uma atividade praticada com fins recreativos, mas também podem funcionar como instrumentos educacionais tendo como base um conjunto de regras. (D5)

Uma outra questão prende-se com o facto de o jogo ser uma *estratégia de aprendizagem* capaz de ajudar as crianças a compreender certos conteúdos, relativamente à qual todos os professores expressaram a sua concordância: “Concordo plenamente. O jogo é uma estratégia eficaz para ajudar as crianças a compreender conceitos, pois transforma a aprendizagem numa experiência divertida e interativa” (D1); “Concordo plenamente com a afirmação de que o jogo é uma estratégia eficaz para ajudar as crianças a compreender conteúdos. A utilização de jogos no ambiente educacional oferece inúmeros benefícios que facilitam a aprendizagem de forma significativa. São naturalmente envolventes e motivadores para as crianças” (D2); “Concordo.” (D3); “Concordo. É um modelo de

atividade que é bem aceita no seu processo ensino/aprendizagem” (D4); “Concordo” (D5).

De igual forma, Kishimoto (2005), citada por Baranita (2012) defende o jogo como uma ferramenta para a educação da criança.

Em termos de *vantagens e desvantagens* os professores apontaram algumas, existindo, no geral, mais pontos positivos do que negativos associados ao jogo: “Para mim não tem desvantagens. Claro que “nem sempre, nem nunca”” (D3); “Não considero que tenha desvantagens a utilização destes recursos. Todas as estratégias utilizadas são importantes desde que usadas de forma consciente.” (D5). Como vantagens destacaram as seguintes:

– Aquisição e retenção do conhecimento:

Os jogos facilitam a compreensão de conceitos complexos através de práticas lúdicas, permitindo que as crianças experimentem, explorem e apliquem o conhecimento de maneira mais significativa e memorável [...] melhoram a retenção de conhecimento; ajudam a adquirir os conceitos. (D1)

Os jogos podem colocar os conceitos abstratos em contextos práticos e concretos, facilitando a compreensão [...] ajuda a consolidar o conhecimento de forma mais eficaz. (D2)

– Motivação e desenvolvimento de habilidades:

Ao integrar jogos na educação, promove-se a motivação, a participação ativa e o pensamento crítico dos alunos. (D1)

Aumenta a motivação intrínseca das crianças para participar [...] requerem que as crianças usem e desenvolvam capacidades importantes como a resolução de problemas, pensamento crítico, tomada de decisões, e trabalho em equipe [...] envolvem interação social, o que ajuda as crianças a desenvolverem habilidades de comunicação, cooperação e empatia. Além disso, os jogos podem ensinar resiliência e perseverança, já que os jogadores frequentemente enfrentam desafios e devem lidar com sucessos e fracassos. (D2)

O jogo funciona como motivação e contribui para o desenvolvimento de habilidade sociais, emocionais e cognitivas do aluno. (D5)

– *Feedback*:

Dão *feedback* imediato. (D1)

Muitos jogos oferecem *feedback* imediato sobre as ações e decisões dos jogadores, o que é essencial para a aprendizagem eficaz. As crianças podem ver rapidamente

o resultado de suas escolhas, aprender com seus erros e tentar novamente, o que reforça o aprendizado através da prática e da repetição. (D2)

A aquisição e retenção do conhecimento; a motivação e desenvolvimento de habilidades e o feedback que foram referenciados pelos professores como vantagens resultantes da utilização do jogo na educação apresentaram pareências com as alegações de Moura e Santos (2010) e Pereira, et al (2019), que se referem à gamificação e, mais especificamente, ao Escape Room, como uma experiência que motiva e promove a aprendizagem das crianças. No entanto, alguns professores também mencionaram pontos negativos, mais concretamente: “podem desviar o foco dos objetivos de aprendizagem, se mal utilizados; risco de participação desigual entre alunos; exigem muito tempo de preparação.” (D1); “os jogos exigem tempo de preparação, muitas vezes são motivo de distração e alguns não permitem avaliar eficazmente.” (D2) e “sendo repetitivo cria desinteresse.” (D4), por isso, “para maximizar os benefícios e minimizar as desvantagens, é crucial que os professores utilizem os jogos de forma equilibrada e integrada com outras estratégias de ensino, adaptando-os às necessidades e contextos específicos” (D2).

2.2.2. Experiências pessoais

Quanto às *experiências pessoais* dos professores, foi-lhes pedido que indicassem a *frequência e as circunstâncias* em que costumam utilizar o jogo nas suas práticas pedagógicas. Em relação à frequência, os professores disseram-nos que: “Recorro ao jogo com frequência moderada” (D1); “Recorro ao jogo como recurso pedagógico com alguma frequência sempre que o objetivo educativo o permita, o contexto da aula e as necessidades dos alunos o exijam. Utilizar jogos na sala de aula pode ser uma estratégia eficaz e envolvente quando aplicada com a frequência e as circunstâncias adequadas.” (D2); “Sempre que eu entendo que é a melhor maneira de os levar a compreender algo.” (D3); “Sempre e quando a tarefa ajuda o processo ensino/aprendizagem.” (D4); “Recorremos com frequência a jogos nas diversas áreas” (D5).

De forma complementar, deram-nos a conhecer as circunstâncias da sua utilização, quer seja para aumentar a motivação dos alunos: “quando vejo a necessidade de aumentar o comprometimento e a motivação dos alunos na sua aprendizagem” (D1); “de forma a motivar os alunos na aquisição de conhecimentos” (D5), levar à consolidação de conceitos: “principalmente em momentos que requerem a consolidação de conceitos já introduzidos” (D1), ou ainda, abordar temas ou disciplinas específicos: “Costumo utilizar na matemática, no português e ed. Física de forma lúdica” (D5).

Importa salientar que os professores consideram que as *respostas das crianças* ao uso do jogo são geralmente positivas, uma vez que costumam demonstrar interesse na atividade. Salientam nos seus discursos que “os alunos, geralmente, se o jogo for motivador, correspondem de forma entusiasmada.” (D1); “os alunos geralmente respondem positivamente, mostrando maior envolvimento, participação e melhor compreensão dos conteúdos” (D2) e “Eles reagem sempre muito bem, ficam muito interessados.” (D3).

2.2.3. Dinâmicas com jogos sobre Educação Financeira

Na categoria *dinâmica com jogos sobre Educação Financeira*, os professores fizeram algumas recomendações sobre como se poderia *educar financeiramente através do jogo*, nomeadamente: “através de jogos com simulações com ligações ao real, como por exemplo: jogos de gestão de dinheiro, poupanças ou decisões de compra” (D1). Referiram que “existem jogos online, existem muitas plataformas onde os podemos construir... existem jogos estruturados... também podemos construir jogos através de cartões de desafios com diversos materiais e dinheiro fictício... lançamento de dados para mover peças de um tabuleiro e quando param os jogadores respondem a perguntas ou resolvem problemas financeiros... construir jogos de fuga” (D2). Sugeriram os seguintes *conteúdos*: “Podemos explorar conceitos financeiros básicos como poupança, orçamento, necessidades versus desejos e planeamento... explorar o conceito de poupança, a importância de guardar dinheiro para o futuro. Explorar a diferença entre necessidades (itens essenciais) e desejos (itens não essenciais)... Como fazer um orçamento simples, planejar os gastos e as receitas... Explorar a importância do trabalho para ganhar dinheiro, conceitos básicos de troca e comércio, valor de diferentes itens” (D2); “Sistema monetário, energia, alimentação, entre outras.” (D5). Por fim, destacamos a seguinte afirmação: “Considero que não há conteúdos standardizados para fazer abordagem à educação financeira. Os conteúdos podem ser abordados de forma transversal e até através de literacia funcional de simulações de situações de quotidiano.” (D1)

2.3. Perceções dos professores sobre o(s) contributo(s) do educador social em contexto escolar

Na Tabela 6 apresentam-se as diversas categorias e subcategorias que emergiram da análise das entrevistas com os professores sobre o papel do Educador Social no contexto

escolar. As categorias refletem as diferentes áreas temáticas abordadas pelos participantes, enquanto as subcategorias representam os aspectos mais específicos dentro de cada categoria.

Tabela 6

Categorias e Subcategorias do Bloco 5 (Percepções dos professores sobre o(s) contributo(s) do educador social em contexto escolar).

Categorias	Subcategorias
Percepção dos/as professores acerca do Educador Social	Definição de Educador Social
	Importância deste profissional na sociedade
	Importância deste profissional na escola
Intervenção do Educador Social na promoção da Educação Financeira	Promoção da Educação Financeira
	Exemplos de possíveis intervenções

Fonte: Elaboração própria.

A análise aprofundada dos dados permitirá uma compreensão mais completa das percepções dos professores sobre o papel do Educador Social na escola. Por tal, procedemos à análise de cada uma das categorias.

2.3.1. Percepção dos professores acerca do Educador Social

Em relação à *percepção dos professores acerca do Educador Social*, a grande maioria dos professores entrevistados conseguiram apresentar uma *definição*, reconhecendo-o como um profissional que intervém em prol da inclusão, promovendo o desenvolvimento e o bem-estar dos indivíduos e comunidades mais fragilizadas, como corroboram os discursos apresentados:

Um educador social é um profissional dedicado a apoiar, orientar e promover o bem-estar e a inclusão social de indivíduos e comunidades em situações de vulnerabilidade, através de programas educativos e de intervenção social. (D1)

Um educador social é um profissional dedicado ao trabalho com grupos ou indivíduos em situação de vulnerabilidade social, visando promover o seu desenvolvimento pessoal, social e comunitário. Esses profissionais atuam em diversos contextos [...] procurando oferecer suporte, orientação e recursos para ajudar as pessoas a superarem desafios e melhorarem a sua qualidade de vida [...] é um profissional comprometido em promover o bem-estar e o desenvolvimento das pessoas. Eles desempenham um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e solidária. (D2)

É um profissional que usa ferramentas para ajudar nas problemáticas das pessoas.
(D4)

Profissional que ajuda as pessoas na promoção da cidadania, no exercício de autonomia e integração social, intervindo nas problemáticas dos indivíduos. (D5)

Os conceitos concebidos pelos professores para explicar o que é um educador social mostram-se idênticos ao referido por Ortega (1999): “promove e dinamiza uma sociedade que educa e uma educação que socializa, integra e ajuda a evitar, equilibrar e reparar o risco, a dificuldade ou o conflito social” (como citado por Carvalho & Carvalho, 2023, p.142).

Todavia, um dos professores referiu: “Não estou muito dentro do assunto, mas penso que têm como finalidade o bem-estar das crianças, através de atividades culturais e sociais.” (D3).

Paralelamente, os professores reconhecem a *importância deste profissional* (educador social) *na sociedade*, uma vez que referiram ser: “importante para mitigar desigualdades sociais, promover a inclusão social, atuando diretamente sobre pessoas vulneráveis” (D1); “de extrema importância devido aos desafios complexos e diversificados enfrentados pelos grupos de indivíduos num mundo desigual, competitivo e global [...] oferecem ajuda aos grupos vulneráveis [...] contribuem para a prevenção de situações de risco e exclusão social. Promovem a inclusão social, capacitando os indivíduos a participarem na vida em sociedade e a defenderem os seus direitos [...] trabalham na construção de redes de apoio sociais e comunitárias, encaminhando os indivíduos para recursos e serviços que podem ajudá-los a superar dificuldades” (D2) e “Ajuda as pessoas que necessitam.” (D4).

No que toca à *importância deste profissional no contexto escolar*, os educadores sociais são vistos pelos professores participantes como profissionais fundamentais para o desenvolvimento integral dos alunos: “No contexto escolar, contribui para o desenvolvimento integral dos alunos” (D1); “A sua presença e intervenção são essenciais para o desenvolvimento global e o bem-estar de todos os membros da comunidade escolar e da sociedade em geral.” (D2), promovendo a inclusão de todas as crianças e fomentando as relações entre as mesmas: “promovedor da inclusão, do bem-estar emocional e na prevenção de conflitos.” (D1); “oferecem apoio socio emocional aos alunos, ajudando-os a lidar com questões pessoais, familiares e sociais que possam interferir no seu desempenho escolar e bem-estar geral. Atuam como mediadores de conflitos entre alunos, professores e pais, promovendo um ambiente escolar seguro e inclusivo” (D2); “As crianças cada vez mais são introvertidas e pouco sociáveis” (D3); “É importante desde cedo transmitir aos alunos valores e este profissional pode servir de moderador nas relações humanas entre alunos”

(D5). Tal como nos dizem Carvalho e Baptista (2004): “educação social se situa no ponto de encontro e de cruzamento entre a área do trabalho social e a área da educação” (como citado por Carvalho & Carvalho, 2023, p.141).

2.3.2. Intervenção do Educador Social na promoção da Educação Financeira

Por fim, relacionado com a *intervenção do Educador Social na promoção da Educação Financeira*, os professores relataram o seguinte: “pode promover a educação financeira das crianças organizando oficinas interativas que simulem situações do dia a dia” (D1); “pode desempenhar um papel importante na promoção da educação financeira das crianças, integrando conceitos financeiros nas suas atividades e oferecendo orientação e recursos para ajudá-las a desenvolver habilidades de gestão financeira desde cedo. Em colaboração com o professor pode promover a educação financeira das crianças através de atividades práticas e contextualizadas” (D2); “Dando conselhos e apoio cognitivo.” (D4); “Promover o espírito de cidadania em relação à partilha de materiais entre alunos e a boa utilização.” (D5). Consequentemente, apontaram como *exemplos de possíveis intervenções* duas alternativas: “gestão de um pequeno orçamento para decisões de compra numa "feira" ou "loja" montada na escola, ensinando conceitos básicos de poupança, gastos conscientes e valor do dinheiro.” (D1) e “através do jogo, oferecendo uma oportunidade única para as crianças aprenderem conceitos financeiros de forma ativa e envolvente.” (D2).

Reiteramos que, no bloco 3 (*Importância da exploração de conceitos sobre Educação Financeira com crianças*), a maioria dos professores possuía compreensão relativamente aos conceitos LF e EF e consideravam a introdução precoce da EF essencial para o desenvolvimento de hábitos financeiros saudáveis nas crianças, originando impactos positivos a longo prazo. Relativamente ao conhecimento de projetos existentes denotamos que deveria existir um método de divulgação do mesmo, que incentivasse os professores a trabalhar a EF, pois, apesar de acharem o assunto importante, não estavam a par das iniciativas e não o implementam com a frequência necessária, embora tenham sugerido algumas atividades, adequadas ao contexto escolar. Quanto ao bloco 4 (*Eficácia do jogo como recurso pedagógico*), os professores conseguiram definir o jogo de forma precisa e apreciaram-no como uma estratégia pedagógica eficaz com múltiplas vantagens, apesar de fazerem o levantamento de alguns desafios no momento de implementação. Mencionaram ainda, usar o jogo com alguma frequência e relataram que os alunos costumavam responder

bem a este tipo de ensino, fazendo referências a alguns dos conteúdos propostos nos temas de REF para o 1.º CEB. No bloco 5 (*Perceções dos/as professores sobre o(s) contributo(s) do educador social em contexto escolar*), os professores entrevistados definiram o educador social de uma forma simplista, o que parece indicar falta de conhecimento aprofundado sobre a profissão, todavia, tinham uma ideia geral relacionada como a promoção do bem-estar, o desenvolvimento e a inclusão, por isso, conseguiram enumerar motivos que manifestam a sua importância, tanto na sociedade como na escola. Consequentemente, indicaram como contribuições e possíveis intervenções do educador social para a EF exemplos pouco específicos, tais como o desenvolvimento de atividades.

3. Análise do jogo “Escape Room – Educação Financeira - A Família Money”

Os professores responsáveis pelas turmas fizeram uma breve e inicial apresentação, na qual referiram o nosso nome, o motivo da nossa presença, o tema que iria ser tratado e a necessidade de utilização dos computadores para a implicação das crianças no Escape Room (jogo). De seguida, apresentamo-nos e explicamos todas as etapas que iriam acontecer na apresentação, a saber:

1. Avaliação inicial
2. Leitura da história
3. Aplicação do Escape Room (jogo)
4. Avaliação final
5. Distribuição de um Kit didático sobre a atividade desenvolvida (*vide* Figura 11).

Figura 11

Kit didático sobre Educação Financeira.



Fonte: Arquivo da autora.

Relativamente ao conhecimento prévio das crianças participantes sobre *Educação Financeira*, de uma forma geral, todas afirmaram ter ouvido falar do conceito: “sim” (T3A6) e “já ouvi falar, mas não sei” (T4A10), sendo que, algumas possuíam uma compreensão básica do mesmo: “é mais ou menos aprender a mexer com o dinheiro e usar” (T1A5) ou “não gastar o dinheiro todo” (T3A15), mas poucas sabiam o que realmente significa, pois, quando questionadas acerca do conceito, referiram-nos o seguinte: “não” (T3A8). Importa referir que, embora algumas crianças não tenham conseguido fazer qualquer associação, existiram outras que demonstraram um conhecimento mais aprofundado, constatado através de atitudes narradas que indiciam ser financeiramente responsáveis, a saber: “não gastar dinheiro em coisas não necessárias” (T2A7); “aprender a controlar o dinheiro” (T3A6) e “aprender a poupar e dividir o dinheiro pelas despesas” (T5A13).

Quanto ao jogo *Escape Room*, a maioria dos participantes conhecia este tipo de jogo imersivo, sendo que algumas já tinham jogado e, por tal, já se encontravam familiarizadas: “eu já joguei um jogo parecido só que era numa prisão e tinha de se fazer desafios também” (T2A12); “eu já” (T4A4). Outras, pelo contrário, ainda não tinham experienciado: “eu sei o que é, mas nunca joguei” (T3A16); “não” (T4A3). Pode-se dizer que existe uma compreensão razoável, uma vez que algumas crianças nos forneceram descrições detalhadas do jogo: “é fugir de um quarto com pistas” (T3A15); “temos de desvendar os enigmas para conseguir sair” (T3A1); “é ter uma sala virtual e nós temos de tentar fazer enigmas para sair” (T5A9). Podemos, assim, constatar que algumas crianças relacionaram este tipo de jogo ao trabalho em equipa, à resolução de enigmas e à fuga de um ambiente fechado, como sustentado por Nicholson (2015), citado por Moura, (2024).

Assim, no que diz respeito à *gestão do dinheiro*, várias crianças disseram-nos que recebiam uma mesada ou uma semanada: “eu tenho mesada” (T1A2); “mesada” (T4A11 e T5A3); “semanada” (T4A7 e T5A14); “eu já tenho semanada” (T4A4). No entanto, algumas disseram só receberem ocasionalmente: “já tive” (T1A1); “eu vou receber às vezes” (T2A15); “às vezes” (T2A4); “eu só recebo no aniversário” (T3A2). Outras apresentaram alguns condicionantes: “eu vou receber aos 10 anos” (T2A2); “eu recebo quando faço tarefas de casa” (T2A16). Curiosamente, existiu uma criança que não reconheceu os termos “semanada” e “mesada”, questionando-nos: “o que é que é isso?” (T4A14).

Acerca da diferença entre “semanada” e “mesada”, todas as crianças das turmas compreenderam e reconheceram que se refere ao facto de receber um valor de dinheiro fixo periodicamente, sendo precisamente a frequência com que se recebe dinheiro que as distingue, como mostram os seguintes extratos:

Semanada dão-te dinheiro todas as semanas e mesada dão-te dinheiro todos os meses. (T1A10)

É que semanada é em cada semana ganhas um certo valor e se for mesada é num mês. (T2A1)

A semanada é ao fim da semana ganhamos um certo dinheiro e depois a mesada é ao fim do mês. (T3A11)

Semanada é dão-te dinheiro por semana e mesada é dar-te dinheiro por mês. (T4A6)

Semanada é pela semana e mesada é pelo mês. (T5A7)

Semanada é quando se ganha uma certa quantidade de dinheiro numa semana e a mesada é por mês. (T5A10)

Foi também perceptível que as crianças sabiam o que fazer com o dinheiro recebido pois, a grande maioria indicou que o guarda ou que o poupa, ao invés de o gastar: “dou à minha mãe” (T1A5); “guardo no peto” (T2A12); “eu meto no meu peto e depois quando já tiver uma certa quantidade os meus pais metem no banco” (T3A11); “poupar” (T4A7). Algumas ainda afirmaram que estão a “poupar, economizar, acumular” (T2A12). Além disso, observamos que algumas crianças apresentaram objetivos bem definidos para poupar o dinheiro, entre os quais salientamos os seguintes:

Eu estou a poupar para comprar uma bicicleta. (T3A16)

Eu guardo e depois se a minha mãe precisar dou. (T5A9)

Eu guardo sempre porque, por exemplo, hoje vou ter de ir comprar umas sapatilhas para a viagem e já tenho o dinheiro guardado. (T5A10)

Eu vou guardar para a faculdade. (T5A14)

Eu tenho uma conta poupança. (T5A2)

Consequentemente, associaram a expressão “gerir o dinheiro” a controlar, organizar e usar com sabedoria: “ganhar dinheiro e aos poucos ir guardando” (T1A7); “organizar bem para não gastar tudo” (T2A2); “saber usar o dinheiro” (T3A6); “cuidar dele [dinheiro], guardar para usar com as coisas mais importantes” (T4A3). Acresce ainda referir que uma das crianças participantes apresentou um conhecimento prático da necessidade de distribuir o dinheiro para diferentes fins: “direcionarmos um certo dinheiro para uma coisa, por exemplo, a eletricidade, outra parte para o gás, para a água..., é para as despesas” (T5A10).

Neste seguimento, e no que concerne às despesas familiares, as crianças compreendem que os seus pais têm despesas para pagar e identificaram de que forma as pagam, ou seja, a partir da principal fonte de rendimento familiar: “recebem do trabalho” (T1A3); “dinheiro do trabalho, do banco” (T2A4); “com o salário” (T2A6); “trabalho”

(T4A5); “ordenado” (T5A1). Ainda assim, algumas crianças não conseguiram referir a proveniência do dinheiro: “é mesada” (T1A16); “com dinheiro” (T2A3); “não sei” (T4A8).

No entanto, embora as crianças tenham identificado a existência de *despesas familiares* e a necessidade de despender dinheiro para as pagar, não conseguiram identificar os quatro tipos de despesas existentes (necessárias, inesperadas, variáveis e fixas). Após a explicação e dados os respetivos exemplos, elas conseguiram dar exemplos e até definições para cada uma das despesas, apresentado maior dificuldade em identificar as despesas inesperadas e fixas:

Despesas Necessárias: despesas necessárias e prioritárias, que são tidas como regulares (exemplo: alimentação);

Despesas Inesperadas: surgem de situações imprevisíveis, são despesas com as quais não se conta (exemplo: substituição do frigorífico);

Despesas Variáveis: o valor a pagar depende do nosso consumo, ou seja, quanto mais consumimos mais pagamos (exemplo: conta da água);

Despesas Fixas: o valor a pagar não se altera independentemente do nosso consumo (exemplo: prestação do carro).

As despesas necessárias referidas, de forma mais usual pelas crianças, foram a conta da água, da eletricidade e do gás, surgindo ainda algumas mais diferenciadas, mas de igual importância, nomeadamente: “gasolina” (T2A15); “casa” (T2A7); “a renda” (T3A2) e “comida” (T4A2). Excepcionalmente, na turma T5, duas crianças conseguiram dar uma definição para este tipo de despesa: “é tipo os bens maiores” (T5A13); “são os bens essenciais” (T5A3). No que diz respeito às despesas inesperadas, inicialmente, pensamos poder afirmar que as crianças tiveram dificuldades em defini-las e identificá-las: “uma coisa que nós gostamos” (T4A1); “são desnecessárias” (T4A10); “são aquelas que não precisamos de ter” (T5A5). Depois da nossa explicação, conseguiram identificar as seguintes: “avaria a máquina de lavar” (T2A6); “quando o telemóvel se parte” (T2A9); “roupa nova” (T3A4); “partir a cama” (T4A11); “o carro” (T4A3); “quando ficamos doentes” (T5A14). Relativamente às despesas variáveis, as crianças referiram novamente a conta da água, da eletricidade e do gás, acrescentando apenas o aquecimento: “tipo a luz, a água, o aquecimento” (T2A...). As despesas fixas foram, decididamente, as mais difíceis de identificar e nomear pelas crianças, sendo, de igual forma, a turma T5 a destacar-se: “temos de pagar sempre o mesmo valor por elas” (T5A3); “tv” (T5A2); “internet” (T5A13); “seguro” (T5A4).

Ao nível do *orçamento familiar*, as crianças participantes evidenciaram algumas dificuldades: “eu já ouvi falar, mas agora não me lembro” (T5A5); “não sei o que significa” (T5A8); “eu lembrava, mas agora esqueci-me” (T5A11). Algumas manifestaram conhecer a palavra “orçamento”: “eu só sei o que é orçamento” (T4A6); “quando se faz o orçamento das obras de casa” (T4A2); “orçamento é tipo, querem comprar um móvel e querem saber quando custa então pedem o orçamento” (T5A11). Embora poucas crianças saibam o que realmente significa, como podemos comprovar através das suas explicações, por vezes incompletas e por outras vezes confusas, algumas crianças associaram o conceito à divisão de dinheiro pelos membros da família: “dividir o dinheiro pela família” (T3A10), ao invés de o associar às despesas e poupanças e, outras, conseguiram dar uma definição, mas pouco detalhada: “é o dinheiro que a família tem” (T2A16); “é o dinheiro que fica depois de pagar as despesas” (T3A1).

Posteriormente, para que fosse possível inferir propostas de melhorias e possíveis recomendações para futuras intervenções, foi necessário especificar as *perceções das crianças* participantes acerca do jogo, mais especificamente, obtermos o seu *feedback* geral, os ganhos em termos de construção de conhecimentos e aspetos positivos de aprender através do jogo, bem como, as aprendizagens obtidas e as suas próprias sugestões de melhoria.

O jogo foi recebido, na generalidade, de forma positiva pois, todas as crianças das turmas participantes o confirmaram com um grande “sim” (T1, T2, T3, T4 e T5). Quando interrogadas se gostaram do jogo, maioritariamente disseram que tinha sido agradável e divertido, tal como deixam antever os seguintes extratos das notas de campo: “fixe” (T3A4 e T4A11); “muito fixe” (T3A15 e T4A5); “divertido” (T3A6); “muito divertido” (T5A5); “com algumas perguntas difíceis, mas foi giro” (T3A10); “foi a melhor aula de sempre” (T5A3). Houve, inclusive, crianças que disseram gostar: “de tudo” (T1A1); “eu adorei tudo” (T3A16); “eu gostei” (T3A1).

O envolvimento das crianças e a motivação para a aprendizagem, tal como sugerido por Mouta e Santos (2020), encontram-se intimamente ligadas à utilização do ERE, pois “é uma atividade educativa que sai das rotinas da sala de aula e permanecerá memorável para [as crianças]” (pp.107-108).

Além disso, está patente que o jogo enquanto estratégia pedagógica se apresenta como um recurso eficaz para aprender sobre Educação Financeira, uma vez que as crianças destacaram como aspeto positivo o seu carácter lúdico: “é mais divertido” (T3A11); “é muito mais fixe” (T3A16), o que permite que beneficiem, aprendendo enquanto brincam: “deu para perceber melhor as coisas” (T3A4); “eu percebi melhor” (T3A1).

Em relação às aprendizagens obtidas, as que se destacam encontram-se relacionadas com o saber “poupar” e saber “gerir” o dinheiro de forma responsável e diferenciar os tipos de despesas existentes, como resulta presente nos extratos das notas de campo, apresentadas seguidamente:

Que devemos poupar e não devemos gastar logo o dinheiro. (T1A10)

Não gastar dinheiro com coisas desnecessárias. (T1A2)

Aprendi as despesas, já sabia que existiam as necessárias, mas não sabia que as inesperadas também eram. (T1A1)

Poupar o dinheiro. (T1A16)

Poupar e gerir. (T1A5)

Quando recebemos o dinheiro devemos guardar para usar para coisas importantes. (T2A7)

Gerir. (T2A3),

Eu fique a saber como é que podemos gerir o dinheiro melhor. (T3A10)

A poupar. (T5A3)

Os nomes das despesas. (T5A1)

Adicionalmente, algumas crianças participantes destacaram outras aprendizagens: “aprendi a palavra salário” (T2A7); “semanada, só sabia mesada” (T4A14). Enquanto algumas crianças referiram que já sabiam tudo: “eu já sabia” (T4A11); “eu sabia quase tudo” (T5A3), outra disse que “não sabia nada” (T2A5).

Por fim, pedimos que dessem algumas sugestões para aprimorar o jogo, sendo sugerido melhorar as ajudas e criar um jogo que simulasse a gestão quotidiana do dinheiro de uma casa.

Em termos de conteúdos, a história e o respetivo jogo seguiram as recomendações do REF para o 1.º CEB (*vide* Figura 1) no que concerne aos temas Planeamento e Gestão do Orçamento; Poupança; Ética e Direitos e Deveres, porém, não incluía o tema Sistema de Produtos Financeiros Básicos, uma vez que não detínhamos conhecimento relativamente à capacidade das crianças participantes em LF.

Em jeito de conclusão, as crianças participantes possuíam conhecimentos iniciais e básicos sobre Educação Financeira, com diferentes níveis de detalhe e clareza, existindo ainda espaço para os aprofundarem e o jogo manifestou ser uma ferramenta eficaz, bem recebida que, não só despertou o interesse das crianças, como também, promoveu a aprendizagem nesta área, uma vez que contribuiu para o desenvolvimento de conhecimentos fundamentais para uma gestão financeira responsável.

Considerações finais

Nota introdutória

Nesta secção apresentamos as conclusões derivadas do estudo, procurando responder aos objetivos delineados e, conseqüentemente, à questão problema. Além de refletir sobre o trabalho na sua globalidade, também destaca as principais limitações encontradas ao longo do processo e possíveis recomendações para outros estudos relacionados com a Literacia Financeira.

O estudo intitulado *Contributo(s) do Educador Social para o desenvolvimento da Literacia Financeira de crianças: Estudo de Caso no 1.º ciclo do Ensino Básico* reflete sobre a necessidade e a importância da EF desde a infância para elevar o nível de LF das crianças, capacitando-as para que se tornem cidadãos responsáveis, inseridos e participativos no futuro. Além da revisão teórica, investigamos a perspectiva dos professores e das crianças de um Agrupamento de Escolas, situado na cidade de Bragança, acerca da temática, pois, a escola é um contexto que permite ao Educador Social intervir e educar financeiramente de forma informal, e assim, complementar a educação formal já presente nas escolas. Neste sentido, e sustentada nos dados analisados, acreditamos que o educador social assume um papel crucial no panorama educacional, especialmente no contexto do ensino básico, no qual a sua intervenção se poderá revelar essencial para o desenvolvimento integral das crianças. A sua atuação abrange tanto a educação formal, como a educação informal, complementando e enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem e promovendo o bem-estar social e emocional das crianças. Por exemplo, na educação formal o educador social pode atuar como mediador entre os diversos atores da comunidade educativa – alunos/crianças, professores, pais e encarregados de educação – promovendo a comunicação, o diálogo e a resolução de conflitos. Este papel é fundamental para a criação de um ambiente escolar positivo e inclusivo, no qual todos, sobretudo as crianças, se sintam acolhidas e valorizadas. O educador social pode ainda identificar situações de risco e vulnerabilidade social entre as crianças, implementando medidas de prevenção e intervenção precoce. Através do acompanhamento individualizado e do trabalho em rede com outros profissionais, contribui para o sucesso escolar e para o desenvolvimento de competências sociais e emocionais essenciais. Pensamos ainda que é da sua responsabilidade integrar-se (ou tomar a iniciativa de os desenvolver) em projetos do interesse da comunidade educativa, dinamizando-os de

forma a complementar o currículo escolar, abordando temáticas relevantes para o desenvolvimento das crianças, como a educação financeira, a educação para a cidadania, a educação sexual, a literacia mediática e o desenvolvimento de competências socioemocionais, etc.

Se atendermos à educação informal pensamos poder aventar o envolvimento do educador social na organização e dinamização de atividades extracurriculares que proporcionem às crianças oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento fora do âmbito formal das aulas. Estas atividades podem incluir workshops, clubes, visitas culturais e desportivas, entre outras. Também se pretende que o educador social colabore com a comunidade educativa na organização de eventos e atividades que visem promover a participação das famílias e a articulação entre a escola e o meio social, bem como trabalhar em prol da inclusão social das crianças, fomentando a interculturalidade, o respeito pela diversidade e a igualdade de oportunidades.

Em suma, ao investirmos na valorização e no reconhecimento do papel do educador social, estamos a investir no futuro das nossas crianças e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Acreditamos que a questão da EF deve ser revisitada e reforçada, sobretudo em termos de intervenção primária, de consciencialização e sensibilização, para que as gerações futuras possuam um maior nível de LF do que as atuais e para que consigam tomar decisões financeiras fundamentadas. Embora seja notório o aumento da preocupação relativamente a este tema, ainda existe um longo caminho a percorrer para garantir que um maior número de pessoas tenha os conhecimentos necessários para alcançar o bem-estar financeiro e se sintam incluídas independentemente da sua situação financeira.

Assim sendo, abordaremos cada um dos objetivos de forma particular, no entanto, iremos incluir o último objetivo em cada um dos anteriores, no sentido de *Inferir propostas de melhorias e possíveis recomendações para futuras intervenções* para cada um dos subtemas tratados nos demais objetivos. Por fim, daremos resposta à questão de partida que serviu de base e orientou a presente investigação.

A importância da Educação Financeira desde a infância

Quanto aos objetivos, em primeiro lugar propusemo-nos a *perceber a importância da educação financeira em idades precoces e as implicações que a (i)literacia financeira pode ter nas aprendizagens das crianças*. Tendo em conta as informações disponibilizadas pelos professores participantes, podemos afirmar que, de facto, todos concordaram com a introdução da temática da educação financeira desde cedo e consideraram-na importante. Os professores demonstraram clara compreensão dos diversos benefícios ou efeitos que essa abordagem proporciona às crianças, tais como: (i) Preparação para a vida adulta - aquisição de conhecimentos e habilidades que auxiliarão as crianças na tomada de decisões financeiras responsáveis e conscientes na fase adulta; (ii) Desenvolvimento de hábitos financeiramente saudáveis - incentivo à gestão adequada do dinheiro, incluindo poupança e consumo consciente, promovendo a construção de uma relação positiva com as finanças, tais como a gestão e poupança do dinheiro e (iii) Conscientização sobre o consumo - estimulação do senso crítico e da capacidade de avaliar criticamente as decisões de compra, evitando gastos impulsivos e promovendo o consumo responsável.

Apesar do reconhecimento da importância da EF pelos professores, foi identificado um deficit de conhecimento em relação às iniciativas e projetos de EF desenvolvidas a nível nacional como o PNFF (Plano Nacional de Formação Financeira) e o REF (Referencial de Educação Financeira), bem como os recursos disponibilizados de forma livre como, por exemplo, os Cadernos de Educação Financeira criados exclusivamente para abordar os conteúdos financeiros, o que é totalmente compreensível, pois manterem-se a par de todas as recomendações e orientações que vão surgindo apresenta-se como uma tarefa árdua.

No que concerne às crianças, a pesquisa revelou que, embora a maioria já tenha ouvido falar sobre EF, o entendimento do conceito ainda é incipiente. As crianças participantes, de uma forma geral, referiram já ter ouvido falar do conceito de EF, contudo, não sabiam explicá-lo ou apresentavam definições bastante básicas. Esse facto sugere que, apesar do reconhecimento da importância da EF pelos professores, a sua aplicação nas escolas ainda encontra diversos obstáculos, tais como:

- Falta de tempo no currículo escolar - dificuldade em integrar a EF no horário curricular devido à saturação dos conteúdos em outras áreas.
- Carência de formação docente - necessidade de aprimorar a formação dos professores em EF para que possam abordar o tema de forma eficaz e envolvente.

- Escassez de iniciativas obrigatórias - falta de políticas públicas que tornem a EF obrigatória nas escolas, limitando o seu alcance e impacto.

Para garantir a efetividade da EF na infância, propomos algumas recomendações, nomeadamente:

- Criação de uma plataforma simples e acessível, direcionada aos professores e restante comunidade, que condense as iniciativas/projetos, os materiais educativos/pedagógicos e outras atividades e recursos existentes de Literacia Financeira e Educação Financeira, como um método atualizado de divulgação que lhes permita estar a par de tudo o que é feito nesta área;
- Desenvolvimento de mais ações de formação para a capacitação de todos os professores para abordar os temas e subtemas do REF nos diferentes ciclos, de forma eficaz e consistente;
- Reformulação dos manuais escolares e criação de mais materiais educativos, de forma a integrar os conteúdos relativos à educação financeira de forma definitiva e tornar este assunto predominante no currículo escolar e na sala de aula.

Desenvolvimento e aplicação de um jogo educativo para a Educação Financeira

Com o segundo objetivo, pretendíamos *desenvolver um jogo educativo que aborde questões relacionadas com a educação financeira*, direcionado para o 1.º CEB, mais especificamente para os 3.º e 4.º anos de escolaridade. Conscientes de que o jogo, utilizado como estratégia de ensino-aprendizagem, nos permite:

- Desenvolver competências e capacidades em diversas áreas: Social, cognitiva, afetiva e motora.
- Introduzir conteúdos de EF de forma motivadora e interessante: Incentivando a participação, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.
- Estimular a ajuda, a colaboração e o trabalho em equipa: Através da tomada de decisões e da resolução de problemas em um ambiente lúdico.

Resolvemos, para alcançar o nosso objetivo, criar dois recursos:

- Um jogo Escape Room digital utilizando o Google Forms: Permitindo que as crianças interagissem de forma dinâmica e envolvente com os conceitos de EF.
- Uma história desenvolvida no Story Jumper intitulada “Família Money - Uma aventura de Educação Financeira”, servindo de apoio e contextualização para o jogo, enriquecendo a experiência de aprendizagem.

Estes recursos foram aplicados, com sucesso, em 5 turmas, implicando 79 crianças e incluindo os seguintes conteúdos de EF: semanada, mesada, poupança, gestão do dinheiro, despesas (variáveis, fixas, necessárias e inesperadas), ordenado/salário e orçamento/orçamento familiar, indo ao encontro de algumas das sugestões apresentadas no REF.

A aplicação do jogo demonstrou a sua efetividade na promoção da aprendizagem dos conteúdos de EF, de acordo com as sugestões apresentadas no Referencial de Educação Financeira (REF).

Embora o estudo tenha alcançado os seus objetivos, foi identificado um desafio importante: a necessidade de fornecer recursos e condições para que os professores desenvolvam e implementem atividades lúdicas com teor educativo. Apesar da crescente presença da tecnologia nas escolas, ainda há uma parcela significativa de alunos sem acesso a computadores e e-mails próprios, o que limita sua participação em atividades como o jogo Escape Room digital.

O estudo demonstra o potencial do jogo educativo como ferramenta para promover a aprendizagem de forma lúdica e envolvente. Para garantir a replicabilidade do sucesso do projeto em larga escala, é crucial investir na infraestrutura tecnológica das escolas e na formação docente para a utilização de recursos digitais. Ao serem superados esses desafios, poderemos democratizar o acesso à Educação Financeira de qualidade para todas as crianças, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e próspera.

O jogo como recurso pedagógico

O terceiro objetivo deste estudo procurava *analisar a eficácia do jogo como recurso pedagógico para a construção do conhecimento relacionado com a literacia financeira*. As percepções dos professores e das crianças sobre o jogo foram fundamentais para essa análise. De uma forma geral, os professores definiram o jogo como um momento lúdico e divertido, com regras e objetivos que, por vezes, poderá ser uma mais-valia para o processo de ensino/aprendizagem, tal como nos referem vários autores da fundamentação teórica. Como vantagens e desvantagens para as crianças, os professores destacaram como pontos positivos da utilização do jogo a aquisição e retenção do conhecimento, a motivação e o desenvolvimento de habilidades e, ainda, o feedback imediato e, como pontos negativos o tempo de preparação, a participação desigual e distração/desinteresse por parte das crianças. Após a participação no Escape Room financeiro, as crianças destacaram como aspetos positivos o carácter lúdico e a aprendizagem de novos conceitos, bem como a melhor

assimilação dos conhecimentos que já detinham de EF. Não mencionaram nenhum aspecto negativo. Pensamos poder afirmar que existiu construção de conhecimento relacionado com a LF, na sua maioria, com o saber “poupar” e saber “gerir” o dinheiro de forma responsável e diferenciar os tipos de despesas existentes. Importa referir que, as crianças participantes manifestavam conhecimentos iniciais de LF, ou seja, compreendendo que o dinheiro é algo importante que ‘não cai do céu’ ou ‘cresce nas árvores’. Por isso, consideravam a poupança importante e praticavam-na, depositando as suas economias no mealheiro/peto ou conta no banco. Ou seja, não estamos a falar de crianças totalmente desprovidas de conhecimentos nesta área. No entanto, aprenderam algo de novo com a sua participação no jogo.

Recomendamos, portanto, o uso dos jogos como ferramenta educativa, de forma a aumentar a sua frequência nas salas de aula, sendo necessário a criação de workshops para preparar os professores para a criação e/ou implementação desses recursos, direcionados para a consolidação de conceitos e conteúdos, funcionando como um complemento à aprendizagem, especialmente em momentos considerados os mais apropriados para a sua utilização.

O estudo demonstra a efetividade do jogo educativo como recurso pedagógico para a construção do conhecimento relacionado à LF. O caráter lúdico, a motivação e o feedback imediato proporcionados pelo jogo contribuem para a aprendizagem significativa das crianças. Incentivar o uso de jogos como ferramenta pedagógica, com a devida preparação dos professores e foco na consolidação de conceitos, pode ser uma estratégia eficaz para promover a LF na infância.

O papel do Educador Social na promoção da Literacia Financeira

Em relação ao quarto objetivo sobre *identificar o papel do educador social e analisar de que forma as suas funções podem ser adaptadas para a promoção da literacia financeira nas escolas*, constatamos que, embora a maioria dos professores reconheça a importância do trabalho desenvolvido na sociedade, a sua relevância específica no contexto escolar ainda não é plenamente compreendida. Nas perceções dos professores destaca-se:

- Reconhecimento - os professores reconhecem a importância do seu trabalho na sociedade, associando-o à promoção da inclusão, do bem-estar e da coesão social, especialmente para grupos populacionais mais desfavorecidos.

- Visão limitada do papel do educador social na escola - a atuação do educador social no contexto escolar é vista de forma limitada, resumindo-se ao desenvolvimento integral dos alunos, à promoção da inclusão, do bem-estar e à prevenção de conflitos. A falta de familiaridade com a Educação Social como área de conhecimento contribui para a visão limitada do papel do educador social na escola.

Deste modo, podemos inferir que existe pouco conhecimento relativamente à educação social pois, os professores sugerem como possíveis intervenções para a promoção da EF a criação de oficinas e atividades de orientação e aconselhamento. Através da análise das entrevistas dos professores, podemos deduzir que existem lacunas na compreensão do papel do educador social. Acreditamos que a identidade profissional do educador social em contexto educativo ainda não está suficientemente definida e compreendida. Por tal, apresentam-se algumas sugestões para reforçar o papel do Educador Social:

- Promover a articulação e cooperação - incentivar a articulação e cooperação entre os educadores sociais e demais profissionais da comunidade escolar, através de ações de sensibilização e formação sobre a Educação Social e o seu potencial para a promoção de aprendizagens.
- Elaboração de projetos pedagógicos em conjunto - estimular a colaboração na elaboração de projetos pedagógicos que integrem a Educação Social, aproveitando as competências e habilidades de cada profissional.
- Maior integração nas escolas - Defender a presença de um educador social em cada escola, em vez da obrigatoriedade por agrupamento, para garantir um acompanhamento mais próximo e personalizado das necessidades dos alunos e da comunidade escolar.

Evidencia-se, assim, a necessidade de fortalecer a compreensão do papel do educador social na promoção da LF no contexto escolar. Através da articulação, cooperação e maior integração desses profissionais nas escolas, pode-se aproveitar todo o potencial da Educação Social para contribuir para o desenvolvimento de cidadãos financeiramente responsáveis e conscientes.

Educador Social: um agente promotor da Literacia Financeira nas crianças

A questão central deste estudo *Como pode o educador social desempenhar um papel promotor do desenvolvimento da Literacia Financeira com crianças?* ganha força com a análise dos resultados do estudo e a formulação de sugestões para a atuação desse

profissional. O educador social revela-se uma figura crucial que pode atuar em várias dimensões e contribuir de diversas formas, incluindo ações de sensibilização e implementação de atividades pedagógicas específicas com vista à promoção da LF nas crianças. Desta forma, as suas contribuições irão requerer um esforço conjunto e contínuo, mas que trará benefícios eficazes a longo prazo, auxiliando na construção de uma sociedade mais consciente e financeiramente educada.

Com base nas evidências recolhidas, o estudo sugere como o educador social pode promover a LF com crianças, abrindo um leque de oportunidades para a atuação desse profissional:

- Parcerias com instituições financeiras - organizar visitas a bancos e outras instituições, bem como convidar profissionais do setor financeiro para que as crianças possam aprender sobre operações e produtos financeiros disponíveis através de uma visão mais prática e realista;
- Desenvolvimento de projetos comunitários - como feiras de empreendedorismo onde as crianças simulem a criação de gestão de pequenos negócios ou campanhas de doação para incentivar a solidariedade por causas sociais;
- Educação financeira contextualizada - criar cenários reais e simulações da vida adulta para envolver as crianças, os pais, os professores e a restante comunidade em atividades de EF, tais como, planejar um evento, criar um plano de poupança ou gerir um orçamento familiar;
- Promoção de competências - ensinar as crianças a lidar com as emoções relacionadas com o dinheiro e promover a tomada de decisões financeiras para que desenvolvam uma relação saudável, ponderando sempre os riscos e os benefícios.

Limitações do estudo

No que concerne às limitações do estudo, destacamos desde já o número de participantes, que consistiu em um grupo pequeno de crianças e professores, limitando a diversidade de opiniões.

Ressaltamos também o período relativamente curto em que a pesquisa foi realizada e a falta de recursos tecnológicos, que impediu que todos os alunos realizassem a atividade de forma individual. Outra limitação importante foi a complexidade da investigação, pois assumimos um papel duplo de educadoras e investigadoras simultaneamente, o que dificultou a recolha de dados.

Para terminar, como sugestões futuras, consideramos que seria importante implicar também as famílias, por serem, à partida, o primeiro meio de divulgação da EF junto das crianças. Julgamos também ser pertinente, abordar o tema da EF com outros públicos que apresentam um baixo nível de LF como pessoas com necessidades educativas especiais, desempregados ou em contexto de sem abrigo.

No fim deste estudo, e com um sentimento de missão cumprida, estamos conscientes que a investigação teve um impacto positivo nos professores e nos alunos. No entanto, persiste a preocupação de que não há garantias de que os professores participantes darão continuidade ao tema, explorando-o de forma crescente e complexa. É fundamental que a aprendizagem adquirida seja continuamente expandida, garantindo que o ciclo de ensino e aprendizagem se perpetue.

Referências bibliográficas

- Álvarez, J., González, J., & Cruz, M. (2017). Los paradigmas de investigación educativa, desde una perspectiva crítica. *Revista Conrado*, 13(58), 72-74.
<http://conrado.ucf.edu.cu/index.php/conrado>
- Amado, J., & Ferreira, S. (2017). A entrevista na investigação em educação. Em J. Amado (Coord.), *Manual de investigação qualitativa em educação* (pp.209-235) (3.^a Ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J., & Freire, I. (2017). Estudo de caso na investigação em educação. Em J. Amado (Coord.), *Manual de investigação qualitativa em educação* (pp.123-145) (3.^a Ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Banco de Portugal. (2010). *Relatório do inquérito à literacia financeira da população portuguesa*.
https://www.bportugal.pt/sites/default/files/relatorio_do_inquerito_a_literacia_financeira_da_populacao_portuguesa_2010.pdf
- Baranita, I. (2012). *A importância do jogo no desenvolvimento da criança*. [Relatório de Pesquisa Bibliográfica apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na especialidade da Educação Especial e domínio Cognitivo e Motor conferido pela Escola Superior de Educação Almeida Garrett].
<https://core.ac.uk/download/pdf/48578426.pdf>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Batista, H., Oliveira, G., & Camargo, C. (2021). Análise de conteúdo: Pressupostos teóricos e práticos. *Revista Prisma*, V. 2, n. 1, 48-62. [file:///C:/Users/azlem/Downloads/42-Texto%20do%20artigo-127-1-10-20211225%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/azlem/Downloads/42-Texto%20do%20artigo-127-1-10-20211225%20(3).pdf)
- Benbasat, I., Goldstein, D. K., & Mead, M. (1987, set.). The case research strategy in studies of information systems. *MIS Quarterly*, 11 (3), 369-386.
<http://dx.doi.org/10.2307/248684>
- Bergano, S., & Cardoso, M. (2022). Questões éticas e deontológicas da investigação em contextos de formação. In C. C. Vieira (coord.), *Temas, contextos e desafios da investigação qualitativa em educação* (pp.49-73). Imprensa da Universidade de Coimbra. https://doi.org/10.14195/978-989-26-2235-4_2

- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Coleção Ciências da Educação. Porto Editora.
- Bruner, J. (2008). *Actos de significado*. Edições 70
- Cabrita, A. (2019). *Doutor Finanças e a Bata Mágica. Aprende com o método de poupança: gastar, poupar, ajudar*: Doutor Finanças.
- Carvalho, C., & Carvalho, H. (2023). O papel e a relevância da educação social em contexto escolar. *Revista Lusófona de Educação*, 60, 139-153.
- Cialdini, R. B. (2008). *Influência - A psicologia da persuasão*. Sinais de Fogo.
- Coutinho, C. (2015). *Metodologia de investigação em ciências sociais de humanas: Teoria e prática* (2.^a Ed.). Edições Almedina.
- Cunha, I. (2015). *Educação financeira no 1.º ciclo do ensino básico*. [Relatório apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Escola Superior de Educação de Santa Maria]. Instituto Superior Politécnico de Gaya. <https://bitly.ws/YWNI>
- Egan, K. (1994). *Uso da narrativa como técnica de ensino*. Dom Quixote. Ferreira, P., & Alambert, S. (2017). *Pai: Ensinas-me a poupar?*. Rei dos Livros.
- Ferreira, R. (2013). *Educação financeira das crianças e adolescentes*. Escolar Editora.
- Gardner, H. (2011). *Unschooled mind how children think and how schools should teach*. Basic Books.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo - Sentidos e formas de uso*. Príncipia Editora.
https://erte.dge.mec.pt/sites/default/files/noticias/app_para_dispositivos_moveis.pdf
- Hust, S. (2010). Measuring financial literacy. *Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 296-316.
<https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01170.x>
- Jesus, A. (2022, dez.). A educação social em contexto escolar: Um relato de experiência. *Aprender*, 44, 83-94. <https://doi.org/10.58041/aprender.161>
- Kiyosaki, R. (2023). *Pai rico, pai pobre*. Vogais.
- Lei n.º 46/86, de 14 de outubro. In *Diário da República* n.º 237/1986, Série I.
<https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/1986-34444975>
- Lourenço, E. (2016). *Faz crescer o teu mealheiro. Um diário conselheiro, para aprenderes a dar valor ao dinheiro*. Partenon.

- Machado, H. (2011, maio). *A literacia financeira da população escolar em Portugal: estudo aplicado a alunos do ensino secundário da região de Lisboa* [Mestrado em Economia e Políticas Públicas, Universidade Técnica de Lisboa]. Instituto Superior de Economia e Gestão. <http://hdl.handle.net/10400.5/3389>
- Mateus, M. (2012). O educador social na construção de pontes socioeducativas contextualizadas. *EduSer: revista de educação*, 4(1), 60-71. [Bibliotecadigital.ipb.pt. http://hdl.handle.net/10198/7726](http://hdl.handle.net/10198/7726)
- Mceecdy, (2009), *Indigenous education action plan draft 2010- 2014 – For public comment*, Merriam S. B.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EduSer: revista de educação*, 2(2), 49-65. <https://doi.org/10.34620/eduser.v2i2.24>
- Melo, A. & Matos, T. (2024). *Escola de finanças pessoais: As aulas que não tivemos e que nos podem mudar a carteira e a vida*. Contraponto Editores.
- Moura, A. (2024). Escape Room literário: em busca dos versos perdidos. Em *educação 4.0: metodologias e aplicativos digitais na prática de professores da educação básica* (pp.229-246). Paco Editorial.
- Moura, A., & Santos, I. (2020). Escape Room educativo: reinventar ambiente de aprendizagem. Em A. Carvalho (Org.), *Aplicações para dispositivos móveis e estratégias inovadoras na educação* (pp.107- 115). Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação.
- Oliveira, G. S., Miranda, M., & Saad, N. (2020). Metassíntese: Uma modalidade de pesquisa qualitativa. *Cadernos da Fucamp*, v.19, n.º 42, 145-156. <file:///C:/Users/azlem/Downloads/2299-Texto%20do%20Artigo-8287-1-10-20210113.pdf>
- Pacheco, L., Ribeiro, E., & Tavares, F. (2016, dez.). Literacia financeira: Estudo aplicado a uma amostra de alunos de uma escola do 3.º ciclo do Ensino Básico e Secundário português. *População e Sociedade CEPES* Porto, vol. 26, 154-169. <https://bitly.ws/YWNh>
- Paiva, A. B., Oliveira, G. S., & Hillesheim, M. C. P. (2021). Análise de conteúdo: Uma técnica de pesquisa qualitativa. *Revista Prisma*, v. 2, n.º 1, 16-33. <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/40>

- Pereira, A., Sampaio, E., Quadros-Flores, P., & Mascarenhas, D. (2019, nov.). Outros modos de ensinar a aprender no 1.º ciclo do ensino básica: Escape Room. *Innoct* <http://dx.doi.org/10.4995/INN2019.2019.10104>
- Peres, F. (2021, nov.). *Educação Financeira: Uma abordagem à poupança*. [Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico apresentado na Escola Superior de Educação]. Instituto Politécnico de Viana do Castelo. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/2682>.
- Peréz Gómez, A. (2011). Competência ou pensamento prático? A construção dos significados de representação e ação. In A. Peréz Gómez, J. B. M. Rodríguez, J. T. Santomé, F. A. Rasco, J. M. A Méndez. (Eds), *Educar por competências: O que há de novo?* (pp.64-114). Artmed.
- Piaget, J. (2019). *A formação do símbolo na criança - Imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. LTC
- Pina, J., & Ferreira, R. (2014). *Educação financeira e empreendedorismo para os primeiros ciclos de aprendizagem*. Escolar Editora
- Pinheiro, F. (2021). A educação social em contexto escolar: Uma reflexão sobre a formação. *Revista Interações*, 17(56), 68–86. <https://doi.org/10.25755/int.21237>
- Pontes, N. (2016, nov.). *Educação financeira: Uma abordagem da poupança com alunos do 4.º ano de escolaridade* [Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico]. Instituto Politécnico de Viana do Castelo. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/1792>
- Rocha, N. (2001). *Breve história da literatura para crianças em Portugal*. Editorial Caminho, S.A.
- Sacristán, J. G. (2011). Dez teses sobre a aparente utilidade das competências em educação. In A. Peréz Gómez, J. B. M. Rodríguez, J. T. Santomé, F. A. Rasco, & J. M. A Méndez (Eds.), *Educar por competências: O que há de novo?* (pp.13-63). Artmed.
- Santiago, A., (2015). A educação financeira escolar em Portugal. *Boletim GEPEN*, 66, 20- 30. <http://dx.doi.org/10.4322/gepem.2015.025>
- Santiago, A., Domingos, A., & Teixeira, P. (2017). Educação financeira e a aula de matemática. *Educação E Matemática*, 142, 10-12. <https://em.apm.pt/index.php/em/article/view/2417>

- Santos, I., & Moura, A. (2021, abril) Escape Room Educativo: uma estratégia de gamificação no processo de ensino e aprendizagem. *Revista EducaOnline*, vol. 15, n.º 1, 134-152. <https://revistaeducacaoonline.eba.ufrj.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/2021-1/escape-room-educativo-uma-estrat%C3%A9gia-de-gamifica%C3%A7%C3%A3o-no-processo-de-ensino>
- Santos, L. F., Igreja, M., Leitão, M., Fidalgo, R., Lameira, S. (Coords.), Dias, A., Oliveira, A., Pereira, C., Abreu, M. T., Alves, P., Basto, R., Silva, R., & Narciso, S. (2013). *Referencial de Educação Financeira para a Educação Pré-Escolar, o Ensino do 1.º Ciclo, o Ensino Secundário e a Educação e Formação de Adultos*. Ministério das Educação e Ciência. <https://encurtador.com.br/bjo36>
- Sarmiento, M. (2014). O estudo de caso etnográfico em educação. *Itinerários de Pesquisa – perspectivas qualitativas em sociologia da educação*, 137–179. <https://doi.org/978-85-98271-87-3>
- Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de projetos sociais. Casos práticos*. Coleção Educação e Trabalho Social. Porto Editora.
- Sousa, R., & Tagarro, M. (2020). A importância do uso de materiais lúdicos e jogos na educação de infância. *Edição Temática: Ciências Sociais e Humanas. Revista da UI_IPSantarém*, 8(2), 129-143. <https://revistas.rcaap.pt/uiips/>
- Viegas, L. (2014). A educação social em contexto escolar: Contributos para a definição das áreas de intervenção e para o perfil do educador social nas escolas. *Praxis Educare*, n.º 2, 8-11. <http://www.aptses.pt/wp-content/uploads/2019/12/PRAXIS-EDUCARE-n.%C2%BA-2-2015.pdf>

Apêndices

Apêndice I. Guião de entrevista semiestruturada	87
Apêndice II. Pedido de colaboração à Direção do Agrupamento de Escolas	91
Apêndice III. Autorização para a realização da investigação... ..	93
Apêndice IV. Transcrição das Entrevistas/Organização por categorias e subcategorias	95
Apêndice V. Transcrição das notas de campo/Organização por categorias e subcategorias	107
Apêndice VI. Respostas obtidas no pré-teste/Organização por categorias e subcategorias	111

Apêndice I. Guião de entrevista semiestruturada

Esta entrevista enquadra-se numa investigação que estamos a realizar, no âmbito da dissertação do curso Mestrado em Educação Social - Educação e Intervenção ao Longo da Vida, pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, sob a orientação científica da professora Elza Mesquita.

A investigação tem como objetivos: (i) Perceber a importância da educação financeira em idades precoces e as implicações que a (i)literacia financeira pode ter nas aprendizagens das crianças; (ii) Analisar a eficácia do jogo como recurso pedagógico para a construção do conhecimento relacionado com a literacia financeira; e (iii) Identificar o papel do educador social, analisando de que forma as suas funções podem ser adaptadas para a promoção da literacia financeira nas escolas.

Os dados recolhidos destinam-se, única e exclusivamente, a serem utilizados no âmbito deste trabalho, comprometendo-nos, desta forma, a respeitar o anonimato, a confidencialidade e privacidade dos entrevistados.

Blocos	Objetivos Específicos	Questões/Observações
Bloco 1 Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none">• Explicar o propósito da entrevista;• Informar sobre o tema e apresentar os objetivos;• Solicitar a colaboração e garantir a confidencialidade e anonimato das informações/opiniões;• Pedir autorização para apontar/gravar a entrevista e agradecer a participação dos entrevistados.	<ul style="list-style-type: none">• Caso exista alguma dúvida ou pergunta do entrevistado, responder de modo esclarecedor, concentrando-se nos objetivos específicos deste bloco

<p style="text-align: center;">Bloco 2</p> <p style="text-align: center;">Caraterização do professor e das suas funções</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher informações gerais sobre os professores; • Conhecer as suas experiências profissionais; • Identificar as áreas específicas de atuação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Que razões o/a levaram a enveredar pela área do ensino? • Descreva, por favor, a sua experiência como docente, incluindo o tempo de serviço e as suas áreas de especialização?
<p style="text-align: center;">Bloco 3</p> <p style="text-align: center;">Importância da exploração de conceitos sobre Educação Financeira com crianças</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apurar a opinião dos/as professores acerca da relevância da literacia/educação financeira. • Destacar os aspetos positivos e negativos deste tipo de aprendizagens; • Constatar o trabalho que se desenvolve com as crianças na área financeira; • Indagar o ponto de vista dos/as professores; 	<ul style="list-style-type: none"> • O que entende por literacia financeira? E educação financeira? • Como percebe a importância da educação financeira? Em que medida considera que pode afetar/beneficiar a vida das crianças? • Na sua opinião, considera importante introduzir a educação financeira em idades precoces? Por favor, explique. • Por favor, indique iniciativas/projetos que conheça para a educação financeira das crianças? • O que pensa que deveria ser feito para educar financeiramente em contexto escolar? Pode,

		por favor, mencionar três medidas.
<p style="text-align: center;">Bloco 4</p> <p>Eficácia do jogo como recurso pedagógico</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Investigar as concepções dos/as professores sobre o jogo; • Destacar os aspetos positivos e negativos da utilização de jogos na aprendizagem; • Solicitar experiências pessoais e exemplos práticos; • Identificar a eficácia deste recurso pedagógico na educação financeira. 	<ul style="list-style-type: none"> • O que entende por jogo? • Em termos gerais, o jogo é uma estratégia para ajudar as crianças a compreender conteúdos. Concorda ou discorda com esta afirmação? Pode justificar? • Para si, quais são as vantagens e desvantagens da utilização deste recurso pedagógico? • Com que frequência e em que circunstâncias recorre ao jogo? E como é que os alunos (cor)respondem? • Na sua opinião, como se poderia educar financeiramente as crianças através de um jogo? E quais os conteúdos a abordar no 1.º ciclo do

		ensino básico em que faria sentido aplicar um jogo direcionado para a Educação Financeira?
<p>Bloco 5 Perceções dos/as professores sobre o(s) contributo(s) do educador social em contexto escolar</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a visão geral dos/as professores sobre o papel do educador social nas escolas; • Constatar de que forma o educador social pode intervir nas escolas; • Compreender o papel do educador social na promoção da literacia/educação financeira. 	<ul style="list-style-type: none"> • Por favor, descreva o que para si é um educador social. • Na sua opinião, qual a importância deste profissional na sociedade contemporânea? E no contexto escolar? • Como pode o educador social intervir para promover a educação financeira das crianças? Pode dar-nos, pelo menos, um exemplo?
<p>Bloco 6 Encerramento da entrevista e agradecimentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Perguntar ao entrevistado se gostaria ainda de acrescentar algo que não tenha sido abordado nesta entrevista; • Agradecer a colaboração prestada e reafirmar o anonimato do aluno pelas informações prestadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Deseja acrescentar mais alguma informação? • Muito obrigada pela sua participação. • Reforça-se que a entrevista é confidencial e que os dados são anónimos, servindo apenas para o estudo em questão.

Apêndice II. Pedido de colaboração à Direção do Agrupamento de Escolas

De: [REDACTED]

Date: segunda, 22/01/2024 às(s) 12:11

Subject: Pedido de colaboração para uma investigação - ESE/IPB

To: [REDACTED]

Cc: [REDACTED]

Ex.ma Senhora Diretora do Agrupamento de Escolas [REDACTED]

Doutora [REDACTED]

No âmbito do Curso de Mestrado em Educação Social - Educação e Intervenção ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação de Bragança, estou a orientar a Dissertação de Mestrado da estudante Diana Inês Morais Afonso (em CC nesta mensagem), intitulada Contributo(s) do Educador Social para o desenvolvimento da Literacia Financeira de crianças: Estudo de Caso no 1.º Ciclo do Ensino Básico. A sua questão-problema parte da seguinte questão: Como pode o educador social desempenhar um papel promotor do desenvolvimento da Literacia Financeira com crianças? E pretende dar resposta(s) a um conjunto de objetivos, a saber:

- Perceber a importância da educação financeira em idades precoces e as implicações que a (i)literacia financeira pode ter nas aprendizagens das crianças;
- Desenvolver um jogo educativo que aborde questões relacionadas com a Educação Financeira;
- Analisar a eficácia do jogo como recurso pedagógico eficiente para a construção do conhecimento relacionado com a literacia financeira;
- Identificar o papel do educador social e analisar de que forma as suas funções podem ser adaptadas para a promoção da literacia financeira nas escolas;
- Inferir propostas de melhorias e possíveis recomendações para futuras intervenções.

Para que a estudante possa avançar com a sua investigação venho solicitar que, a mesma, possa aplicar um jogo que já desenvolveu sobre Educação Financeira (com pré-teste realizado) no Centro Escolar [REDACTED], em turmas dos 3.º e 4.º anos de escolaridade e realizar uma entrevista semiestruturada aos/às professores/as das turmas (pelo menos duas turmas de cada ano).

Informo que já conversei informalmente com a coordenadora do Centro (também em CC nesta mensagem) e com alguns professores que se disponibilizaram a aceitar.

Trata-se de uma atividade pontual, aspeto que não vai interferir muito com o desenvolvimento das atividades letivas.

Reforço que a investigação manterá o anonimato e a confidencialidade dos dados referentes à instituição, aos dados das entrevistas realizadas aos profissionais e das crianças que participarem no jogo. Os dados serão utilizados apenas no âmbito deste estudo.

Para qualquer esclarecimento adicional, por favor, contacte-me.

Aguardo o seu feedback.

Atenciosamente

Apêndice III. Autorização para a realização da investigação

De: [REDACTED]

Date: quinta, 29/02/2024 às(s) 10:13

Subject: Pedido de colaboração para uma investigação - ESE/IPB

To: [REDACTED]

Cc: [REDACTED]

Dr^a [REDACTED]

Relativamente à sua solicitação, informo que os professores mostraram disponibilidade para colaborar com a estudante Diana Afonso para que a mesma possa aplicar o jogo sobre Educação Financeira nas turmas dos 3.º e 4.º anos do Centro Escolar [REDACTED], e realizar a entrevista que solicita.

Com os melhores cumprimentos

[REDACTED]

(Adjunta da Diretora do Agrupamento de Escolas [REDACTED])

Apêndice IV. Transcrição das Entrevistas/Organização por categorias e subcategorias

Blocos	Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Bloco 2	Motivações para o Ensino	Influências pessoais e familiares	<p>“A minha decisão de seguir a área do ensino foi influenciada pelas experiências pessoais vividas durante o meu 1º ciclo, as minhas professoras foram muito inspiradoras.” (D1)</p> <p>“Como sou a filha mais velha de oito irmãos, fui sempre a “professora” dos mais novos.” (D3).</p>
		Vocação/Interesse	<p>“Encontrar maneiras eficazes de formar pessoas, criar oportunidades de construir o conhecimento e adaptar-se às necessidades individuais das crianças são desafios que considero estimulantes [...] ver o progresso das crianças e saber que contribui para o seu desenvolvimento é o que me motiva diariamente a continuar nesta missão” (D2)</p> <p>“Fui catequista desde os meus doze anos e como adoro crianças achei que deveria ser professora [...] é toda uma vida dedicada aos mais novos.” (D3)</p> <p>“Gosto pelo ensino” (D5)</p>
		Oportunidades	<p>“Claro que também pesou o facto de haver o magistério em Bragança.” (D3)</p> <p>“Por oportunidade profissional” (D4)</p> <p>“Também oportunidade de emprego.” (D5)</p>
	Experiência docente	Tempo de serviço/Área de especialização	<p>“Exerço há 23 anos e sou profissionalizada em professores do 1º ciclo do ensino básico.” (D1)</p> <p>“Tenho o privilégio de trabalhar como docente há mais de 30 anos, dedicando a minha carreira à educação de crianças do 1.º ciclo do ensino básico [...], desenvolvi e aperfeiçoei diversas metodologias do ensino da leitura e da escrita [...] procurei constantemente formas de integrar atividades e projetos [...] investi na minha formação contínua na área de tecnologia educacional.” (D2)</p> <p>“Tenho 38 anos de serviço [...] as áreas de especialização são todas as necessárias para a monodocência, mas para além do magistério, fiz dois anos mais na ESE [complemento de formação para professores do 1º ciclo] fiz também na ESE mais tarde, a formação de dois anos em</p>

			<p>português e dois anos em matemática.” (D3)</p> <p>“Tenho 39 anos de serviço docente. Sempre trabalhei no 1º ciclo e sempre tive funções professores, em sala de aula. Tenho o curso de professor primário, sou licenciada na variante de português/francês e tenho Mestrado em Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico.” (D4)</p> <p>“São 41 anos de serviço dedicado ao ensino, no 1º ciclo. Foi sempre a minha preocupação valorizar-me, frequentando formação nas diversas áreas. Profissionalização é Magistério primário mais Complemento de Formação.” (D5)</p>
		Metodologias de ensino	<p>“A minha experiência como docente tem sido pautada por criar ambientes de aprendizagem que valorizem a curiosidade e que estimule o desenvolvimento intelectual, emocional e social dos alunos” (D1)</p> <p>“Utilizo abordagens interativas para tornar a aprendizagem dos conceitos acessível e interessante, incentivando o raciocínio lógico e a resolução de problemas desde cedo [...] estratégias de ensino inclusivas, adaptando o currículo e as atividades para garantir oportunidade de aprender para todas [...] incorporo ferramentas digitais e recursos multimídia nas minhas aulas, de forma a tornar a aprendizagem mais dinâmica e envolvente [...] integro jogos e atividades lúdicas no processo de ensino, tornando a aprendizagem uma experiência divertida e significativa.” (D2).</p>
Bloco 3	Perceção dos/as professores acerca dos conceitos Literacia Financeira e Educação Financeira	Definição de Literacia Financeira	<p>“Literacia financeira envolve competências na capacidade de tomar decisões financeiras informadas que nos ajudem a gerir as nossas finanças pessoais, como por exemplo, noções do que é a poupança, o crédito, o débito, os juros, etc.” (D1)</p> <p>“Literacia financeira refere-se ao conhecimento e às capacidades que uma pessoa possui em relação à gestão das finanças pessoais, ou seja, é a capacidade de entender e usar conceitos financeiros básicos que são essenciais para tomar decisões financeiras informadas e eficazes [...] é o saber em uso [...] é o</p>

		<p>conhecimento adquirido e que possibilita planejar financeiramente objetivos a curto e a longo prazo, bem como lidar com diferentes produtos e serviços financeiros, como contas bancárias e seguros” (D2)</p> <p>“Ter as competências necessárias e convenientes para melhor gerir a minha vida económico-financeira.” (D4)</p> <p>“É o conhecimento sobre decisões a tomar relativamente às finanças pessoais.” (D5).</p>
	Definição de Educação Financeira	<p>“Educação financeira abre o caminho para a literacia financeira, ou seja, é o processo através do qual as pessoas adquirem o conhecimento, as competências para gerir as suas finanças.” (D1)</p> <p>“A educação financeira é o processo pelo qual as pessoas adquirem a literacia financeira. É a divulgação do conhecimento e o desenvolvimento de competências relacionadas com a gestão financeira.” (D2)</p> <p>“A literacia financeira é a competência necessária para gerir eficazmente as finanças pessoais, enquanto a educação financeira é o processo de adquirir essa base.” (D2)</p> <p>“Permite aos mais novos, conhecimentos e capacidades para mais tarde tomarem decisões o mais assertivas possível, sobre as suas finanças pessoais” (D3)</p> <p>“É a forma como os cidadãos aprendem a lidar com o dinheiro de uma forma mais consciente, inteligente e sustentável.” (D5)</p>
Importância atribuída pelos professores à Educação Financeira nas crianças	Benefícios e efeitos da Educação Financeira	<p>“É fundamental para dotar as crianças com as ferramentas necessárias para gerir responsabilmente o dinheiro, tomar decisões financeiras informadas e prepará-las para uma vida adulta responsável. Quanto mais cedo as crianças compreenderem os conceitos de poupança, investimento e orçamento, maior será o contributo para aprenderem a desenvolver hábitos financeiros saudáveis e evitar gastos desnecessárias.” (D1)</p> <p>“É fundamental para preparar as pessoas para a gestão eficaz das finanças pessoais, promovendo a estabilidade económica e a capacidade de se tomarem decisões financeiras informadas e responsáveis. Desenvolvem a capacidade de lidar com</p>

		<p>situações financeiras adversas, como imprevistos e crises económicas, de forma mais eficaz. Considero que é importante trabalhar a educação financeira com crianças porque as prepara para serem adultos responsáveis e financeiramente seguras. As crianças desenvolvem hábitos de poupança e gasto, que acredito serem úteis para a vida. Adquirem conhecimentos financeiros que lhes dão confiança para tomar decisões por si mesmas.” (D2)</p> <p>“É muito importante a educação financeira para os mais novos , porque eles são bastante consumistas e não ponderam a hipótese de poupar. Não sabem nem querem saber.” (D3)</p> <p>“A educação financeira tem extrema importância porque é um passo importante para uma melhor organização económica no futuro, como cidadão responsável e realizado.” (D4)</p> <p>“É importante inculcar nas crianças o espírito de poupança e de adoção de políticas sustentáveis.” (D5)</p>
	Educar desde cedo e de forma contínua	<p>“Sim” (D1)</p> <p>“Sim, como já referi considero extremamente importante introduzir a educação financeira em idades precoces. Iniciar a educação financeira desde cedo pode ter um impacto muito positivo na vida das crianças [...] ajuda a formar uma base sólida de conhecimentos e capacidades que as beneficiará ao longo da vida, promovendo bem-estar pessoal e contribuindo para uma sociedade mais saudável economicamente [...] prepara as crianças para tomar decisões informadas e responsáveis. Elas aprendem a avaliar os riscos e os benefícios de poupar e esbanjar” (D2)</p> <p>“Com toda a certeza, eu sempre lhe dei a noção de poupar” (D3)</p> <p>Com certeza” (D4)</p> <p>“Sim, aliás este tema é abordado constantemente em sala de aula” (D5).</p>
Iniciativas e projetos de Educação Financeira	Conhecimento de projetos ou iniciativas	<p>“Conheço os referenciais para a educação financeira e o projeto nacional “Todos Contam” e o Pordata Kids”. Apesar de já haver educação financeira no âmbito da</p>

		<p>Cidadania e Desenvolvimento, poderia ir-se mais longe” (D1)</p> <p>“Estou a lembrar-me da organização Junior Achievement Portugal que é uma organização dedicada à educação financeira, empreendedorismo e preparação para o trabalho [...] Moneywise Kids é um programa baseado em jogos que ensina crianças conceitos básicos de finanças pessoais [...] o BizWorld [...] o plano nacional de educação financeira "Todos Contam" é uma iniciativa que visa melhorar a literacia financeira [...] Smart Money Commanders é um programa educacional que usa histórias e personagens para ensinar crianças sobre finanças.” (D2).</p> <p>“Apenas os conteúdos programáticos trabalhados em sala de aula, no âmbito da área da matemática e na área da Educação para a Cidadania que contempla este domínio.” (D4).</p>
	<p>Medidas sugeridas para o contexto escolar</p>	<p>“Reformular a forma com são pensados os manuais, já que ainda são os “recursos” mais usados pelos professores”. Estabelecimento de parcerias e envolvimento da comunidade: “também poderiam ser estabelecidas parcerias com bancos e outras instituições financeiras.” (D1)</p> <p>“Para a sua implementação é importante a criação de recursos pedagógicos específicos. Esses materiais devem abordar tópicos como poupança, orçamento, crédito, investimentos e planeamento financeiro... deve-se investir na formação contínua de professores sobre como ensinar conceitos financeiros de forma eficaz, incluindo workshops, cursos de formação e acesso a recursos online. Recorrer a jogos educativos e simulações financeiras para ensinar conceitos de maneira lúdica. O envolvimento dos alunos em projetos práticos que abordem a gestão financeira também é importante. Por exemplo, projetos de empreendedorismo onde os alunos criam e gerem pequenas empresas escolares, feiras ou desafios de poupança. As parcerias com instituições financeiras e a comunidade local também</p>

			<p>são importantes. A participação em eventos comunitários relacionados à educação financeira, como feiras de economia, concursos de empreendedorismo e campanhas de sensibilização, envolvendo pais e membros da comunidade.” (D2)</p> <p>Jogos, ir fazer compras com eles, planejar o futuro” (D3)”</p> <p>“Criar mais projetos que contemplem este domínio.” (D4).</p> <p>“Alertar encarregados de educação e alunos para a necessidade da escolha” (D5).</p>
Bloco 4	Percepção dos/as professores acerca da eficácia do Jogo como recurso pedagógico	Conceito	<p>“Um jogo é uma atividade lúdica, às vezes usada como ferramenta educativa, que envolve regras definidas, desafios, interações e objetivos claros.” (D1)</p> <p>“Um jogo é uma atividade ou um conjunto de atividades estruturadas, realizadas com fins recreativos, educativos, competitivos ou de desenvolvimento de capacidades. Os jogos geralmente envolvem regras que os participantes devem seguir e objetivos específicos a alcançar.” (D2)</p> <p>“É uma maneira divertida (lúdica) de aprenderem brincando.” (D3)</p> <p>“Estratégia para conhecimento e aplicação de conceitos.” (D4)</p> <p>“É uma atividade praticada com fins recreativos, mas também podem funcionar como instrumentos educacionais tendo como base um conjunto de regras.” (D5)</p>
		Estratégia de aprendizagem	<p>“Concordo plenamente. O jogo é uma estratégia eficaz para ajudar as crianças a compreender conceitos, pois transforma a aprendizagem numa experiência divertida e interativa” (D1)</p> <p>“Concordo plenamente com a afirmação de que o jogo é uma estratégia eficaz para ajudar as crianças a compreender conteúdos. A utilização de jogos no ambiente educacional oferece inúmeros benefícios que facilitam a aprendizagem de forma significativa. São naturalmente envolventes e motivadores para as crianças” (D2)</p> <p>Concordo.” (D3)</p>

			<p>“Concordo. É um modelo de atividade que é bem aceite no seu processo ensino/aprendizagem” (D4)</p> <p>“Concordo” (D5).</p>
		<p>Vantagens</p>	<p>“Os jogos facilitam a compreensão de conceitos complexos através de práticas lúdicas, permitindo que as crianças experimentem, explorem e apliquem o conhecimento de maneira mais significativa e memorável [...] melhoram a retenção de conhecimento; ajudam a adquirir os conceitos. Ao integrar jogos na educação, promove-se a motivação, a participação ativa e o pensamento crítico dos alunos. Dão feedback imediato.” (D1)</p> <p>“Os jogos podem colocar os conceitos abstratos em contextos práticos e concretos, facilitando a compreensão [...] ajuda a consolidar o conhecimento de forma mais eficaz. Aumenta a motivação intrínseca das crianças para participar [...] requerem que as crianças usem e desenvolvam capacidades importantes como a resolução de problemas, pensamento crítico, tomada de decisões, e trabalho em equipe [...] envolvem interação social, o que ajuda as crianças a desenvolverem habilidades de comunicação, cooperação e empatia. Além disso, os jogos podem ensinar resiliência e perseverança, já que os jogadores frequentemente enfrentam desafios e devem lidar com sucessos e fracassos. Muitos jogos oferecem feedback imediato sobre as ações e decisões dos jogadores, o que é essencial para a aprendizagem eficaz. As crianças podem ver rapidamente o resultado de suas escolhas, aprender com seus erros e tentar novamente, o que reforça o aprendizado através da prática e da repetição. Para maximizar os benefícios e minimizar as desvantagens, é crucial que os professores utilizem os jogos de forma equilibrada e integrada com outras estratégias de ensino, adaptando-os às necessidades e contextos específicos” (D2)</p> <p>“O jogo funciona como motivação e contribui para o desenvolvimento de habilidade sociais, emocionais e cognitivas do aluno.” (D5)</p>

		Desvantagens	<p>“Podem desviar o foco dos objetivos de aprendizagem, se mal utilizados; risco de participação desigual entre alunos; exigem muito tempo de preparação.” (D1)</p> <p>“Os jogos exigem tempo de preparação, muitas vezes são motivo de distração e alguns não permitem avaliar eficazmente.” (D2)</p> <p>“Sendo repetitivo cria desinteresse.” (D4)</p>
Experiências pessoais		Frequência e circunstâncias	<p>“Recorro ao jogo com frequência moderada, quando vejo a necessidade de aumentar o comprometimento e a motivação dos alunos na sua aprendizagem, principalmente em momentos que requerem a consolidação de conceitos já introduzidos” (D1)</p> <p>“Recorro ao jogo como recurso pedagógico com alguma frequência sempre que o objetivo educativo o permita, o contexto da aula e as necessidades dos alunos o exijam. Utilizar jogos na sala de aula pode ser uma estratégia eficaz e envolvente quando aplicada com a frequência e as circunstâncias adequadas.” (D2)</p> <p>“Sempre que eu entendo que é a melhor maneira de os levar a compreender algo.” (D3)</p> <p>“Sempre e quando a tarefa ajuda o processo ensino/aprendizagem.” (D4)</p> <p>“Recorremos com frequência a jogos nas diversas áreas, de forma a motivar os alunos na aquisição de conhecimentos. Costumo utilizar na matemática, no português e ed. Física de forma lúdica” (D5).</p>
		Respostas das crianças	<p>“Os alunos, geralmente, se o jogo for motivador, correspondem de forma entusiasmada.” (D1)</p> <p>“Os alunos geralmente respondem positivamente, mostrando maior envolvimento, participação e melhor compreensão dos conteúdos” (D2)</p> <p>“Eles reagem sempre muito bem, ficam muito interessados.” (D3).</p>
	Dinâmicas com jogos sobre	Educar financeiramente através do Jogo	<p>“Através de jogos com simulações com ligações ao real, como por exemplo: jogos de gestão de dinheiro, poupanças ou decisões de compra” (D1)</p>

	Educação Financeira		<p>“Existem jogos online, existem muitas plataformas onde os podemos construir... existem jogos estruturados... também podemos construir jogos através de cartões de desafios com diversos materiais e dinheiro fictício... lançamento de dados para mover peças de um tabuleiro e quando param os jogadores respondem a perguntas ou resolvem problemas financeiros... construir jogos de fuga” (D2).</p>
		Conteúdos a abordar	<p>“Considero que não há conteúdos estandardizados para fazer abordagem à educação financeira. Os conteúdos podem ser abordados de forma transversal e até através de literacia funcional de simulações de situações de quotidiano.”(D1)</p> <p>“Podemos explorar conceitos financeiros básicos como poupança, orçamento, necessidades versus desejos e planeamento... explorar o conceito de poupança, a importância de guardar dinheiro para o futuro. Explorar a diferença entre necessidades (itens essenciais) e desejos (itens não essenciais) ... Como fazer um orçamento simples, planejar os gastos e as receitas... Explorar a importância do trabalho para ganhar dinheiro, conceitos básicos de troca e comércio, valor de diferentes itens” (D2)</p> <p>“Sistema monetário, energia, alimentação, entre outras.” (D5).</p>
Bloco 5	Perceção dos/as professor es acerca do Educador Social	Definição de Educador Social	<p>“Um educador social é um profissional dedicado a apoiar, orientar e promover o bem-estar e a inclusão social de indivíduos e comunidades em situações de vulnerabilidade, através de programas educativos e de intervenção social.” (D1)</p> <p>“Um educador social é um profissional dedicado ao trabalho com grupos ou indivíduos em situação de vulnerabilidade social, visando promover o seu desenvolvimento pessoal, social e comunitário. Esses profissionais atuam em diversos contextos [...] procurando oferecer suporte, orientação e recursos para ajudar as pessoas a superarem desafios e melhorarem a sua qualidade de vida [...] é um profissional comprometido em promover o bem-estar e o desenvolvimento</p>

			<p>das pessoas. Eles desempenham um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e solidária.” (D2)</p> <p>“Não estou muito dentro do assunto, mas penso que têm como finalidade o bem-estar das crianças, através de atividades culturais e sociais.” (D3)</p> <p>“É um profissional que usa ferramentas para ajudar nas problemáticas das pessoas.” (D4)</p> <p>“Profissional que ajuda as pessoas na promoção da cidadania, no exercício de autonomia e integração social, intervindo nas problemáticas dos indivíduos.” (D5)</p>
		<p>Importância deste profissional na sociedade</p>	<p>“Importante para mitigar desigualdades sociais, promover a inclusão social, atuando diretamente sobre pessoas vulneráveis” (D1)</p> <p>“De extrema importância devido aos desafios complexos e diversificados enfrentados pelos grupos de indivíduos num mundo desigual, competitivo e global [...] oferecem ajuda aos grupos vulneráveis [...] contribuem para a prevenção de situações de risco e exclusão social. Promovem a inclusão social, capacitando os indivíduos a participarem na vida em sociedade e a defenderem os seus direitos [...] trabalham na construção de redes de apoio sociais e comunitárias, encaminhando os indivíduos para recursos e serviços que podem ajudá-los a superar dificuldades” (D2)</p> <p>“Ajuda as pessoas que necessitam.” (D4).</p>
		<p>Importância deste profissional na escola</p>	<p>“No contexto escolar, contribui para o desenvolvimento integral dos alunos. É promovedor da inclusão, do bem-estar emocional e na prevenção de conflitos.” (D1)</p> <p>“A sua presença e intervenção são essenciais para o desenvolvimento global e o bem-estar de todos os membros da comunidade escolar e da sociedade em geral. Oferecem apoio socio emocional aos alunos, ajudando-os a lidar com questões pessoais, familiares e sociais que possam interferir no seu desempenho escolar e bem-estar geral. Atuam como mediadores de conflitos entre alunos, professores e</p>

			<p>pais, promovendo um ambiente escolar seguro e inclusivo” (D2)</p> <p>“As crianças cada vez mais são introvertidas e pouco sociáveis” (D3)</p> <p>“É importante desde cedo transmitir aos alunos valores e este profissional pode servir de moderador nas relações humanas entre alunos” (D5).</p>
Intervenção do Educador Social na promoção da Educação Financeira	Promoção da Educação Financeira		<p>“Pode promover a educação financeira das crianças organizando oficinas interativas que simulem situações do dia a dia” (D1)</p> <p>“Pode desempenhar um papel importante na promoção da educação financeira das crianças, integrando conceitos financeiros nas suas atividades e oferecendo orientação e recursos para ajudá-las a desenvolver habilidades de gestão financeira desde cedo. Em colaboração com o professor pode promover a educação financeira das crianças através de atividades práticas e contextualizadas” (D2)</p> <p>“Dando conselhos e apoio cognitivo.” (D4)</p> <p>“Promover o espírito de cidadania em relação à partilha de materiais entre alunos e a boa utilização.” (D5).</p>
	Exemplos de possíveis intervenções		<p>“Gestão de um pequeno orçamento para decisões de compra numa "feira" ou "loja" montada na escola, ensinando conceitos básicos de poupança, gastos conscientes e valor do dinheiro.” (D1)</p> <p>“Através do jogo, oferecendo uma oportunidade única para as crianças aprenderem conceitos financeiros de forma ativa e envolvente.” (D2).</p>

Apêndice V. Transcrição das notas de campo/Organização por categorias e subcategorias

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Perguntas iniciais: Avaliação Diagnóstica		
Educação Financeira	Conhecimento prévio	<p>“é mais ou menos aprender a mexer com o dinheiro e usar” (T1A5)</p> <p>“sim” (T3A6)</p> <p>“não” (T3A8)</p> <p>“não gastar o dinheiro todo” (T3A15)</p> <p>“já ouvi falar, mas não sei” (T4A10)</p>
	Definição	<p>“não gastar dinheiro em coisas não necessárias” (T2A7)</p> <p>“aprender a controlar o dinheiro” (T3A6)</p> <p>“aprender a poupar e dividir o dinheiro pelas despesas” (T5A13)</p>
Escape Room	Experiência/familiaridade	<p>“eu já joguei um jogo parecido só que era numa prisão e tinha de se fazer desafios também” (T2A12)</p> <p>“eu sei o que é, mas nunca joguei” (T3A16)</p> <p>“não” (T4A3)</p> <p>“eu já” (T4A4)</p>
	Conceito	<p>“temos de desvendar os enigmas para conseguir sair” (T3A1)</p> <p>“é fugir de um quarto com pistas” (T3A15)</p> <p>“é ter uma sala virtual e nós temos de tentar fazer enigmas para sair” (T5A9)</p>
Gestão do Dinheiro	Ter ou não ter semanada/mesada	<p>“já tive” (T1A1)</p> <p>“eu tenho mesada” (T1A2)</p> <p>“eu vou receber aos 10 anos” (T2A2)</p> <p>“às vezes” (T2A4)</p> <p>“eu vou receber às vezes” (T2A15)</p> <p>“eu recebo quando faço tarefas de casa” (T2A16)</p> <p>“eu só recebo no aniversário” (T3A2)</p> <p>“eu já tenho semanada” (T4A4)</p> <p>“o que é que é isso?” (T4A14)</p> <p>“mesada” (T4A11 e T5A3)</p> <p>“semanada” (T4A7 e T5A14)</p>
	Diferença entre semanada e mesada	<p>“semanada dão-te dinheiro todas as semanas e mesada dão-te dinheiro todos os meses.” (T1A10)</p> <p>“é que semanada é em cada semana ganhas um certo valor e se for mesada é num mês.” (T2A1)</p> <p>“a semanada é ao fim da semana ganhamos um certo dinheiro e depois a mesada é ao fim do mês.” (T3A11)</p> <p>“semanada é dão-te dinheiro por semana e mesada é dar-te dinheiro por mês.” (T4A6)</p>

		<p>“semanada é pela semana e mesada é pelo mês.” (T5A7)</p> <p>“semanada é quando se ganha uma certa quantidade de dinheiro numa semana e a mesada é por mês.” (T5A10)</p>
	Destino do dinheiro recebido	<p>“dou à minha mãe” (T1A5)</p> <p>“guardo no peto” (T2A12)</p> <p>“poupar, economizar, acumular” (T2A12)</p> <p>“eu meto no meu peto e depois quando já tiver uma certa quantidade os meus pais metem no banco” (T3A11)</p> <p>“eu estou a poupar para comprar uma bicicleta.” (T3A16)</p> <p>“poupar” (T4A7)</p> <p>“eu tenho uma conta poupança.” (T5A2)</p> <p>“eu guardo e depois se a minha mãe precisar dou.” (T5A9)</p> <p>“eu guardo sempre porque, por exemplo, hoje vou ter de ir comprar umas sapatilhas para a viagem e já tenho o dinheiro guardado.” (T5A10)</p> <p>“eu vou guardar para a faculdade.” (T5A14)</p>
	Conceito de gerir	<p>“ganhar dinheiro e aos poucos ir guardando” (T1A7)</p> <p>“organizar bem para não gastar tudo” (T2A2)</p> <p>“saber usar o dinheiro” (T3A6)</p> <p>“cuidar dele [dinheiro], guardar para usar com as coisas mais importantes” (T4A3).</p> <p>“direcionarmos um certo dinheiro para uma coisa, por exemplo, a eletricidade, outra parte para o gás, para a água..., é para as despesas” (T5A10).</p>
Despesas Familiares	Origem do dinheiro para pagamento das despesas	<p>“recebem do trabalho” (T1A3)</p> <p>“é mesada” (T1A16)</p> <p>“com dinheiro” (T2A3)</p> <p>“dinheiro do trabalho, do banco” (T2A4)</p> <p>“com o salário” (T2A6)</p> <p>“trabalho” (T4A5)</p> <p>“não sei” (T4A8)</p> <p>“ordenado” (T5A1)</p>
	Exemplos de despesas necessárias	<p>“casa” (T2A7)</p> <p>“gasolina” (T2A15)</p> <p>“a renda” (T3A2)</p> <p>“comida” (T4A2)</p> <p>“são os bens essenciais” (T5A3)</p> <p>“é tipo os bens maiores” (T5A13)</p>
	Exemplos de despesas inesperadas	<p>“uma coisa que nós gostamos” (T4A1)</p> <p>“avaria a máquina de lavar” (T2A6)</p> <p>“quando o telemóvel se parte” (T2A9)</p>

		<p>“roupa nova” (T3A4) “o carro” (T4A3) “partir a cama” (T4A11) “são aquelas que não precisamos de ter” (T5A5) “são desnecessárias” (T4A10) “quando ficamos doentes” (T5A14).</p>
	Exemplos de despesas variáveis	“tipo a luz, a água, o aquecimento” (T2A...)
	Exemplos de despesas fixas	<p>“tv” (T5A2) “temos de pagar sempre o mesmo valor por elas” (T5A3) “seguro” (T5A4) “internet” (T5A13)</p>
Orçamento Familiar	Conhecimento prévio	<p>“dividir o dinheiro pela família” (T3A10) “quando se faz o orçamento das obras de casa” (T4A2) “eu só sei o que é orçamento” (T4A6) “eu já ouvi falar, mas agora não me lembro” (T5A5) “não sei o que significa” (T5A8) “eu lembrava, mas agora esqueci-me” (T5A11) “orçamento é tipo, querem comprar um móvel e querem saber quando custa então pedem o orçamento” (T5A11)</p>
	Definição	<p>“é o dinheiro que a família tem” (T2A16) “é o dinheiro que fica depois de pagar as despesas” (T3A1).</p>
Perguntas finais: Avaliação Final		
Perceção sobre o jogo	Apreciação final/feedback	<p>“de tudo” (T1A1) “eu gostei” (T3A1) “fixe” (T3A4 e T4A11) “divertido” (T3A6) “com algumas perguntas difíceis, mas foi giro” (T3A10) “muito fixe” (T3A15 e T4A5) “eu adorei tudo” (T3A16) “foi a melhor aula de sempre” (T5A3) “muito divertido” (T5A5)</p>
	Aspetos positivos do jogo e benefícios de aprender através do mesmo	<p>“eu percebi melhor” (T3A1) “deu para perceber melhor as coisas” (T3A4) “é mais divertido” (T3A11) “é muito mais fixe” (T3A16)</p>

	<p>Aprendizagens obtidas</p>	<p>“aprendi as despesas, já sabia que existiam as necessárias, mas não sabia que as inesperadas também eram.” (T1A1) “não gastar dinheiro com coisas desnecessárias.” (T1A2) “poupar e gerir.” (T1A5) “que devemos poupar e não devemos gastar logo o dinheiro.” (T1A10) “poupar o dinheiro.” (T1A16) “gerir.” (T2A3) “não sabia nada” (T2A5) “aprendi a palavra salário” (T2A7) “quando recebemos o dinheiro devemos guardar para usar para coisas importantes.” (T2A7) “eu fique a saber como é que podemos gerir o dinheiro melhor.” (T3A10) “eu já sabia” (T4A11) “semanada, só sabia mesada” (T4A14) “os nomes das despesas.” (T5A1) “a poupar.” (T5A3) “eu sabia quase tudo” (T5A3)</p>
	<p>Sugestões de melhoria</p>	

Apêndice VI. Respostas obtidas no pré-teste/Organização por categorias e subcategorias

Blocos	Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Bloco 3	Perceção dos/as professores acerca dos conceitos Literacia Financeira e Educação Financeira	Definição de Literacia Financeira	“ora bem, são dois conceitos que se tocam, mas eles são um bocadinhos distintos não é... porque literacia financeira tem mais a ver com o saber em uso, são as competências que se vão adquirindo, as competências para usar, um conhecimento prático de como as coisas funcionam”
		Definição de Educação Financeira	“enquanto a educação literária é o processo de aprendizagem que vamos aprendendo para depois podermos aplicar, é o ensinar e o aprender”
	Importância atribuída pelos professores à Educação Financeira nas crianças	Benefícios e efeitos da Educação Financeira	“se for desde cedo, se elas começarem desde muito cedo a lidar com tudo isso depois na vida prática é muito mais fácil o lidar com o dinheiro, saber a importância, o valor dele, o saber que desperdiçar não é bem, até porque elas às vezes fazem birras para comprar e têm de saber até onde podem ir, o que não podem, saberem poupar para atingir objetivos” “acho que através da educação financeira elas vão perceber tudo isso”
		Educar desde cedo e de forma contínua	“eu acho que é muito importante, que as crianças comecem a lidar desde cedo com estes conceitos, porque é uma aprendizagem que se vai fazendo paulatinamente”
	Iniciativas e projetos de Educação Financeira	Conhecimento de projetos ou iniciativas	“estou-me a recordar agora do plano nacional de formação financeira, o próprio ministério da educação tem esse programa também como referência para os professores e também para os alunos, para eles poderem consultar brochuras, jogos, para poderem implementar e

			<p>aprender alguns conceitos ligados à educação financeira. Também existe um concurso a nível das escolas, o “todos contam”, que permeia escolas que façam atividades ou projetos no âmbito da educação financeira e os melhores são premiados com um prémio em termos de dinheiro. Depois também nas escolas, em algumas não é em todas, eu estive ali na Emídio Garcia e fazíamos a semana da educação financeira, em outubro é o dia da poupança e então fazíamos um série de iniciativas. Na educação para a cidadania são muitos temas e que acaba por não serem obrigatórios, o tema da educação financeira pode não ser obrigatório para se explorar”</p>
		Medidas sugeridas para o contexto escolar	<p>“eu acho que em contexto de sala de aula se devia explorar anualmente e, por isso mesmo, fazer parte integrante do currículo, essa era uma medida que era fundamental, como tema obrigatório”</p>
Bloco 4	Perceção dos/as professores acerca da eficácia do Jogo como recurso pedagógico	Conceito	
		Estratégia de aprendizagem	<p>“concordo plenamente, eu adoro jogos e adoro envolver as crianças em atividades de jogo, até porque o jogo é uma estratégia como já referiu, mas muito, muito interessante, porque os envolve de uma forma muito ativa, eles aprendem. Acho que o jogo é muito, muito interessante para a criança realizar aprendizagens e nós cumprimos os objetivos, e para o alunos desenvolverem a resolução de problemas e todos esses aspetos que eu já referi”</p>

		Vantagens	“há muitos tipos de jogos, aprendem a trabalhar em equipa, aprendem a colaborar, então para a resolução de problemas é fundamental, eles próprios podem ir construindo o conhecimento à medida que vão avançando nos jogos, desenvolve muito o pensamento crítico e o pensamento também criativo”
		Desvantagens	
	Experiências pessoais	Frequência e circunstâncias	“eu acho muito interessante, eu própria construo muitos jogos para desenvolver com as crianças, ainda agora está-me a fascinar uma parte que é fazer, construir escape room, estou eu a construí-los para depois poder aplicar, neste momento estou a pegar em histórias para explorar o gosto das crianças pela leitura, estou a ir por aí”
		Respostas das crianças	
	Dinâmicas com jogos sobre Educação Financeira	Educar financeiramente através do Jogo	“ainda não recorri à parte financeira, mas é uma possibilidade de os envolver para ver como é que eles poupam para depois chegar a um determinado objetivo”
		Conteúdos a abordar	“todos os conteúdos são possíveis de explorar no primeiro ciclo, claro que temos de ter em atenção o grau de complexidade e aquilo que a criança naquele momento precisa, adaptar ao nível da criança”
Bloco 5	Perceção dos/as professores acerca do	Definição de Educador Social	
		Importância deste	“eu acho que ele tem um papel muito importante porque usa ferramentas

	Educador Social	profissional na sociedade	pedagógicas e poderá promover a inclusão, complementar de uma forma salutar porque se o educador social promove a igualdade, se faz com que a nossa sociedade seja mais justa e mais inclusiva”
		Importância deste profissional na escola	
	Intervenção do Educador Social na promoção da Educação Financeira	Promoção da Educação Financeira	“a colaboração é essencial, ele pode contribuir para ajudar a desenvolver todas essas capacidades das crianças, porque até tem outro conhecimento de cá de fora, das dificuldades das famílias que se calhar nós as vezes não temos, porque lida com essas situações”
		Exemplos de possíveis intervenções	“através de palestras que possa ser convidado à escola e falar, pode dar aos professores e aos alunos ou implementar atividades”